



NOBILITATE



"São os do Norte que vêm..."

LOBATO NA AMÉRICA

Artur Coelho

Quando Monteiro Lobato deixou o palco dos vivos pelos bastidores misteriosos da morte, muitos de seus amigos, principalmente aqueles que tinham convivido com ele nos últimos tempos, surgiram logo nos jornais, trazendo cada qual a sua oferta de dor, o seu tributo de saudade. Eu li muitos desses escritos, mandados por amigos que conheciam o afeto que me prendia a Lobato, e cá de longe, da América que nos viu juntos, sofri calado a minha mágoa. Cobia-me dizer algo, eu bem sentia, porém não pude fazê-lo naquele

Escritor tão do nosso agrado, rigorosamente sincero, e que tanto produziu, Lobato foi muito discutido, no começo, por causa da sua rebeldia incompreendida, tendo sido também um dos primeiros dos nossos a aparecer aqui em tradução inglesa, em muitos dos seus belos contos. Já em 1922, falava dele, em capítulo especial, a "Brazilian Literature" de Isaac Goldberg, que foi ainda o tradutor de seus "Brazilian Tales". Goldberg iniciava esse capítulo traduzindo uma deliciosa carta que lhe mandara Lobato — missiva admirável — e cujos detalhes serviam para situá-lo, esclarecidamente, como o mais individual e dinâmico dos líderes da revolução que se dava nas letras nacionais, e que, graças a ele, ia praticamente da impressão às coisas impressas. Isto é, da idéia à revista e ao livro!

Depois, como attaché comercial, Lobato passou-se para cá. Inteligentemente, Goldberg já havia prematuramente desaparecido. Não pude conhecer a pessoa o homem original e desprezado de vaidade, de quem falara com tão justa simpatia. Escrevendo um artigo para o Brasil, em janeiro de 39, sobre o passamento de Isaac Goldberg, eu me referia a esse seu capítulo X, todo dedicado a Lobato:

"E não admira que assim se expressasse, concentrando nele — Lobato — a força dos modernos, porque, de fato, quem poderá tentar uma descrição desse quarto de parturiente — que era aquele período de pós-guerra — com os primeiros vagidos das "letras novas", o cheiro peculiar de alfazema, os banhos de assento, as saudações feitas a copos de coquinho, e os votos fingidos ou não de meia-dúzia de coadjuvantes, — quem poderá aludir a tais coisas, sem trazer à baila a atividade de mestre Lobato, verdadeira midwife da bebê-literatura-moderna, que hoje está moedinha? Os "Urupês" foram o gamela em que lhe cortaram o umbigo e tomou o primeiro banho..."

Naquela época, estávamos longe dos romancistas vitoriosos de hoje — os Zé Lima, Veasimo, Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Amanda Fontes, etc. Monteiro Lobato era, de peito, o jequitibá de galharia derramada, encortinado de senambaias, cheio deinhos, com cortiços de abelhas pelos ócos e saquins brincando de trapéio de rama em rama, — árvore senhorial daquela selva literária, que olhava para as outras muito de cima, fazendo-lhes sombra..." Volvidos tantos anos, estas comparações, creio, ainda valem.

Lobato chegou, viu e gostou da América. Claro, se era sua antiga sweetheart! Lá estão na "Barca de Gleyre" as cartas entusiásticas que daqui mandou ao Rangel. Descobriu logo no robin americano um primo legítimo do nosso sãbia. Só faltou dizer, para languizá-lo, que cantava em inglês. A América era aquilo — justamente o que ele esperava: uma resolução de problemas, a roda número um do grande progresso. Não já havia sonhado tanto com ela, vendô-a de longe, a golpes de imaginação, quando escrevia "O Choque das Raças"? Ao contrário de tantos brasileiros que aqui chegam de nariz no ar, apontando defeito em tudo, o Lobato não teve decepções: a sua admiração tornava-se agora mais categórica. Assarim, enanorado da terra, não lhe procurava senões — via só aquilo que lhe parecia interessante e que tivesse certa aplicação ao "caso brasileiro". Sim, porque consertar o Brasil — curar a nossa gente de dentro para fora, da nossa não ao aproveitamento cumulativo das nossas "fabulosas riquezas inexoradas" — fora sempre uma grande preocupação de Lobato.

Disse Shakespeare que até o demônio cita a Escritura, quando a citação lhe convém. Ora, sem querer competir com o anjo decalado, li está na Bíblia — "A quem eu amo castigo e re-

prendo". Lobato amava extremamente o Brasil. Daí não lhe poupar a pele, fustigando-o sempre, para ver se o bicho tomava bríos e endireitava. Outro não foi o objetivo de suas campanhas. Primeiro, com a saúde das nossas populações rurais; depois, pelo lado da economia, — querendo salvar o Brasil pela industrialização do babaço, do ferro, do petróleo...

Quando Lobato voltou ao Brasil, depois de uns quatro anos de ausência, levou consigo material para um livro projetado. Era o "América". João Ribeiro, ao noticiar o seu aparecimento, disse no *Jornal do Brasil*: "Monteiro Lobato escreveu sobre a América o livro que todos esperávamos dele..." Depois, entrando em comentários, disse que para ele, Ribeiro, a América de verdade tinha sido sempre a de lá, a grande América, retratada por Lobato. E já para o fim de crônica, fazendo suas certas queixas do autor, concluiu, se bem me recordo: "O Brasil tem um mundo de problemas a resolver... Quando os resolverá? Consoa-se com uma coisa: como tem por diante de si a eternidade... espera!"

Nesse livro, cheio de entusiasmo e de observações inusitadas, o autor de "Mr. Slang e o Brasil" veio redescobrir aqui o velho inglês da Tijuca, para com ele penetrar os escaninhos de Nova York. Recomeça então o diálogo crítico há anos interrompido.

Lobato viu aqui coisas realmente próprias de olhos lobatescos. Ele sorria-se interiormente, refletindo nos olhos pardos a satisfação que sentia. Escrevendo, disse da América o que ninguém ainda havia dito — porque o disse ao seu modo, com aquele pitoresco de expressão de que ele tinha o segredo. Descobriu um ângulo novo em cada coisa, tirando de tudo conclusões, senão sempre certas, engraçadas e lobáticas. Sabia que estava diante das realizações de um povo preocupado com engendrar, "fazer", pôr de pé. O americano só entra em contemplação para ver se o que fez está bem; se funciona, se serve. Serviu? — Toca pra frente, vamos fazer outra coisa! Nada do feito contemplativo português, que os obrigou a ficarem quatro séculos embaixados diante do que fizeram num século de milagres! Lobato, exemplo raro de dinamismo no Brasil, adorava esse

"toca pra frente", esse marche-marche das palpitantes lanques. Nova York, que ele viu num auge de construções, mereceu-lhe o epíteto de "cidade dos picapaus", para dizer do repinicar metálico dos martelos de ar comprimido. O cachorro, esse reinho da América, teve dele um capítulo e tanto. O *gangster*, que a outros visitantes parecia, com lógica, inexplicável selvageria, recebeu uma explicação lobateana de marca: "produto de excesso de riqueza". Realmente, é o mesmo *goguetismo* dos outros agindo de trás para diante. As cidadezinhas americanas, em que uns bobalhões brasileiros dizem ver uma standardização chocante, encantaram, mercenariamente, o nosso Lobato, que verificou logo, dementindo a observação daqueles, não haver duas casas iguais numa mesma rua — casas sôitas em seus gramados, ajardinadas, com espantosa ausência de muros e tapumes. Fez logo uma comparação com as casinhas das nossas cidades do "interior" — tôdas do mesmo feitio! Sem gosto, sem conforto, índice irretorquível da nossa pobreza! E muros, cercas, fachadas de toda a parte! Herança portuguesa, observou justamente Mr. Slang pela boca de Lobato. Com efeito, o português andou por *lote-pô-chimna*, mas só pensou nas colônias de fazer um tipo de casa — a casa porta-e-janela, feia, escura, chata! Havia o tal estilo colonial, mas isso era só para senhores-de-engenho e ricascos...

E a mulher? A americana, com que tem topado tanto lustre visitante, desde De-Tocqueville para cá, não escandalizou o Lobato, Achou-a linda, naturalíssima. Bateu-lhe as palmas na questão marital... Riu-se foi do homem. Com blague ou não, escreveu sobre ela o capítulo mais *veitisco*, mais original, que já lhe dedicou um visitante. O nosso amigo Naylor, que esteve dez anos no Rio, traduziu quasi tôdas essas páginas para o seu livro "The Glamour of Brazil", e em inglês ficaram ainda mais estufantes. A linguagem é Mencken ou Bernard Shaw do melhor quilate.

Ora, Lobato nos deu no "América" suas impressões da terra do Tio Sam. Mas ninguém

ainda escreveu sobre Lobato na América. Vê-lo aqui, conversá-lo, ouvi-lo, e observar suas surpresas e reações ante as coisas americanas — é assunto que me parece interessante. E, sem dar a esta crônica nenhum senso de direção, ou de continuidade, quero expor a seguir algumas impressões das nossas andanças em Nova York.

A minha admiração por Lobato vem lá do começo. Estava eu no Amazonas, aonde a sua



Monteiro Lobato e Artur Coelho em New York (fotografia inédita — 1930)

chama me foi pegar. O homem acabava de surgir. Sem nunca ter cuidado falar do seu nome, comprei um dos cinco exemplares dos "Urupês" que subiram o rio-mar, isto antes de Ruy ter feito a apresentação do Jeica no Senado. Exterioirmente, era uma brochura como qualquer outra, com a gravura de "mats-pati" na capa amarela. Abri o livro casualmente, que me indicara Aderson Magalhães na livraria Palais Royal de Manaus Abro-o no conto da "Peroba". Lá algumas linhas e tudo me pareceu novo, interessante, diferente do que nos vinha do sul. Comprei o livro. Era um caso de *love at first sight*...

Depois, a fama de Lobato tomou raízes pela terra toda. Ramalhou que nem imbuiba no brejo. Já o destino atirára comigo para Nova York — e um dia, um amigo, Henrique Blunt, me deu a notícia de que Lobato estava na cidade, e ele próprio depois m'o apresentou. Mera apresentação, pois o conhecimento vinha de longe.

Nos primeiros meses de residência em Nova York, Lobato morava em Jackson Heights, bairro bonito para onde o levára o Blunt, seu vizinho. Eu morava na rua 19-Oeste: separavamos uma floresta de aranha-céus de muitas milhas de distância. Mesmo assim, Lobato visitou-nos algumas vezes. Mais tarde, outra visitação do acasos: passei-me para a rua 138 e Lobato veio morar na Broadway, à altura da rua 143. Vizinhos, portanto. Começam então as nossas caminhadas aos domingos. Saíamos aí pelas dez da manhã e íamos geralmente de Broadway acima, ou pela beira do Hudson, a

ver a bela ponte de George Washington, que estava em processo de levantamento. Íamos lá tôdas as semanas. Era espantoso o progresso que se notava em sete dias de trabalho.

Muitas vezes chegávamos perto da ponte, e Lobato, que nunca perdera a pachorra dos sketches a lápis, sentava numa pedra na barranca do Hudson, e de caderno nos joelhos, fazia croquis da ponte ou de outros aspectos locais — como o Medical Center, que também estava em construção. Enquanto o lápis ia delineando sombras e contornos, corria a imaginação de mestre Lobato sobre assuntos seus, ou discutia-nos coisas sôitas ou restos de histórias de outras caminhadas. As vezes, Lobato levava capítulos de contos infantis, para nos ler — como se deu com "Pena de Papagnio", "Pós de Perimpimpim", etc.

Se Lobato "editado" é aquilo que até as crianças sabem — uma maravilha de escritor — o Lobato "falado", como eu o ouvia naquelas manhãs de sol, era um encanto. O codaquista dos "Urupês" tinha lances geniais. Tivera eu tido a intuição de um Baswell, e houvesse tu-guifrado as tiradas espontâneas do nosso Dr. Johnson, que interessantes cadernos não teriam ficado daquelas caminhadas e trilas de pura felicidade!

Lá estou como passageiro da "Barca de Gleyre" — anotando Lobato que nas nossas andanças tratávamos quasi sempre de invenções. De feito, estabelecêramos como programa que cada um de nós levasse para discussão um invento qualquer. Dona Puzezinha, quando eu ia buscar o marido para os passeios, mostrava curiosidade pelas "idéias", das quais já algumas, tendo ocorrido a outros ideiosos, tomaram forma e são hoje objetos de uso.

Certa manhã, ao entrar no apartamento, Lobato ainda não estava pronto. Falando com Dona Puzezinha, quis ela saber que novidade eu levava. "Bem", disse-lhe, "é uma coisa muito prática..." "Que é?" — inquiriu ela. "Uns óculos sem aros!" "Como assim?!" "Bem, é uma espécie de conchinhas de vidro em forma de meio-olho e preparadas com o grão que se necessita. Coloca-se sobre o glóbulo dos olhos e fica-se vendo como através de óculos, mas sem que os outros suspeitem de nenhum defeito na nossa vista..." Dona Puzezinha riu-se, apresentando o óbice de que devia doer, ao que atalhei logo, com o entusiasmo de inventor coisa do invento. Disse-lhe que sim, haveria uma *dorzinha*, uma espécie de desconforto, como o de quem usa uma dentadura postíca pela primeira vez. Depois, a gente esquece...

Na rua, expliquei o rasgo inventivo a Lobato, que gostou da idéia. Ao voltarmos do passeio, disse-me Dona Puzezinha que ficara pensando nos óculos sem aros, e de tanto imaginar como seriam, estava com os olhos desdendo...

Pois bem, essa idéia, surgida de brincadeira, apareceu depois na prática, quando Lobato já se tinha ido. Mandei um retalho do jornal que a anunciava, com o clichê, a Dona Puzezinha, para ver como era. Chamam-se esses óculos "contact lens", porque são colocados diretamente dentro dos olhos, sendo suportados pelas pálpebras. Preferem-nos às senhoras, que não querem que os clássicos espantinhos lhes adumbrem a beleza.

Uma das invenções bacanas de Lobato era um aeroplano à prova de queda; isto é, no ato de cair virava paraquedas. Consistia de fuselagem mais ou menos convencional. As asas ficariam reduzidas a um só plano, ou asa dupla, sôlta do corpo do aparelho, porém a êle ligada por seis secções de cabos de arame, três de cada lado. Cabos ou varões de duralumínio. O avião arrancaria de corrida sobre suas rodas, suspensa a asa dupla (no caso de varões, ela já ficaria em ponto) como quem suspende um papagaio para o empinar, ela tomaria vento, e em pouco o aparelho estaria em vôo, levando a asa um pouco atrás de si. Parando porém

(Continua na 7a. pag.)

TÓPICOS

FLIT NA ACADEMIA



Silvino

Jamais esperávamos que um escritor tão paisano como o jornalista Silvino Lopes fosse capaz de trocar a sua civilizada indumentária pela de um verdadeiro soldado de batalha do "Flit". Pois isso aconteceu quando, acadêmico, que não tem pressa de ser chamado de ilustre, saudou o ingresso do seu colega Gilberto Osório de Andrade na Academia Pernambucana de Letras. Quando o público aguardava ansioso a entrada de Silvino Lopes de vassoura em punho, eis que o autor do "O homem bom" ingressa no recinto com uma bombinha de flit dentro de seu discurso e procede uma "deteização" em regra nos mesmos acórdãos, penetrando em todos os escaninhos e meandros do bolorento e nunca assim louvada currujele de seus pares.

Depois de seu discurso, que, como "flit", mata sem fazer mal aos mortais circunstantes, a Academia tem que arranjar gente nova, nova no sentido de gente de talento, para preencher as inúmeras vagas agora existentes. Ou então cairá no risco de fazer sessões como se fossem espíritos, mas sem isso será possível enquanto os que foram varridos pelo "flit atômico" não poderão lá voltar nem em espírito porque a gente só se apresenta com o que possui.

O peito mesmo é perderem o acanhamento e publicarem um edital:

"Renovação integral da Academia"
"Apareçam os candidatos".



PROUST E A PROVINCIA

Edições das províncias



O. Alecrim

O título deste comentário causará espanto, sem dúvida, aos que conhecem Marcel Proust através de seu aparente "snobismo" literário e de suas atitudes deturpadas por uma publicidade de superfluo. Por isso mesmo, o Proust-Clube, com sede no Rio de Janeiro, tendo à frente Otacílio Alecrim, Eustáquio Duarte e Saldanha Coelho, vai colaborar ativamente no próximo número de "Nordeste" dedicado a "Proust e a província". Nele ficará estudada a importância que a província, como fonte de vida sensível, teve na obra de Marcel Proust.

Além da colaboração brasileira, publicaremos fotografias inéditas, recebidas diretamente da França, e ensaios de alguns franceses sobre a relação do solitário de Combray com a literatura provinciana. Um número assim será mais uma homenagem nos que trabalham nas distantes províncias brasileiras e que nem sempre chegam a ser conhecidos na metrópole. No Recife, já contamos com o apoio de Gastão de Holanda e Gláucio Veiga, dois proustianos que representam, com talento, o espírito da província de Duarte Coelho.

"O Modernismo Brasileiro" — edição "Região" — Recife, 1940.

A revista "Região", depois de ter lançado o livro de poemas "O Rosty", de Guerra de Holanda, acaba de publicar um livro de ensaios de Antônio França, onde o autor reúne uma seleção de artigos já publicados nos jornais recifenses e mais alguns estudos inéditos sobre o desenvolvimento da consciência democrática no país através das suas manifestações literárias e políticas.

Vê-se no sr. Antônio França um teórico de materialismo dialético que procura traçar paralelos entre a nossa evolução mental e nosso desenvolvimento econômico-político. "O Modernismo Brasileiro", embora tenha páginas muito elucidativas no terreno das trincas ideológicas, ressent-se de uma apresentação literária mais apurada denotando a pressa com que foram escritos alguns capítulos, principalmente os primeiros e os últimos.

Com essa edição, a revista do sr. Edson Regis, firma-se como a única editora de Pernambuco em atividade.

"A viagem definitiva" contos de Eduardo Campos — Edições CEA-Portaleza, 1949

A revista "CER", ao comemorar o seu primeiro aniversário, lançou também, em bem cuidada edição, os contos do sr. Edu-

ardo Campos, um dos mais jovens ficcionistas do grupo cearense que Raquel de Queiroz ainda um dia dêses elogios, sem falar no artigo de Lúcia Miguel Pereira que salientava a força daquele movimento que já atravessou todas as fronteiras do país.

Nos contos do sr. Eduardo Campos sente-se o ficcionista do cotidiano com qualidades de alta classe para tão difícil gênero da ficção. Todos os contos de "A Viagem Definitiva" são modelados, muito embora nem todos mantenham o mesmo grau de emoção do primeiro que abre o volume e que deu título ao livro.

Não é demais insistir que, ao par da sobriedade de forma nos seus contos, a edição de "CER" é um modelo de bom gosto tipográfico.



NOVA GERAÇÃO



Léo Ivo

Dentre a nova geração de poetas e escritores destacam-se já alguns nomes que merecem a atenção dos chamados velhos geracionais. Léo Ivo, Fernando Ferreira de Leanda, Dalton Trevisan, Raimundo Faoro, Edson Regis, Ariano Suassuna, na metrópole, no Paraná, em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, em Pernambuco são espíritos jovens que já ultrapassaram as fronteiras dos exercícios literários e que já publicaram algo de definitivo para a cultura nacional. Vozes novas de um tempo novo, eles cantam as suas estrofas ou traçam os seus conceitos críticos com a segurança de quem sabe muito bem que a literatura não é uma brincadeira de mesa de café pequeno. Para a geração de Léo Ivo e Raimundo Faoro as páginas de "Nordeste" estarão sempre abertas.



AS EXPOSIÇÕES DA DIRETORIA DE DOCUMENTAÇÃO E CULTURA



Shakespeare

A D.D.C. recorre às exposições: a de Shakespeare e de desenhos de Eros Gonçalves. No segundo dos Síndicos dos livros de Empregados no Congresso de Pernambuco, diariamente o povo lá compareceu para admirar as figuras pernambucaníssimas de Eros Martin Gonçalves e a documentação foto-

gráfica a respeito da obra de Shakespeare e dos Brontë. Mais uma vez a D.D.C. cumpriu a sua finalidade levando ao conhecimento do povo as grandes realizações artísticas, não só da pintura como também do universo.

UM NOVO ROMANCISTA



José Condé

A publicação da romanceira "Ondá Selvagem", do sr. José Condé, marcou um acontecimento literário para as letras pernambucanas. E quando limitamos esse acontecimento às poucas letras, o fazemos de caso pensado para mais realçar a significação do aparecimento de um novo romancista, o desta vez pernambucano, pois todo mundo se lamenta da falta de romancistas em Pernambuco.

Pelos capítulos que a popular revista "O Cruzeiro" vem publicando, já podemos anunciar aos nossos leitores que Pernambuco possui agora um jovem romancista que muito ainda poderá fazer pela tradição de nossas letras no terreno um tanto pobre da ficção.

"Nordeste" saudou em José Condé o romancista da nova geração de escritores e poetas pernambucanos.



ATIVIDADES TEATRAIS



Hermilo

"Nordeste" inaugura, neste número, uma nova seção de teatro a cargo do sr. Hermilo Borba Filho, um dos elementos de mais atuação no atual movimento teatral pernambucano. A iniciativa desta revista — que sempre divulgou com o maior relevo o nosso progresso na arte cênica — vem divulgar nos centros mais diversos do país a força de nossa contribuição para o teatro nacional.

Ainda agora temos a assinalar a passagem de Ziembinski entre nós, passagem que se vem caracterizando por uma atividade das mais construtivas. No Teatro de Amadores já ensaiou e levou à representação duas peças: "Nossa Cidade", Thornton Wilder, e "Pais e Filhos", de George Bernard Shaw. Enquanto isso o Teatro do Estudante de Pernambuco representou com admirável sagacidade a velha peça de Sófocles, "Édipo Rei", com cenários do pintor Eros Gonçalves, outro elemento que muito tem ajudado o teatro pernambucano.

Por sua vez, o Teatro Universitário acaba de contratar Ziembinski para dar um curso de teatro. E o Teatro dos Bancários anuncia uma nova peça. "Nordeste", que nunca esteve indiferente ao movimento teatral pernambucano, entregando a sua seção a Hermilo Borba Filho está certa de que prestará uma colaboração útil junto a esse saudável e vitorioso movimento.

SUMÁRIO

ARTIGOS de Artur Coelho, José Bezerra Gomes, Aderbal Jurema e J. C. Trevián

ESTUDO de Costa Porto

"LOS DIARIOS" DE UM ESQUIZO. FRÉNICÓ, apresentação de Guerra de Holanda

REPORTAGEM de Tilde Canti

CONTOS de Angela Delouche e J. Bandeira Costa

SONETOS de Carlos Moreira

SECÇÕES DE

TEATRO por Hermilo Borba Filho

ARTES PLÁSTICAS por Sergio Milliet

MÚSICA por Gastão de Holanda

XILOGRAVURAS, DESENHOS, AQUARELAS E ILUSTRAÇÕES de Ladjane, Eros Gonçalves, Carlos Thiré, Elezior Xavier e Yllen Kerr

TÓPICOS — BIBLIOGRAFIA — REPORTAGENS

SALVADOR DA BAHIA

(Continuação da pag. 20)

A porta da biblioteca, com as almofadas finamente entalhadas, é encimada por um frontão onde está gravada a data de 1751.

Um dos artistas conhecidos como tendo trabalhado em estalhes da igreja e convento foi frei Luiz de Jesus (as grades de jacarandá do convento são obra dele).

Em 1708 foi começada a magnífica igreja que existe hoje entalhada e esculpida literalmente, onde um vão sem ser traçado é raro, recoberta de branco e ouro, exprime o apogeu do barroco. A riqueza do jacarandá torneado, as figuras dos azulejos em relevo e coloridos (Fig. II, o côro e o púlpito ricamente entalhados, fazem desta igreja uma das obras primas da arte colonial brasileira e o monumento religioso mais famoso no Brasil, pela riqueza artística de seu acabamento e pujança do barroco que reveste seu interior de ouro de lei. Toda essa riqueza e grandiosidade é encerrada por uma fachada relativamente modesta, principalmente ao lado da Igreja da Ordem 3.ª de S. Francisco, que tem uma das fachadas mais trabalhadas do Brasil. Esta é toda recoberta de uma coração barroca onde já aparecem vestígios da decadência desse estilo. Sua construção foi começada em 1705 e mil trezentas vezes reformada. Seu interior é menos rico, mais simples e menor que da Igreja de Sto. Antônio (convento de S. Francisco). Uma das coisas que nos chamou a atenção foi uma barra de azulejo português com o histórico da chegada de D. João VI; portanto bem mais recente que sua construção. Igualmente interessante seu portão colonial.

Onde hoje existe a Igreja da Conceição da Praia, foi construída a "capela dos marinheiros" pelos primeiros navegantes que portaram a Salvador. Em 1623, por doação da família Cavalcanti de Albuquerque, foi levantada a primeira capela para uso da freguesia. Entretanto só no S. XVIII a atual igreja foi construída; sabe-se que a fachada de pedra d'Alcantara chegou de Portugal em 1724; e supõe-se que tenha sido seu trabalho por concluído em 1765. A igreja de uma só nave tem seu teto recoberto por uma só pintura. Seus altares são esculpidos em madeira recoberta de branco e ouro em um barroco mais discreto e mais fino que da Igreja de Sto. Antônio. O chão da igreja é em mármore colorido e formado desenhos nas estalhes das igrejas italianas do renascimento (principalmente Florença e Pisa). A cancela das grades da comunhão, em bronze dourado, é notável. Na sacristia, além do esguicho esculpido em mármore, no estilo barroco mais puro existente na Bahia. Há azulejos feitos sobre cerâmica com azul, branco e amarelo. Seus móveis são maravilhosos, principalmente uma mesa manuseável e uma cômoda D. João V. Seu estilo obedece mais à transição entre o renascimento e o barroco; por outra, a influência francesa foi maior do que a italiana. Essa é uma das igrejas interessantes da Bahia e fica logo atrás do mercado típico, na cidade baixa, perto do porto.

Além dessas, há uma infinidade de outras igrejas quase todas com algum passado histórico, marcos que consolidaram o Brasil Colonial. Entre essas, há várias que são verdadeiras obras de arte.

A época mais rica da Bahia decorreu entre 1672 e 1681, quando passavam pelo porto as náus vindas da Índia. Foi a época das reconstruções depois da cidade ter se refeito da guerra com os holandeses.

Na Bahia sentimos fortemente o Brasil colonial.

- (1) — Fernão Cardim — Tratado da Terra e Gente do Brasil — pg. 255.
- (2) — Afonso de E. Tonnay — Na Bahia Oriental — 1614 — pg. 201.
- (3) — Pedro Calmon — História do Brasil — tomo II — pg. 290/81.
- (4) — A. Tonnay — op. cit. pg. 346.
- (5) — P. Calmon — op. cit. tomo I pg. 417.



NORDESTE

REVISTA DE CULTURA
Editada pela Empresa JORNAL DO COMMERCIO S. A.
Redação e gerência: RUA DO IMPERADOR, 463
1.º andar — Recife — Pernambuco

REPRESENTANTES:

- Hespanha (Barcelona): Cabral de Melo, Melo Funha (Paris); Cleora Dias
- Estados Unidos (New York): Artur Coelho
- Flo de Janeiro: José Condé
- São Paulo: Enio Silveira
- Alagoas: Silvio de Macêdo
- Bahia (Salvador): Jota Soares
- Parahyba (João Pessoa): Gumburra Filho
- Rio Grande do Sul (Porto Alegre): Silvio Ducan
- Rio Grande do Norte (Natal): J. Gonçalves de Medeiros
- Minas Gerais (Belo Horizonte): Lara Rezende
- Paraná (Curitiba): Dalton Trevisan
- Ceará (Portaleza): José Edésio Albuquerque

Diretor: Esmaragdo Marroquin
Redator-chefe: Aderbal Jurema

— Solicitamos permuta com as publicações congêneres.
— Todos os livros enviados a esta revista serão registrados independentemente de crítica assinada.

Número avulso Cr\$ 4,00
Número atrasado Cr\$ 6,00

DUARTE COELHO,

admirável afirmação de homem de Estado

Costa Pereira

Não se haviam passado dois décênios após a instituição do sistema das capitânias hereditárias e a Coroa lusitana muda de rumos, ensaiando o regime do governo centralizado, com sede na Bahia.

Fracassara a experiência dos donatários e fracassara, principalmente, porque se lhes trancara uma missão para cujo desempenho lhes faleciam os meios de toda natureza.

"Um vício constitucional minava o organismo, é a lição de Capistrano. Os donatários entravam para a empresa com recursos próprios ou emprestados: se os primeiros tempos corriam bem, a remuneração natural permitia-lhes continuarem com mais eficácia; no caso contrário, perdia-se todo o esforço... ou as capitânias vegetavam mortinas" (Capítulos de História Colonial, pag. 50).

Aprovitando-se da morte de Francisco Pereira, D. João "tomou posse da capitania deixada devoluta", para ali estabelecer uma organização mais vigorosa, criando um governo geral, "forte bastante para garantir a ordem interna e a concórdia entre os diversos centros da população". (id. ib.).

Em meio, entretanto, à debacé generalizada, salvaram-se alguns pouquíssimos núcleos e, entre eles, a capitania de Pernambuco, que passou a liderar o contingente fragilizado dos "raros mantes" escapados ao "gurgite vasto" da desordem desbordada.

Sessenta léguas a partir desde o rio São Francisco, que hé do cabo do santo Agostinho para o sul, até alcançar o rio que corre em redondo toda a ilha de Tamaraçá ao qual el-Rei chamou "rio santa Cruz e mado que así se nome", para o interior, "na mesma largura, pelo sertão e terras firme adentro, tanto quanto pudere entrar e for de minha conquista", eis o trato territorial quinhão a Duarte Coelho, bastardo da ilustre casa dos Coelhos, cujo tronco se a prender em Pero Coelho, do conselho de Afonso IV, justicador em Santarém, como um dos envolvidos na morte de D. Inês de Castro, a que "depois de morta foy rainha".

Tendo recebido a carta de doação em 5 de setembro de 1534, presume-se que em começo de outubro do mesmo ano haja partido para sua capitania, onde chegou a 9 de março de 1535, conforme se depreende de um complicado documento descoberto por Jordão de Freitas na Torre do Tombo e em que se lê: "ho dito D.º Vaz servya de bombardeyro de mayo da era de trinta e três anos até a esta de mil e quinhentos e trinta e cinco", e q estamos q aqy chegou Duarte queoelho a esta fortaleza a nove dias do mês de março da dyta hera".

Seu governo prolongou-se por cerca de 20 anos, até sua morte, sobre cujo local divergem os historiadores. Bramcamp Freire, nas águas de Jaboatão, pretende haja Duarte Coelho morrido em Olinda, contrariando, assim, a lição de Fr. Vicente, que o faz falecer em Lisboa, opinião reborada por documento valorosíssimo, registado nesta apostilha de Capistrano a "História do Brasil" do frade cronista: "No livro manuscrito de Duarte Albuquerque Coelho, lê-se que o avô não levou os filhos quando partiu para a Europa, poucos dias sobreviveu à chegada a Lisboa, onde o chamara el-Rei e foi enterrado na Igreja de S. João da Praça, no jazigo de D. Manuel de Moura, casado com uma irmã de D. Beatriz ou Brites de Albuquerque", a "D. Briatis", de alguns textos antigos.

Também há desacórdio em relação à data. Jaboatão e outros apontaram 7 de agosto de 1554, o que foi posto em dúvida por Varnhagen, baseado em argumento ponderável: de que o alvará de confirmação da doação, na pessoa do morgado, é de 10 de maio de 1554, e deite mo, teria sido passado antes da morte do donatário.

A dúvida de Varnhagen impressionou Oliveira Lima e Rio Branco, os quais, para conciliar os fatos, adotaram soluções engenhosas: Paranhos preferindo 7 de agosto de 1553, o historiador pernambucano esguisando-se pela expressão vaga "faleceu em principio de 1554".

Estudos recentes, entretanto, parecem demonstrar que a contradição vislumbrada por Varnhagen não existe. O pesquisador de tantos méritos, cuja pertinácia beneditina tamanhos serviços prestou à elucidação do nosso passado, foi traído por um erro de cópia no texto que compulso: o alvará, que é supõe ser do 10 de maio de 1554, é de 8 de novembro de 1550, sendo lícito, destarte, aceitar a data apontada por Jaboatão.

São estes, entretanto, problemas de nenhum valor prático para os que se interessam por estudar a obra de colonização levada a termo na Nova Lusitânia e são exatamente alguns destes aspectos que se visa a explicar nestas notas ligeiras.

Estabelecido que Pernambuco foi uma das poucas exceções ao fracasso geral do sistema idealizado por D. João III, força é convirmos que o êxito da capitania do norte encontrou, em parte, elementos externos altamente favoráveis e que Capistrano sumaria neste quadro:

"O porto de sômosen capacidade bastava às pequenas embarcações. A vizinhança dos Tabajaras (Tupiniquins) compensava as investidas constantes dos Potiguaras (Tupinambás). Nas várzeas canaviaes e engenhos; a lavoura de mantimentos aproveitou os altos; pau-brasil existia no litoral e no sertão; e estando esta capitania, de todas a mais oriental, a menor distância do reino, aqui mais que alhures frequentavam os navios de além-mar e pros-

perava o comércio. Os mares piscosos traziam a fartura e alentavam a costagem; caravelões espantavam os franceses que, desde então, começaram a evitar aquelas paragens". (op. cit. pag. 47).

Tudo isso pesava, sem dúvida, mas também tudo isso existia, em maior ou menor dose, noutras capitânias, o que, entretanto, não evitou mangrasses irremediavelmente, desde ser possível concluir que para o bom sucesso da Nova Lusitânia — nome depois superado pelo de Pernambuco — foi fator primordialíssimo a ação pessoal de Duarte Coelho.

O donatário é, na verdade, vulto singular de nossa história, em cuja galeria sáfara de grandes nomes, avulta com fulgor estranho, nenhum talvez o sobrepujando e raras podendo estar, no mesmo grau, as qualidades, que o extremaram, de dinamismo, zelo, equilíbrio e visão objetiva das cousas, constituindo-se, ainda hoje, um modelo de que se podem abeberar tantos improvisados homens públicos, que se fantasiam de estadistas e de administradores.

O rei de Portugal não agrá por palpite na escolha do dirigente da capitania, mas fixara-se em vassallo de comprovada folha de serviços, segundo acentuam as palavras mesmas da carta de doação: "esguardando eu, d.º o soberano, nos muytos serviços que Duarte Coelho a el-Rei, meu sór e padre... e a mym tem feitos, así nestes Reynos como nas partes da India, onde serujo muito tempo e em muytas coysas de meu serujco, nas quaes sempre de sy muy boa conta, avendo, como he rezão de lhe fazer así, por os serujcos que até qy tem feytos, como por os que me ao deante fará". Moldura que realça o perfil do donatário que se singularizava por um conjunto de qualidades naturais, aultando a lealdade ao rei e à pátria, a austeridade, a energia, o espirito de ordem e disciplina, noção do dever e senso de responsabilidade, visão de conjunto e realismo, capacidade realizadora, entusiasmo e desassombro, tenacidade e vigor.

Aquelles fatores externos recensados por Capistrano teriam, necessariamente, de influir no resultado da empresa, mas seria pueril imaginar que, por si sós, bastassem para assegurar-lhe o triunfo e se este, afinal, foi logrado é que tiveram de ser postas a dura prova as qualidades mestras de administrador de larga visão que o donatário florea na nos seus feudos.

Desenhava-se, ingente na verdade, a tarefa que se lhe oferecia, desafiando a decisão de vencer a todo custo.

"Tuco era necessário", eis uma frase que reporta de uma das suas cartas a el-Rei e na sua singeleza se pode enxergar o sentido duplo, insinuando pelo contexto, de que havia um mundo de cousas a realizar, tudo estando por fazer e tendo de ser feito através de dificuldades de toda natureza.

Não era Duarte Coelho homem que se desombresse com fantasmas: retemperado nas lutas ásperas da expansão do imperialismo lusitano, sobravam-lhe energia e vigor para meter embros a empresa, sem recuar deante dos "pellygros" e das "fadygas", que se lhe deparravam. Mas também não vivia de sonhos e de

lirismo, adormecendo eufórico, à conquista dos primeiros lousos.

Quase doze anos após sua chegada a Pernambuco, ainda se não sente encorajado a finalizar resultados sólidos e na primeira carta a D. João III limita-se a acenar que "a cousa está bem premyciada, a Deus louvares", não esquecendo, porém, de adiantar que fãto quase nada fôra abtido "com muito trabalho e azaz fadyga, tanta quanta ho senhor Deus sabe" e sem esconder que "ha muytos encomvenientes e estorvos para a coisa yr em crescimento, como eu ho desejo, para serujco de Deos e de V.A."

A função colonizadora era um pequeno mundo, em que o responsável precisava estar presente a tudo, animando, impulsionando, "levando pera dyante". Se o fulcro da colônia iria ser a cana de açúcar, não havia entretanto como esquecer todas as atividades subsidiárias que se entrossavam na vida dos canaviaes e cujo desenvolvimento reclamava as vistas do capitão. Na verdade, ao lado dos "que fazem enjenhos daququer, porque sam poderosos pera yro", existiam igualmente os que "plantam tros mantimentos", "os que husam de pescar", os que "husam de navios que amdem buscan do mantimentos", "os mestres denjenhos", os "mestres daququeres", "carpiteiros", "ferreiros", "pedreiros", "oleiros", "ofycyoes de formas e synos pera os aququeres", e a fim de arasta-toda esta gente, o donatário tinha de usar, inverter grandes capitais, supervisionando os menores detalhes e curando de todos os problemas ligados à sua transplantação e fixação no novo mundo.

Chegando em Pernambuco em pleno esplendor da fase mercantilista que entontecera a Europa postmedieval, é intuitivo também se deixasse Duarte Coelho empolgar pelo domínio do ouro e da riqueza que alicetava o mundo, a cabeça fervendo dos sonhos da Índia lendária e fabulosa, do Levante fantástico e maravilhoso, que enchia as vigílias do europeu, depoi da narrações de "mil e uma noites" de Marco Polo, sendo sua paisagem sentimental e espiritual aquela do quadro de Garcia Rezzen de:

"Tem robis, diamantes taes
Que não tem preço e conta
Emeraldas muy reaes
Perlas de muy gran valla
Espinelas e tem mais
Carbuncelos, ametistas
Turquezas e crisolitas
Cáfras, olhos de gato
Yagonças, de tudo é trato
E outras mais q nam sam ditas".

No caso do Brasil tais sonhos deveriam de ter um sentido mais de aposta, de salto de olhos vendados no escuro, porque desde o inicio ninguém fizera fé na terra descoberta.

Caminha, que se mostra um enamorado da suposta ilha, não seconde a pobreza do cenário, uma decepção e um tom de cépia no dourado da imaginação ebullente da época: "a terra de cima (é) toda praia, muito chá e muito fermosa... Até agora não podemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra cousa de me-

tal ou ferre; nem lha vimos... agos são muitas. Em tal maneira, é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo por bem das águas que tem... E que não houvesse mais do que ter V.A. aqui esta pouso para essa navegação de Calletat, bastava".

Só isso. Agnos, lugar de pouso, pau-brasil, papagaios, bugres — é tudo que oferece a mundo cabral no a ambição dos portugueses.

Ideias novas, porém, começam de ganhar terreno, mantidas pelos descobrimento de riquezas minerais na América espanhola, crendo-se, assim, nas regiões de Brasil, dentro do "dogma geográfico" de que o "Oriente escondia mais ouro e prata do que o Ocidente", concluiu mais tarde o autor dos "Diálogos": o Oriente é mais sobre que o Ocidente e portanto o Brasil mais espulento que o Perú".

De qualquer modo, valia arriscar, compreendendo-se, destarte, que o cuidado imediato de Duarte Coelho houvesse sido pensar na exploração de riquezas minerais, conforme se vê de sua primeira carta a el-Rei: "quanto as cousas do ouro, nam deixo de enquerir e precurar sobre e negocio e cada dia se esquentam mais as novas".

Não era, entretanto, tarefa cômoda esta de correr em busca de mineração. O ouro, se existia, localizava-se no interior desconhecido, daquy longe pelo meu sertão a dentro", onde se arreceitava chegar a marcha de penetração que se amarrara, lúida e vacillante, numa área de dez léguas do litoral. Para além desta fronteira, demarava o mistério, com sua fascinação, mas, ao mesmo tempo, com o seu poder de espavore e descoroçoar com a incerteza emolente em face dos perigos — a falta de meios de subsistência, a floresta agressiva, o burgue de flecha à espreita do reinol — "três jerações de mul perversa e bestial jente e todos muyto contrayros huns doutros".

Para acometer com a aventura só se animaria o donatário se contasse com elementos amplos que garantissem o êxito da penetração — o receio de "fazer bacoryadas", como as do Rio da Prata e do Maranhão, que, além peder muita gente, "acábaram em grandes prejuizos" e com "pyor, que hé fyca a cousa danada", acrescento, ainda, que Duarte Coelho só ficaria tranqullo se se pudesse pôr à frente de expedição e vendo-o distante, os franceses entrariam, como de hábito, a praticar "rybaldarias nas costas desgarracidas".

Todos estes fatores somados findam por fazer o deixar de lado os sonhos de ouro, aguardando melhor oportunidade, ou, para citar sua austera linguagem: "por yso espero a ora do Senhor Deos, em o qual praza a elle deos me cometa esta empresa e pera santo serujco e de V.A."

Enquanto não chega esta "hora de Deus" a que tantas vezes se refere, voltar-se para o que é mais imediato, aplicando os primeiros esforços no desenvolvimento da indústria da cana de açúcar, de tanto relévo no futuro da região.

Orinária da Ásia, a cana de açúcar fôra trazida à Europa pelos árabes e cruzados nos fins da Idade Média, quando o produto constituía gênero de comércio reputadíssimo vendido, nas farmácias, como medicina e figurando na lista dos presentes de reis, em cujos inventários aparece como, hoje, se arrolariam pedras preciosas.

Cultivada nas repúblicas italianas do Mediterrâneo e, mais tarde, na Espanha, tornou-se, ao longo dos séculos XV e XVI, quase que uma exclusividade de Portugal cuja produção insular arrasou a indústria italiana e o desenvolvimento de sua cultura de tal modo desconrolou o comércio europeu, que D. Manuel seria forçado a limitar a exportação da Ilha da Madeira.

Parece provado que sua introdução na América se deve aos espanhóis, embora haja quem sustente seja a cana planta nativa, pelo menos em áreas do Mato Grosso e do México. De qualquer modo, entretanto, sua cultura regular no Brasil data das primeiras décadas do século XVI não sendo acordos os historiadores no assinalar-lhe o centro de irradiação.

Uma opinião muito vulgarizada sustenta que seu verdadeiro iniciador foi Martim Afonso de Sousa, que, em 1533, fundou o Engenho do Governador, em São Vicente, seguindo-se-lhe igual iniciativa por parte dos Schetz, flamengos e dos genovezes Dorias, espalhando-se daí pelas demais Capitânias.

Capistrano de Abreu, indubitavelmente o maior conhecedor de nossa passado, que, parê éte, não tinha segredos, registra este ponto de vista, acrescentando que "não deve ser muito exato", preferindo explicar o espraimento da cana de açúcar através das feitorias. Naquella maneira, que lhe é peculiar, de resumir a história, com o acentuado "gosto de minúcias e cem o "estilo-alegría" que, talvez, lhe caibam melhor do que a Joaquim Castano, assim traço o mestre cearense o quadro dos primeiros anos da colônia:

"Para facilitar os carregamentos, estabeleceram-se feitorias, de preferência em ilhas; deviam ser calçadas ou cercas, próprias apenas para guardarem os gêneros de resgates; algumas sementes de além-mar podiam ser plantadas à roda, e sôltos alguns animais de fácil reprodução... Uma feitoria conservou-se no Rio durante alguns anos até ser destruida pe-



Recife Velho — Aquarela de ELEZIER XAVIER

(Continua na pag. 18)

CARDÁPIO DE MESA SERIDOENSE

José Bezerra Gomes

Corre que a sustância do seridoense vem da sustância da sua alimentação pesada e forte, com os seus pratos valorizados pela tradição, enriquecendo-lhe a mesa farta e hospitaleira dos bons tempos.

O tutano do corredor do osso do mocotó, do cozinhado do boi gordo, batido ou escorrido, na mesa, com farinha e rapadura, é um dos pratos mais gabado pelo seridoense, que tirou da pastorícia a carne e o leite, que lhe fariam a alimentação, desde o povoamento.

A carne macia do gado erado e arroubado, deu a carne de sol (carne seca ou carne de manta), tratada pela mão boa dos seus marchantes (1). Era comum se cevar a rês (2) com batata doce, amarrada pelo chifre à sombra de uma árvore (jua-zelro), deixando na vazante do rodado, na época da abundância da carne gorda, antes do mercenarismo da carne de corte, do aparecimento do touro zebu, de carne fibrosa e dura.

A carne deu também a panelada ou buchada, a linguça e a paçoca, o sarapatel e o guizado, a costela assada e a gordura da farofa, a canja e o caldo, também de feijão. Lembro ainda a carne das aves domésticas (caseiras), a da galinha (3), do peru e do guiné (ao lado das aves do mató (caçadas), a rolinha, a ribeca, o nambú, com a das aquáticas (de-acóde), a maracá e o mergulhão, o paturi e a jacana, o socó e a galinha d'água, além das cascas do mató, o peba e o tatú, o preá e o mocó, o tejuacú e o veado (raro), o maracajá e o tamandú, o punaré e a tacaça, extraindo-lhe a bexiga, para perder a catinga (4).

O leite trouxe o queijo do seridó, o queijo fresco, o queijo de coalho, a farofa da rapa do tacho do queijo e o angú do leite do queijo, a coalhada fresca e escorrida, o soro e a nata, a manteiga da terra (ou fresca), com o leite crú tomado ao pé da vaca, além do leite cozido ou fervido, para o leite com farinha, tapioca, batata, cuscuz, milho cozido, jerimum, pratos comuns à casa grande das fazendas seridoenses, em que se costumava dar de manhã aos meninos, em jejum, leite fervido, fervido com pedra de ferro, para o leite ficar mais forte, segundo a tradição local.

Ha quem desleite a cabra e a ovelha, para o consumo caseiro, para o fabrico do queijo de coalho, em cujo condimento é empregado o coalho do mocó. E o leite de jumenta, tido como o mais forte e sadio, serve para se dar aos fracos do peito, como muito medicinal.

A lavoura de cereais lhe deu o milho e o feijão, a mandioca e o arroz. Do milho tirou vários pratos. O milho assado e o milho cozido. A pomonha e a canjica. O cuscuz e o munguzá. A pipoca e o angú. Do feijão, a feijoadá e o feijão verde, machucando-se também com a mão, antes de comê-lo, processo que o seridoense chama de raposa (fazer raposa). Da mandioca, a farinha e a goma, a tapioca e o beijú, o pirão e a farofa, a farinha com rapadura rapada e o escaldó de farinha com leite, além do mingau e a papa. E do arroz, o arroz e o arroz com leite. O arroz cozinhado e o arroz com carne (picada).

As vazantes lhe deram a

batata doce e a macaxeira, a melancia e o jerimum e o melão. A água dos açúdes os peixes d'água doce, a traíra e a curimatá, o cascudo e o cangati, a piranha, o piaú, a plaba e o cará, com o tucunaré, a pescada e o pirarucú (importados). E a revência dos açúdes as frutas comuns à região, a pinha e a graviola, a jaca e a romã, o limão e a laranja, o mamão e o cajú, a manga e a banana, o coqueiro e a goiaba.

Há também as frutas do mató, agrestes ou nativas, entre as quais o imbú e o maracujá, o juá e a quixaba, o trapá e a melancia da praia, a ubiá e a ameixa braba, com as frutas de cardelero e fecheiro, xique-xique e catolé (o côco). E as ervas do mató com as plantas caseiras dão os chás medicinais, a erva-cidreira e o capim santo, o arruda e o ortelá, o alecrim

malva-rosa, com a batata de pulga e a cabeça de negro, além das raízes e cascas de pau, como angélica e o jucá.

Entre os refrescos ou ponches preparados pelo seridoense, estão o de maracujá e limão, graviola e cajú, a propósito do qual recordo a quadra que faz época:

Vitalina, ô Vitalina, se ou fosse como tu, lá pra Serra Branca tomar ponche do cajú...

As abelhas lhe dão mel de jandaíra e tubiba, amarela e rajada. Arapuçá e cupira, capixue enxu, entre as mais correntes. Ao lado do mel de rapadura, o doce de côco, de imbú (5), de melancia, de batata, de goiaba, de laranja, caseiros, de assucar ou rapadura, com as gulodices, o puxa-puxa, o doce seco, o sequilho, a raiva, a broa, a bolacha (6), o tareco, o suspiro, a cocada, o alfenim, o filhó,

o bolo pé de moleque, com o chorigo de sangue de porco. O ovo, também enriquece a mesa seridoense (7). Além do ovo frito e o cozinhado (du-ro), com a malassada e a fritada, do ovo batido, é muito apreciada pelo seridoense a cabeça de galo.

Também estão ligadas à vida do seridoense as comidas brabas, de emergência, a que recorre o retirante, premido pela seca e pela fome. O sandoro e a mucunã (8), com a chamada farinha de pau, do bulbo da macabeira, além do café de manjeroba, correndo na crenche popular que ha quem coma cobra, cortando-lhe um palmo a medir da cabeça e outro da ponta da cauda, partes que guardam o veneno.

Embora se veja através da mesa seridoense a mesa portuguesa do povoador, influenciada pelos pratos africanos e ameríndios, várias são as comidas, como a imbuzada, peculiar ao meio alimentício seridoense, onde a própria carne de manta, conhecida por carne do seridó, ganha em cheiro e a sabor a carne de charque.

O queijo do seridó também tem o seu processo e gosto peculiares, como a manteiga da terra, de uma bondade que, para o seridoense, vem da qualidade do leite do seu gado, qualidade que vem da rama seridoense com a ração do carvão de algodão mocó. Na fertilidade das vazantes seridoenses, a batata e a melancia, o jerimum e o melão, prosperam ganhando tamanho e gosto, que não alcançaram nas várzeas do agreste, donde várias fruteiras foram transplantadas com vantagem.

Encarando o fater alimentício, de que a fortaleza do seridoense está na sua alimentação forte, vou buscá-la na abundância do leite, antes do leite desnatado no tempo em que o fazendeiro seridoense emprestava anualmente a ca-

da morador, uma vaca parida, para o leite caseiro, quando o filho do agregado vinha receber uma cunha de leite, na porteira do curral da casa grande, para o leite das crianças.

E quando o reideiro tenha passado a cultivar as hortas, que lhe dão o tomate e o pimentão, o alface e a comalado do quiabo e do maxixe, faz mais para vendê-lo na rua, ao sertanejo da cidade, do que para o próprio alimento, descrente ainda do valor alimentício da hortaliça, habituado ao dito de que quem come folha verde é canelão...

Depois que as moças seridoenses passaram a cursar a Escola Doméstica de Natal, os pratos cosmopolitas passaram a embelezar a mesa seridoense, a que hoje são familiares o rosbife e o hife, a sepa e a macarronada, a que o matuto custou a se acostumar, apelidando engulhando a macarrão de lonbriga.

A sobriedade da mesa sertaneja, por outro lado, orgânica do café e da água do pote, abriu lugar também para a cerveja e o vinho de mesa. Com exceção do aluá, da cerveja preta, da gasosa, bebida de moça, o velho seridoense se abstinha das bebidas que, no seu dizer, continham espírito, tocadas excepcionalmente, noite de festa ou dia de ano, entre as quais o co-nhaque e a genebra, com a cachaca do Brejo, misturada com mel de abelha, dando a meladilha ou cachimbo.

- (1) marchante da mão boa é o da mão leve, o que não carrega no sal ao salgar a carne, enquanto o da mão pesada é o que carrega no sal para aumentar o peso da carne salgada, tornando-a embora salpessa...
- (2) a novilha maninha ou o boi castrado.
- (3) costumando-se cevar pelo hico, com milho, o capão e o peru, enchiquireados, para engordá-los.
- (4) chamuscando também no fogo de folha de catingueira.
- (5) também se fazendo a imbuzada.
- (6) bolacha seca, por muitos anos vinda de Baixo, da Capital quando não havia padaria no seridó, em cujas cidades e vilas é feito hoje também o pão de trigo.
- (7) além do de galinha, guiné, peru, o de ribação, nos anos de postura.
- (8) lavada em nove águas, para perder o tóxico, segundo a tradição popular.



Entre os jornalistas brasileiros, da comitiva do Presidente Eurico Dutra, recebidos na Casa Branca pelo Presidente Truman, encontravam-se o nosso compatriota Esmaquino Marroquim, diretor de NORDESTE e diretor-secretário da Empresa JORNAL DO COMMERIO S. A. e Anibal Fernandes, diretor do "Diário de Pernambuco". (Foto no jardim da Casa Branca — U. S. A.).

The Great Western Of Railway Company Limited.

SERVIÇOS DE BAGAGEM

Providencie o despacho de suas bagagens com a devida antecedência, evitando atropelos de última hora, cooperando assim para a marcha dos trens em seus horários.

Não procure conduzir, nos carros de passageiros, volumes excedentes de 30 quilos, pois volumes de maior peso e grandes dimensões podem ser apreendidos nos trens a fim de ser despachados, sendo aplicadas ao frete as tarifas em dôbro, com o peso mínimo de 50 quilos.

Verifique se suas bagagens estão denticadas com o nome do recebedor e estação de destino, retirando dos volumes todos os dísticos usados.

A falta de dísticos muitas vezes resulta no desaparecimento de volumes e consequente aborrecimento a quem os despacha.

COMODIDADE - RAPIDEZ - ECONOMIA - SEGURANÇA

Tomar o Trem em Movimento é Perigoso

Recife, 1949

A ADMINISTRAÇÃO

"Los Diario" de Um Esquizofrênico

GUERRA DE HOLANDA

O "diário" do grande homem, escritor político, soldado ou cientista, é quase sempre uma atitude que ele toma, não tanto de acórdio com sua própria "verdade", mas em face do julgamento de seus contemporâneos ou da posteridade. Quase sempre a vaidade e a preocupação de originalidade sacrificam o conteúdo humano que devia transpirar da experiência de cada um, levada para as íntimas páginas de um caderno. A certeza de que a sua confidência será, mais cedo ou mais tarde, campo de análise da curiosidade pública, adultera a espontaneidade e corrige o estilo do documento. Nesse caso, o que poderia ser uma ficha honestamente impressa da vida de um homem, converte-se de maneira pre concebida, em pose literária, em arquitetura de pensamentos ou de idéias, para agradar a inteligência ou a sensibilidade. Quando, porém, encontramos um "diário" sem aquela ar pretenciosa de coisa feita, realizado à sombra de um anonimato de cela franciscana, os elementos de sua configuração ressaltam de maneira evidente como fixadores de forças psicológicas do autor e de detalhes surpreendentes do meio social em que vive. Diante de um documento assim, o psicólogo encontra um fértil material para ampliação de seus estudos, e até mesmo o leitor comum sente emoção e desejo de conhecê-lo.

Apresentamos, hoje, por isso, nesta revista, "los diario" de A.P., um esquizofrênico que esteve internado no Hospital de Alienados do Recife. Durante seus momentos de lucidez, A.

P. escreveu, no próprio hospital, treze páginas de um caderno, contando a "história dolorosa" de sua vida, com uma ortografia de semi-analfabeto. Infelizmente, como seria bem fácil de se esperar, o seu "diário" ficou inconcluso. Assim como ficaram incompletos certos dados da vida desse que "nasceu em Jabonão, subúrbio do Recife: Padre que lhe batizou Padre Ciriano Leão", conforme se lê no verso da primeira capa do caderno. Na última folha, com letras grandes e ligeiramente desenhadas, A.P. confessa com ressentimento: "Aborreceram-me sem causa. Jesus rei do mundo". Nota-se aqui com muita frequência, em todas as páginas de seu "diário", a preocupação religiosa, a alma torturada pela idéia de Deus e da Eternidade, uma espécie de pastor pregando a "verdade" e concitando-nos ao bem, de tal maneira mediocre e repetido, que torna desinteressante longo trecho de suas declarações. Mas este sestro psicológico, ao contrário servirá de melhor sêara para o estudioso. E acresce que o diário do esquizofrênico A.P. que vai reproduzido aqui "ipsis verbis, ipsis litteris", revela um espírito que bebeu no leite da ternura humana" e, em muitos trechos, chega a ser dolorosamente triste e comovedor. Comovedor, como pitoresca é a descrição daquela cena ocorrida na casa comercial de Oliveira Filho, n.º 306, no Pátio do Paraíso, ainda no ano de 1939.

Passemos agora, à leitura de "los diario" de A.P., que é o motivo deste trabalho.

"recife. Aos 10 para 12 fui para Alagoa de Baixo, foi depois Serdânia. História Dolorosa: De um homem que sofreu isso tudo com Paciência, e ainda pede ao Pai eterno que lhe dê Paciência, para Sofrer ainda muito mais, e porque elle diz assim? porque acha que nada Sofre.

Com 10 anos de idade, elle já Sofria, sofria o que? Amarguras do seu próprio Corpo. E continuando sua vida triste, elle foi completando 12 anos. Então foi trabalhar, como ajudador da guisa, nas turnas, isso foi em Alagoa de Baixo, uma pequena Cidade. Depois passou a trabalhar, em uma Turna da picareta. Diga-se uma coisa, será que elle trabalhava na picareta também? sim trabalhava. Elle trabalhava no bravo serviço, depois passou a trabalhar por conta, delle, fez alguma construção? Qual que nada, elle trabalhava, cavando três metros de terra, depois transportou-o. Diga-me uma coisa, como o padre elle consentia? Elle não consentia, mais elle tanto que insistia, que foi trabalhar. Pobre de Papae, muitas vezes butou lágrimas com pena, então elle dizia não se importe Papae, eu sou o unico culpado, porisso Deus

Obrigado pela Cooperação

— A economia é, todos o sabem, a base da prosperidade... Mas, no caso, quando a Senhora poupa a electricidade está concorrendo para o bem de todos. Não é fácil, neste após guerra, ampliar qualquer instalação geradora. O mundo ainda não retomou o equilíbrio anterior. Quando chegará esse dia?

Há tantos fatores a considerar em nosso setor! O financiamento, agora tão difícil de obter, é um deles. Economise, minha Senhora, tanto quanto puder, a electricidade, concorrendo para que o seu uso fique equilibrado! É o caso de "um por todos, todos por um" — exclama "Seu" Kilowatt, o criado elétrico.

PERNAMBUCO TRAMWAYS - Fone 2141 Recife

não vai lhe castigar por causa disso. Isso foi em Alagoa de Baixo, hoje é Serdânia. Elle sabe o que faz. Primeiro traço. Elle nunca foi para a escola não? Foi, sim elle passou muito tempo, mais nada aprendeu; sim apenas fazer o bem escoteira a quem. Diga-me uma coisa, finalmente, qualher o seu curso? é apenas 3.º Ano primário. Completo? não incompleto. I como sabe de tanta coisa? Meus irmãos, para saber fazerem, mostram o caminho do bem, não precisa tanto estudo. Deus é quem fala por mim. Meus irmãos. Proseguindo meus sofrimentos, eu quero continuar. Foi menino de rua, uns tres ou seis anos, não lembrome bem. Eu saia pelas esquinas, a jogar dinheiro, brincava de Artistas, levava tapa dos outros meninos, terminava saindo correndo, isso me aconteceu muito tempo, até que me butaram o nome de Marcota. Seu nome, é este mesmo? Não chamo-me Amaro. Nas Hotéis, eu passando os minutos começavam a chamar Marcota então, muitos dos viajantes me chamavam também. I você não se importava não? As vezes eu começava a chorar. Daqui a pouco, eu ia brincar; Nem me importava porque não lhe

agravava, sim eu dizia não tem medo de uma resposta, era pior elles ahí era que me chamavam mais. E nesta vida passei cinco anos. Depois comeci a passar bicho. Andava bem trajado? qual que nada. Andava descalço, e depois disso, calça curta rasgada. Aos 7 anos, morava no barro, subúrbio, e lembrome que uma Ocasão chamei nome ao meu DEUS, Como nosso Deus. E proseguindo. Uma ocasião, eu ia ficando proco injustamente; Era menino de rua e conhecia muito um Rapaz por nome Nãozinho. Uma vez, eu tinha terminado de entregar a lista do jogo, depois foi para Casa. Quando foi mais omeio: as quatro horas, eu fui para a torca desse rapaz, e comeci a brincar com elle, depois chegaram mais dois rapazes, os quais eram conhecidos, nisso eu tirava uma coisa outro tirava outra; depois butaram-se lá em cima da torca. Então os 5; cinco e meia eu sai, fui olhar os cartais do Cinema, quando foi depois eu fui para um hotel, que era de Dona Enequina. Assim que cheguei pedi um pouco de doce, então tinha um rapaz conhecido, comecemos a conversar. Minutos depois, olhei para fora do hotel estava o rapaz da miudeza me chamando, então eu fui atendê-lo, elle imediatamente foi me perguntando, Amaro você não tirou uma Carteira minha contendo 50.000 reis que estava em cima da banca? Eu disse não fui eu. Então elle perguntei quem foi que lhe disse, elle disse, eu já fui perguntar aos minutos que estavam lá também, elles me disseram eu não fui o outro disse eu também não fui. Então elle disse-me vamos até a presença do seu bastos, que era o delegado. Então comeci a chorar, e disse-lhe, eu não vou. Nisso foram aparecendo o filho do delegado e dois minutos os quais já tinham sido colegas de escola e brincadeira de Artistas, foram logo me dizendo, Amaro vá, se não foi você, nada você sofre, então eu fui. Assim que fui chegando fui logo dizendo, seu bastos, o senhor me conhece a muito tempo, já viu eu fazer algum papel feiu aqui em Alagoa de Baixo, ou em qualquer canto já sabe? Elle então me disse Amaro; eu não só lhe conheço como também a sua família, mais tenha Paciência. Amambá você vem cedo que eu quero resolver este caso. Eu disse olhe vem também, e disse sim. Então quando eu ia saindo vinha saindo na calçada do Hotel, o Capitão Mackcimiano, o qual era delegado regional. Esse foi logo me dizendo, olhe, se foi você diga logo, se não a coisa vai ser ruim. Eu então lhe disse, seu Capitão, não fui eu, e ei de lhe provar Amambá. I fui para casa, isso eram mais omeio oito e meia. Quando cheguei em casa, Papae foi

logo me dizendo. Quem anda feito um mulque de rua, acontece sempre destas coisas, eu disse destas coisas não papae. O senhor tem que ver se a culpa I fui logo me deltar, minutos depois já estava dormindo, e sonhei com Nosso Senhor, elle me chamando. Eu me acordei as 6 horas e quando foi mais omeio as 7½, eu fui para Casa do delegado. Deu 8 horas, 8 e meia 3 horas, elle foi chegar as 5 e meia; Assim que foi olhando para mim foi logo dizendo o rapaz já está ahí também? eu disse não senhor. Nisto la chegando, e foi logo me dizendo, Amaro me perdoe, que eu achei a carteira no fim do baú da miudeza. Eu no momento procurei tudo e não achei, porisso peço-lhe mil desculpas. Nisso la saindo seu bastos e foi logo perguntando, então como foi que você disse ontem, elle foi logo dizendo, seu bastos, eu peço desculpas ao senhor, eu achei a carteira, estava no fim do baú da miudeza. Então seu bastos foi logo dizendo é um segro muito mau, não tens consciencia do que dizes. Olhou, para mim, e disse-me Amaro o que é que voce quer que eu faça com este mulque, para que elle pague o crime de injuria. Eu então lhe disse, seu bastos, nada, nada não senhor. Deus é quem lhe dá o castigo, como elle merece. Elle então me disse é minimo de um bom coração, eu então disse muito obrigado seu bastos. Seu bastos, eu sempre ei de ter um bom coração e ei de fazer o bem, e receber ingratitude. Depois, este rapaz só me chamava Amarinho, quando pegava em minha mão, começava a tremer. Eu então lhe perguntava, que tens, estás doente? Elle dizia não, é apertado de vida.

Segundo Traço — Já fui carregador de bolsas e finalmente de tudo. Muitas e muitas vezes me acordei de madrugada para ir as portas dos hotéis, ver se tinha bolça para carregar. Até de mulheres sem serem casadas. Muitas vezes me encontravam minhas irmãs, me encontravam com uma bolça ou pacote na cabeça, e eu passava nem ligava. I assim foram se passando o tempo.

3.º Traço — I com a idade de dezasete anos, eu vim para o Recife pernambuco, isso foi no Congresso Eucarístico; Eu vim no dia 1.º de Setembro e meu irmão Sebastião tinha morrido na vespera de minha vida. Porbrinho já estava cego. Eu sempre pedi a Deus para eu contrá-lo com vida, mas elle não



Nilegrava de LADJANE. A jovem pintora pernambucana vai ilustrar o livro de poemas de Darcy Mascenno, "Fabula Serena" — edições Orfeu — Rio, 1949

quize, então fiquei conformado. Cheguei a ver aquela chuva do dia 7 de Setembro de 1939 aqui em Recife. Disseram que causou escandalo, não, não foi escandalo, escandalo estava avendo meus irmãos, entre os namorados e até mulheres casadas. Deus que estava vendo tantas miseria, mandou aquela grande chuva para que o povo temesse o seu poder, qual que nada. Noventa por cento estava fazendo pouco. Mais Deus que tem todo poder, vai mostrar a casa gente que não lhe teme e não conhece o seu poder. Meus irmãos o tempo esta se aproximando e voces ouçam as minhas palavras, porque Deus não quer que chame pelo seu nome na ultima hora. Quando virem tremores na terra, não abram as bocas para dizerem o Deus me Va-la, não não adianta. Comprendiam que Deus é tão bom que ainda escolhe um filho no mundo para dizer a verdade e ainda acham que não é nada. O Jesus Nem que Vós descesse do céu para dizer a verdade, tinha muita gente que duvidava. Povo comprehendam que Deus quer fazer a salvação do mundo, e não querem porque?

4.º Traço — É a verdade a verdade. Meus irmãos, os que tem dinheiro, este é Deus que faz o emprestimo. Se elle prestar conta, quer dizer, que gozou aqui na Terra, também gozará na terra de Jesus: É como este pode prestar conta certa a Deus? Como? Fazendo o bem, sendo caritativo, socorrendo os seus irmãos que não tem emprestimo e que tem direito

dos que tem. Há meus irmãos, no mundo inteiro tem muito pouco, e pode terem milhares se quizerem. Há meus irmãos, se soubessem como o outro mundo é; é como? não é mundo, é o Paraíso do descanso. Se soubessem pediam perdão a Deus, e não mais pecavam. E continuando minha História triste, fui um matuto que diziam que eu fazia vergonha, mais pelo menos meus irmãos nunca se duzi mulher de irmão nenhum ou filha de Ninguém, isso foi em 1939, no mez de outubro. Depois fui para o rio doce, tomei muito banho de mar, depois apantei uma seado, passei 42 quarenta e dois dias em cima de uma cama. Perdeu alguns quilos? não apenas 3 kilos. Diga-me uma coisa, será que elle recuperou? Elle é tão magro, Palido, sim mais tarde elle estava forte e corado. Depois, fui trabalhar em Oliveira Filho, no Pátio do Paraíso, n.º 306. Diga-me uma coisa, elle trabalhava em escritório? Não apenas trabalhava na "embalagem"; quer dizer que gozou muito? Não, levou uma vida amargurada, trabalhava discasando cebola, muitas e muitas vezes, elle chorava muito, porque trabalhava muito. Não, era o mundo limpando sacos de cimento, me melava todo, induricia o cabelo, e assim elle passou um ano, ou menos ou mais, não lembrome bem. I saí porque? Era preguiçoso? Qual que nada, sou cansado, e depois foi para Cama. Passou muito tempo? Não apenas 6 dias.

"Continua..."

COOPERATIVA BANCO DO NORDESTE LIMITADA

Sede: RUA DO IMPERADOR N.º 310
Endereço Telefônico: "BANORDESTE" — Telefone: 6260
RECIFE — PERNAMBUCO

EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — DEPÓSITOS
Secção de ADMINISTRAÇÃO DE BENS com carteira especializada em LOTEAMENTO e VENDA de TERRENO urbano

ALCIDES MARROQUIM Presidente
WALDEMAR CARDOSO Gerente

“PERNAMBUCO AUTOVIÁRIA LTDA.”

A “Pernambuco Autoviária Limitada” completa, hoje, o seu quinto aniversário de funcionamento.

No dia 24 de Junho de 1944 — quando irrealizável a obtenção de maquinários, não somente pelo seu elevado custo, mas, principalmente, pela sua carência nos mercados nacionais e na impossibilidade do seu envio pelos créditos estrangeiros — naquele dia transitavam no Recife as demais primeiras ônibus de nossa propriedade.

Há cinco anos, numa época em que o nosso tradicional serviço de transportes coletivos estava em franca desorganização e completa falência, por motivos de natureza natural que os estrônes da guerra arrasavam e levavam no estado mais agudo, surgiu a “Pernambuco Autoviária Limitada”.

Está na memória de todos a imensurável dificuldade de transporte que atingira, impiedosamente, esta capital. As estradas cheias de pedestres empilhados de ruelas bingüetas para as fábricas, para os escritórios, para as Repartições Públicas, para as escolas distantes, onde chegavam extenuados, desprovidos da necessária energia física ou mental de produção.

Pela suas avantajadas dimensões, pelas enormes dificuldades que se lhe apresentavam, era uma tarefa ardua, essa, tarefa vitoriosa e tantas outras milagres de dotar a capital pernambucana com serviço de ônibus capacitado ao seu desenvolvimento urbano e ao sempre crescente volume da sua população. O ousado compromisso não podia ser intelectual livre e arbitrário, mas sim que se confiassem a termos, a existência jurídica, que assumiram a forma tangível de um contrato celebrado entre a Prefeitura Municipal e a “Pernambuco Autoviária Limitada” — contrato, perfeitamente lógico e idêneo, resultado da concorrência pública que fora realizada.

Cinco anos! A história da “Pernambuco Autoviária Limitada” é, em verdade, a história de uma luta árdua, desigual e quase desastrosa contra toda uma série de fatores adversos, criados pela que cresceu e se viu infamada pela inveja sobre o progresso da Empresa, pelos que se conspurcava em relação à impetência e à culpa... O público recifense, sempre ao nosso lado, tem presenciado esse luta ferozmente do Despojo contra o Mérito, marcada, até mesmo, pelos insultos — contínuos e altivamente resistentes —, pelas ameaças reprimidas à força de Direito e da Justiça. As divergências pessoais, a insídia, a inveja, a calúnia, nada podem contra a marcha ascendente da “Pernambuco Autoviária Limitada” — reelevada a um patamar — patrimônio circunscrito de Pernambuco.

Agrédida, a defesa da “Pernambuco Autoviária Limitada” não é preciso que ela mesma a faça. Essa defesa se encontra na vasta resenha de suas próprias atividades, no papel cada vez mais importante e mais essencial que desempenha na vida recifense. Tranquiliza-nos — e encoraja-nos — esta certeza: — aqueles que colocam acima e além das próprias conveniências o respeitável interesse da coletividade reconhecem e aplaudem o rendimento honesto e fecundo, para a serventia pública, da “Pernambuco Autoviária Limitada”, empresa genuinamente pernambucana, isso que a torna razão do nosso orgulho, conscientes estamos da sua modelar organização.

Cinco anos de funcionamento completa, hoje, a “Pernambuco Autoviária Limitada”. Resta-nos, no cumprimento do profundo dever de gratidão, agradecer a todos quanto nos têm ajudado com o seu apoio e cooperação, muito especialmente ao público pernambucano.

(Ass.) VIRGILIO DE MENEZES
Presidente da “Pernambuco Autoviária Limitada”

Tecelagem de Seda e de Algodão de Pernambuco S. A.

RUA VISCONDE DE SUASSUNA, 393

RECIFE — PERNAMBUCO

FABRICA DE TECIDOS DE SEDA

TELEFONES: — Diretoria: 2288 - 3333 — Geral: 2031

A única do Norte do País. Especialista dos belíssimos “RAYÕES” e afamado “ESTAMPADOS DERBY”

FIACÇÃO E TECELAGEM DE ALGODÃO



Variadíssimos tipos de tecidos em algodão mercerizado RAJON, UACIMA, CARRAPICHO E LINHO

Os mais perfeitos BRINS

ARTIGOS PARA HOMENS E SENHORAS

Exportamos para todos os Estados do Brasil e para os países da América do Sul e América Central

Mantemos um serviço de Assistência Social para os nossos operários e seus filhos, proporcionando-lhes Conforto, Educação e Higiene

O Desânimo leva o ... mas, a perseverança
Homem ao fracasso... o conduz ao triunfo!

A FAVORITA CASA LOTÉRICA

RUA NOVA, 303 — FONES: 6903 - 6919 — RECIFE

MATRIZ: AV. RANGEL PESTANA, 1206 - SÃO PAULO

Pagamento imediato dos prêmios

MONTE DE OURO

SUA CASA
PREDILETA
RUA 1.º DE MARÇO

A LOTERIA DO ESTADO DE PERNAMBUCO É A VOSSA ESPERANÇA!

— Quem não arrisca, não petisca

Extrações semanais

A FEDERAL

O popular Estabelecimento Lotérico da Cidade
A MAIOR na distribuição de Prêmios
Lotéricos aos pernambucanos

Praça do Mercado, 210 - Fone: 6272

RECIFE - PERNAMBUCO

Conto de J. BANDEIRA COSTA
Ilustração de LADJANE

Desgosto



Procurava a saúde batendo no ventre. As pontas dos dedos tocavam a região abdominal, por cima do pijama, e o contacto arrancava um som cavo, desanimador.

— Doutor!... O senhor acha que isso seja melhora? (tornava a bater, agora com mais força).

Deixava que ele falasse, gastasse palavras, e se punha a ouvir numa aparente e beatífica solicitude, olhando com uma simulação e irrestrita fé para a sua boca por onde saía um turbilhão de argumentos científicos que iam perdendo, de dia para dia, pelo convencional e pelo lógico, a força persuasiva que era a razão mesma da subsistência da medicina. E quando se sentia só, outra vez, na solidão da sala ampla e deserta, punha-se falando consigo mesmo, quasi alto, num desabafo.

— Melhora coisa nenhuma! — Pontilhava a melancolia lembrando episódios que, tinha certeza, estavam sucedendo, lá fora, na rua clara, por cima do calçamento quente, pelos bondes. Hoje, terça-feira...

Ficou esperando que o carrilhão tocasse o quarto de hora. Tocou, dali a pedacinho. Doze menos quinze. A aula terminava. Letícia estava se levantando da cadeira, metendo nas gavetas umas escritas ainda sem notas, para o dia seguinte. Depois ficou só no salão de aula, fazendo os últimos preparativos para a saída, metendo na bolsa o livro de orações que levava de casa, naquele dia de semana, para de lá ir à visitação da Igreja de São Francisco. Minutos depois, quando o outro turno começasse a se arrumar por entre as bancas e a outra professora entrasse, ainda de cabelo molhado do banho tomado em casa, às pressas, igualzinho à filha, pela manhã, encontraria no quadro negro aqueles fragmentos de contos que a outra apagava sempre mal, por-

que já fazia aquilo automaticamente, quasi inteiramente voltada para a classe.

Deitado como estava, via-a mesmo, puxando a blusa de seda num repetido agiteamento, para olhar em seguida o decote fazendo uma papadinha, procurando comportar-se porque, na posição em que estivera todo o tempo, amanchucando os seios na gaveta semi-aberta, a pequena abertura do decote acabara por abrir-se, deixando ver, lá dentro, através da combinação decotada, o princípio do baixo relevo do busto empinado.

Sempre que os seus olhos caíam sobre a filha, em casa, no café pela manhã, tinha um orgulho especial para aquele arrebitamento do seu colo. Nos seus cálculos maternais, estava ali uma prova evidente de que continuavam intangíveis... Pelo menos aquela fora a criação que recebera. Se se desviasse, depois, porque já estava moça; se resolvesse tomar por outros caminhos, eles não tinham culpa. Desde pequena que ia à igreja com a mãe, catecismo nos domingos a tarde, primeira comunhão muito bem feita, com todas as explicações domésticas decoradas de como portar-se desde o confissãoário até à mesa da comunhão. A mãe mesmo é que lhe lembrava uns pecados. "Era desobediente..." A religião era um freio, reconhecida. Mesmo assim, além do freio havia a brida das observações repetidas. A Laura, em casa, estava sempre alertando-a...

O carrilhão do corredor interrompeu-lhe os pensamentos, batendo um meio dia cheio de festicoes, primeiro o pedacinho de arranjo musical, depois as badaladas. Uma... duas...

Curioso. Curioso e interessante. Desde menino que observava aquilo: não batia treze pancadas. No dia que batesses o mundo acabaria...

Aliás nessa questão de fim de mundo, tinha o seu ponto de vis-

ta. O mundo acabava para quem morria. Até ir ali para o hospital, sempre que se entremostrava a oportunidade, sustentava com argumentos que não admitiam réplica, aquele alicerce lógico em que se entremostrava para lutar contra a assertiva do Velho Testamento. Expunha-o em qualquer parte: na barbearia, enquanto esperava a vez; na repartição, quando a preguiça da digestão emperrava as canetas entre os dedos; em casa na hora da ceia, já de pijama, sonhando com a cadeira de balanço na sala de visitas.

Agora, porém, estava com um vago remorso de suas convicções. Decerto era a doença, aquela posição, obrigado a ficar o dia inteiro de papo para o ar. Começava mesmo a ter medo de desdizer as Escrituras. Por um momento estivera dialogando consigo mesmo que não havia razão para as suas hesitações. O essencial era crer em Deus. Aceitava. Também não era absurdo pensar assim, porque afinal, estava com a lógica. Seria o mesmo que acreditar no fogueiro do inferno. Não. Nesse ponto a Igreja não tinha razão. A Laura podia zangar-se, fincar os cotovelos na mesa, falar toda a refeiçao, demonstrar a sua crença com o subsídio abundante dos exemplos. Não se convencia. Deus não era pai? Não era? Ela, Laura, seria capaz de atirar a Letícia numa fogueira somente porque que não lhe fazia todos os gostos? (Estava ali um argumento batata). Não botava! O mais que podia fazer era dar-lhe um castigo que a fizesse sentir intimamente. Ali, sim, estava o caminho mais certo.

Nesse ponto, aliás, estava com Alan Kardec. Os espíritos ficavam no Espaço. Precisavam ser doutrinados, alguns. A reencarnação era uma coisa indiscutível. A prova servia para purificar... — Ficam é no Espaço, minha

"filha"... Inferno coisa nenhuma! Inferno...

La dizer que o Inferno era cá em baixo, inferno era na repartição, inferno era o mundo! Mas (era uma pena. Naquela noite estava que era uma beleza, sentindo facilidade de expressar-se, gelatos para convencer) mas Letícia, que fora desde a tardinha à rua, mandar cobrir uns botões, estava voltando exatamente quando ele estava nas suas preleções. Engoliu o resto da frase a contragosto. Tinha a sua religião mas, para a filha, preferia que ficasse por lá mesmo, com a mãe. Não ia com confissões mas reconhecia que era uma necessidade, pois não. Tendo por dever de consciência contar tudo ao padre, decerto fariam o possível para não praticar certas qualidades de pecado...

Mexeu-se outra vez na cama, para descansar da posição. O sol quente, por fora da janela, iluminava as copas aparadas dos fleus da rua erma. Aquela hora, sabia perfeitamente que a filha já estava entrando na igreja. A joelhava-se, puxava o vestido para cobrir melhor o lagarto da perna. Ia abrir o livro...

xxx

Letícia Carvalho estava entrando evidentemente na igreja, mas não seria ter ficado um pedacinho segurando a grade, à espera de qualquer coisa que não veio. E quando entrou foi profundamente desapontada. Se ele não podia ou resolvera não ir, não era nada demais que mandasse dizer.

Naquela manhã que acabara de findar, preocupada com a promessa da matine, dera uma aula aligeirada, ruízinha, pau mesmo. Ele ficava esperando-o do outro lado da rua, em frente ao grupo. Como não sabiam do namoro, em casa, era forçada a regressar aqueles retalhos de progressos para a casa. No começo ficava atordada, olhando para os cantos quando ele enten-

dia de pôr o braço no espaldar da cadeira. Então se via na contingência de fazer todo itinerário relesado, sem coragem de encostar-se temendo que as suas costas tocassem aquela manga de plató. Em casa todos confiavam cegamente. Não queria desportar. Mas os dias foram passando. Já lhe segurava a mão. E há dois dias acertaram para o cinema.

Ela ficou no ar, um instante, sem resposta. Não. No outro dia não podiam ir. Ia visitar o pai. Foi então que se lembrou das visitas de São Francisco. Acertavam tudo. Fez o resto da viagem calculando o que daria para ficar dispondo de quasi toda a tarde. Mas lembrou, cedo, que havia às conferências da Semana da Pátria. Ótimo! "Pois vou na terça-feira".

Nem se lembrou que contratara com Adelaide para umas compras. Quando, depois do almoço, a amiga foi procurá-la, dona

Laura ficou espantada. Raramente ela esquecia assim, um compromisso. Deixara dito, desde a manhã, que quando saísse da igreja voltaria para as conferências...

— Não; não faz mal. Diga que venho amanhã.

Dona Laura ficou tranquila. Não gostava que a filha saísse para compras. O que acontecera fora magnífico...

Estava pensando nisso, com os seus botões, quando a filha começou a dobrar o primeiro joelho, depois o outro. Abriu o livro mas as estampas estavam como envidradas... Fechou-o e começou a jactatória. Embaralhou-se. Reconheceu... Querida tanto ver aquele filme...

o motor, o corpo do avião, por gravidade, pendera para o centro, ficando a asa, agora bem sobre o aparelho, a lhe servir de paraquedas.

Lobato não se abalçou a tirar patente; mas, confesso, a idéia me pareceu uma santodumonda de primeira.

Outra "invenção" que teve curso posteriormente era de natureza social. Não sei se foi contribuição minha ou de Lobato. Consta da seguinte. O grande entrave social de nossos dias provém de um erro básico que há relação com o meio circulante. Ou melhor dito, com o "ouro", que é a sua base de garantia. E o trouble máximo da coisa está em que tudo na vida tem um princípio e um fim. Nasce, cresce, definhando e morre. Mas o ouro tem permanência eterna ou quasi eterna. Ponha-se um dólar num banco, a render juros, e se não houver crise perpétua (o que é impossível) ou revolução que transtorne tudo, esse dólar acabará, no correr dos anos, acumulando juros, chamando a si toda a riqueza do país. Tudo depende de estabilidade e tempo. Havia, pois, para eliminar esse erro social, que determinar por lei a idade do ouro! Desta forma, o meio circulante, o dinheiro, teria uma "vida" de tantos anos, e depois, concluído esse termo, seria moeda morta, confiscada como metal pelo governo. As companhias e empresas comerciais, para que continuassem, capitalisticamente, a auferir seus lucros legais, teriam que ter "capital" de várias idades. Os novos, auferindo lucros completos de capital "menino"; outros, mais idosos, com lucros proporcionais à idade e menores; e, por fim, os capitais caducos, que já não aufeririam lucro algum, eram capitais mortos, que passavam às mãos do governo. Por esse sistema (à prova de "comunismo") o Tesouro Nacional teria completo controle sobre o capital-ouro, elemento de exploração do trabalho e da riqueza.

Pensando melhor, acho que a idéia foi mesmo contribuição minha. Recordo-me de que Lobato lhe opôs uma porção de sérios tropeços quando a discutimos, e antes que nosas ilustres pernas se cansassem da caminhada, a história foi dada por esquecida.

Disse antes que isso teve curso posterior, e teve. Vários anos depois, com Lobato há muito de volta ao Brasil, um dia recebi dele uma carta gorda. Abri o envelope buchudo e dentro estava, bem dobradinho, uma página do Estado de São Paulo, com um artigo: "A Moeda Reversível" — que era exatamente a nossa, velha história da idade do ouro! Lobato esquecera todas as "contas" gromyckianas apresentados durante a nossa discussão peripatética e vinha agora com a coisa remastigada e editada, sugerindo-me até

LOBATO NA AMERICA

(Continuação da 1.ª pag.)

uma tradução em inglês, pois o artigo fora muito comentado por todos esses Brasias.

— Qual, Lobato, não serve! — escrevi-lhe. E não é praticável por isso e isto, e mais isto — e fui enumerando os mesmos contras que ele antes me opusera. Melhor é o sistema que vocês têm aí — o de deixar como está, sem querer saber como fica...

E não mais se falou em moeda reversível.

— Lobato, disse-lhe eu, logo que nos pusemos a caminho, num lindo domingo de primavera. Sabe você a quanto montam, em dólares, as ostras que os gourmets e outros bons comilões devoraram por ano, em Nova York e outros pontos da costa-Atlântica americana?

Falava de "oysters" ou óstias? — perguntou, pondo o termo em inglês, para fazer trocadilho. — De ostras, homem. Esse bivalve que deu ao dicionário o nome "ostracismo" e pelos quais se paga, nos bons restaurantes, 1 dólar por meia-dúzia.

— Ah! Não tenho a menor idéia. — Pois, bem, é negócio que orça por muitos milhões de dólares. E daria para mais ainda, se os criadores de ostras não tivessem que esperar de 6 a 8 anos para que eles cresçam; isto é, criem tamanho e casca, que não rende nada...

— Aonde queres chegar, Coelho de uma figa? — Ao lógico: à criação de ostras sem casca!

— Interessante... Mas, how? — De maneira muito simples, disse eu. Mentava-se um pavilhão-viveiro junto r' mar. Em baterias de uma espécie de armários, cada qual com muitas gavetinhas ou tubuleiros de certa profundidade, seriam colocados em série milhares de copinhos de vidro, com tampa, no centro do qual haveria um orifício para dar entrada a um tubo de sistema geral de renovação da água e distribuição de alimento às ostras-bébás, que seriam depositadas nos copinhos em estado de larva, ao sairem do ovo. Como é sabido (o Lobato ouvindo, e as pernas andando...), em seu estado natural, as ostras, que são perseguidas por dezenas de crustáceos que as devoram, criam a casca ou concha, de nenhuma utilidade comercial, para sua protecção e morada. Ora, pelo meu sistema, as senhoras

ostras, ao se darem conta de si, ver-se-iam perfeitamente protegidas, bem cuidadas e alimentadas. Não creio que fossem tão idiotas (apesar do ditado, "bóbo como uma ostra") que não empregassem todas as energias, que hoje usam em fazer casca, numa função mais natural e produtiva — crescer e engordar! Mais tarde, decorridos alguns meses ou um ano — em vez de 6, como agora — as ostras estariam em ponto para o mercado. Nos restaurantes, os gulosos ostrívoros, ao receberem do garçon os copinhos cheios delas, teriam apenas que lhes suspender as tampas e enfriar-lhes aquele pequeno tridente apropriado. Um banho no molho de suco de tomates e... pronto, engulir-las!

Lobato soltou uma daquelas suas risadas gostosas. — Olha, Coelho: a idéia não está ruim. Vale "money"... Só resta é saber se as ostras cooperariam com o teu negócio! — E aí morreu a grande empresa: como consultar as ostras? ...

Disse acima que Lobato não teve decepções em Nova York. Mas teve algumas. A primeira foi logo uma semana depois da chegada. Dona Puzenzinha trouxera com a família uma preta cozinhadeira, que não me recordo o nome. Sei que era preta mesmo, de cabelos carapinha, alta e feia como uma macaca. Mrs. Blunt (a quem ele se refere na "Barca"), vendo a preta a servir o breakfast à família, e notando-lhe o cuspido da cabeleira encarrapichada, teve uma idéia:

— Lobato, disse, entendendo-lhe a mão: dá-me cinco dólares...

— Para que, Mrs. Blunt? — Logo verá. Dê-mos!

Lobato entregou-lhe o dinheiro e saiu depois para o Consulado. Ao voltar à noite, estavam já sentados para o jantar, com Mrs. Blunt presente — para apreciar o efeito — quando entra a preta com uma terrina de sopa... Estava outra! Bem arranjada, de cabelos estirados e penteados à última moda do Harlem!

— Mas, quem é esta? perguntou Lobato espantado — enquanto Mrs. Blunt e Dona Puzenzinha riam-se à sacapa. — Lembra-se dos cinco dólares desta manhã? perguntou Mrs. Blunt. Ai está, fizeram o milagre. Leveia-a a um cabeleiro de cor, no Harlem, e voltou assim. Lobato ficou de queixo caído. — Mas, meu

Deus, exclamou, — como eu estava atrasado! Pus isto no "Choque das Raças" para o ano 2000 — e está já aqui!

Realmente, tendo escrito aquele livro welliano muito antes de vir aos Estados Unidos, Lobato virá para o ano 2000 uma tamanha proliferação dos negros americanos, que por esse tempo estava a ponto de eleger um presidente "colorado". Um branco, assustado com esse perigo, inventara o alisamento do cabelo dos pretos, e assim, atraindo-os para o mágico tratamento, desfazia-lhe a carapinha, sim, mas a droga os imunizava surrepticamente, para a produção de novos eleitores. Dessa forma eliminara-se o perigo negro na América.

Lobato riu-se muito com a decepção. Todos gozaram a piada, inclusive a preta, que estava um Pompadour de sete costados!

Dois ou três vezes por semana, Lobato, de volta do Consulado, costumava subir ao nosso apartamento para dois dedos de prosa, de caminhar para casa, que ficava adiante. Geralmente estávamos jantando. Ele sentava-se num sofá, perto da mesa, e enquanto esperava o café, dava-nos notícia de alguma novidade, comercial ou não, que lhe andasse a ferver por dentro.

Certa noite, entrou, sentou-se e foi logo nos dizendo: — Sabem? estou about de fazer um milhão de dólares! — exclamou, metendo na frase um termo inglês, como sempre fazia.

— Um milhão, Lobato? Em quê? — Um milhão, com milho! Na gtria, milho é sinónimo de dinheiro, não é? Até nisso dá certo. Já escrevi umas cartas a alguns fabricantes, e se a idéia pegar, faço a minha independência!

— Go ahead, tell us... disse minha senhora, que começava a ter curiosidade pelo assunto. — Muito simplesmente, — disse ele radiante — enlatando a nossa cangica, para vendê-la aos americanos. Ah, vai ser um tiro, Coelho!

Minha mulher, que já conhecia a cangica paulista, que certa vez Dona Puzenzinha lhe dera a experimentar, foi à cozinha de onde voltou com um pratinho de qualquer coisa, que deu a Lobato para provar...

— Ué! Onde a senhora achou isto, Mrs. Katharine? — perguntou, admirado, depois de provar a coisa...

— Vem em lata. Chama-se "Sweet Corn" — milho verde — e já vem com creme, açúcar e tudo... Gosta? — Mas, é ótima cangica! exclamou. Estupenda! Só acho uma coisa ruim: Fêz-me perder um milhão de dólares!

(Continua na pag. 8)

RAIO DE SOL

conto de Angela Delouche



Ilustração de Eros Gonçalves

A telha de vidro de seu quarto deixou atravessar a primeira claridade da aurora. Era o dia vinte-e-sete de abril. Um vinte-e-sete de abril indiferente, tão semelhante ao dia anterior, como, possivelmente, seria idêntico ao vinte e oito. Aquela raio de luz, coado através da baça e empoalada telha de vidro, fez com que ele, a contragosto, entesbrasse os olhos. Foi quase um piscar, de tão rápido, pois ele não dormira toda a noite, preferia ainda mergulhar no seu mundo interior. Quando nos acostumamos à penumbra, qualquer luz nos aborrece, por isto ele puxou o lençol para a cabeça e permaneceu deitado. Queria esquecer o que era, onde estava, não sentir sob si a espessura da cama, ou presentir, bem próximo, a prisão das paredes. Tinha passado a noite não-dormido, e, entretanto, não queria de todo acordar. Continuar imerso nesse mundo só seu, feito de mil fragmentos esparsos, dispersos, longínquos e tão transparentes que ele muitas vezes ao recolhê-lo hesitava em acreditar que um dia haviam sido sua própria carne ou as meras espumas de sabão. Era preciso, se ele queria sobreviver, era preciso recolhê-lo um a um, carinhosamente, cuidadosamente uni-los, por mais pequeninos ou insignificantes que parecessem. Mas o raio de sol, (agora já se podia dizer um cáldio e forte raio de sol) atravessando o tecido da cobertura, atingia-o em cheio na face, brinçalhão e travesso como uma criança que quisesse despertar o pai. Com um impulso ele se descobriu. (Havia sempre impeto em suas atitudes). Com o olhar quis abranger todo o quarto, mas seus olhos se deliveram no espaço escuro da porta. Começou a pensar: o se esta porta de mansinho se abrisse... "Bem, meu caro" — dizia para si mesmo interrompendo o pensamento — "quando deixarás, enfim, de ser romântico?" Entretanto o desejo do milagre era mais forte que ele, e, mau-grado seu, continuou acariciando o louco desejo de ver a porta entreabrir-se e deixar que... Seu espírito crítico não o deixava divagar e contraveio: "terias primeiro que ouvir a sua voz e o toque de seus dedos" — e essa imagem lhe foi tão violenta que ele julgou ouvir a amada voz pronunciar seu nome com

a ternura que só ela sabia ter; de um salto pulou da cama e escancarou a porta. Oh! tristeza! Nem mesmo o fantasma de sua alucinação o guardava do outro lado. O sol já conquistara parte do dia e a claridade não permitia mais sonhar. Ele reconheceu com amargura a estrutura do antigo salão, e juntou-se à janela a cadeira de palha onde se sentara na véspera, tendo ao pé livros e jornais que ele negligenciara ao anoitecer. "Maluco!" — exclamou, quase com ódio, e voltando para o quarto, dá um pontapé tão violento na porta que ela parcou e quebrou-se de dar. Imediatamente descobriu o som da máquina que o gemido da porta pareceu infundir ao tocar no portal. "Persistência da dor — pensou ele — até nas coisas!" essa era a sua habitual atmosfera. Com um gesto abafado, deixou-se sair sobre a cama e afundou o rosto no travesseiro. Chorava? Oh! se tu pudesses penetrar no íntimo desse coração, verias que a ternura de seus pensamentos é tão intensa que seria capaz de fazer com que desabrochassem em rosas os lírios mais bonitos. Chorava? Sim. O choro é também uma forma de cantiga e a maneira diferente de fazer pulsar o coração. E onde há lágrimas e tristeza de amor a poesia brinca de fada como nesses encantadores postais de natal europeu. Ele chorou suave naquela manhã de abril, trancado no seu quarto. E apesar do raio de sol, insistente e implacável, adormeceu. O sono que não viera, durante a noite de angústia, fechava de manso, agora, os seus olhos cansados. Adormeceu e sonhou. Sonhou que estava sozinho, caminhando sobre um campo vasto, coberto de verde erva. E, curioso, teve caia sobre sua cabeça descoberta, seus ombros, de mansinho, fria e fina, fininha. Mas, agora, já não era neve e sim pe, nas de passarinhos, azul, roxa, vagarosas e leves, transparentes, quase imperceptíveis, como carícias em sonho. E ele caminhava sobre o campo, pisando com delicia as florinhas anônimas — tema de sua predileção — os olhos divagando no céu amplo à procura da estrelaluzinha que primeiro se acendeu quando a tarde cai. E só havia dentro dele lugar para a elegría, e paz, e mansidão. E de mãos dadas à ternura, caminhava quase sem tocar o chão, ia-

ainda em recolher o pensamento desses pacíficos jumentinhos de olhos profundos e sonhador. Res? Quem?

Ele estava outra vez homem e com melancolia disse para Deus: "gostaria que me tivesse feito passarinho, Pintaassilgo ou patativa, um canarinho qualquer sem nome. Isto seria bom e te garantio que nunca haveria de perder minha alma. Verias o quora cantar maravilhosamente e a ternura de minha voz te faria esquecer os pecados dos homens. E a noite dormiria entre as folhas das árvores onde agora escuto o canto de um pássaro que não sou eu. Estás ouvindo, Senhor?"

Quando terminou de rezar estava acordado sobre a cama de seu quarto, agora totalmente invadido da luz do dia. O raio de sol, nesse instante exatamente do tamanho da telha de vidro, havia deslizado da cama e se espalhava sobre o chão. Esta realidade contundente fazia-o sofrer ainda mais. Era preciso... consultou o relógio: oito horas menos dez. Mas era uma hora estática. O relógio havia parado. Porque? Espreguiçou-se e disse: "Puxa! como dormi!" E agora era preciso levantar-se, enfrentar um novo dia... ele está indeciso. Pergunta? Não Medo. Sabes, por acaso, o mistério e o desespero de um novo tempo? Por fim se resolve. Enquanto se prepara uma voz lhe segreda: "O melhor é fazer de Palhaço. Fazer da Vida um Circo e dar cambalhotas e rir e fazer rir. Tudo sem sentido. A cara falsificada e feliz, sempre representando. O melhor e mesmo ser Palhaço. Sofre, mas não tem tempo de parar na vida verdadeira, no sofrimento sem intervalo. E os instantes no carnaval?" E o seu dia (era um vinte-e-sete de abril) o seu dia foi dia de palhaço. Disse coisas falsas idiotas a torto e a direito. Como fosse um dia muito quente de sol fortíssimo, ele exclamou, em largos gestos:

to é, começava a elevar-se e se transformava em pássaro. Um pássaro ágil que circulou num vôo amplo, o campo, e se dirigiu à cidade. E foi pousar, — imaginem onde foi pousar — num patezinho de casa pobre de subúrbio onde morava um menino ceço que a madrasta condenava a ficar sozinho no quintal. E depois que alegrou o pobretinho que logo cessou de chorar algoz vôo, chilreando à valsa 13 a mesma que Chopin um dia escreveu, mas, nesse instante, se sentou de novo sobre o campo. E seu coração há pouco dilatador do amor, se contrangeu

agora, no ver a erva ressequida sob a torrente de luz no campo ensolarado. Queimado e estéril, o campo brilhava em alegre desespero. Urubus tristonhos, tangidos assustados das cumieiras das casas de arrabalde, vinham pousar, briguetos, na carcassa de um pobre jumento que um dono cruel fizera morrer de trabalhar. Moscas e urubus disputavam aquele corpo cansado, conquistado pela morte, misero corpo cuja vida nada trouxera de bom senão a solidão das noites estreladas. Sim, porque quem pensou

agora, no ver a erva ressequida sob a torrente de luz no campo ensolarado. Queimado e estéril, o campo brilhava em alegre desespero. Urubus tristonhos, tangidos assustados das cumieiras das casas de arrabalde, vinham pousar, briguetos, na carcassa de um pobre jumento que um dono cruel fizera morrer de trabalhar. Moscas e urubus disputavam aquele corpo cansado, conquistado pela morte, misero corpo cuja vida nada trouxera de bom senão a solidão das noites estreladas. Sim, porque quem pensou

— "Que solissimo. Amigo, que solissimo!"

Depois ficou pensativo, debruçado sobre as perguntas que em que está pensando. Então volte, assustado, de sua divagação:

— "Eu? Pensando? Mas, ao contrário, estava dispensando," gado de tudo, distante, aéreo. E ria, ria, e fazia rir, a cara feliz mascarada...

Os afazeres do dia, a marcha monótona das horas (o seu relógio estático; oito horas menos dez, ("como seria isto em inglês, my love?") marcando marcando sempre a querida hora-antiga, a hora que não volta mais e que nunca mais partiu, os minutos, macerando-o, cada átomo de seu dia como um éio a mais, prendendo-o, a-correntando-o ao Passado. O seu vinte-e-sete voltando e éle embriagado de lembranças, querendo ser o centro do volteio, chorando e rindo, zombando da Morte e exclamando:

"Vida. Vida de minha vida, onde estás? Onde vão teus pensamentos? Talvez já nem saibas que te amo... Estás calango na brisa que sopra em mim a suavidade de seu bafejo. Volejate no fundo de todas as paisagens que contemplo. Sintote em todas as emoções que me sacodem a alma. O vôo leve dos pássaros lembra-me a sutileza de teus modos gentis, a rápida carícia de teus olhos passando por mim. És mais do que minha companheira: és a avassaladora presença de todos os instantes".

Mas o Tempo, invisível e incansável caminhar, ia consumindo o dia e polindo as arestas de seu entusiasmo. Abatia-o a tristeza sem fim do milagre da porta que não veio e "oh! Amor, porque somente tuas palavras sabem de cór o caminho de minha casa? Tenho medo de ti mascarado na nervosidade — desta letra mída, não quero traduzir-te, chorarei, te afirmo, e então que será dia de Palhaço?" E a sua alma, lá mirando, mirando e éle quase vencido pelo desespero das intermináveis estradas e dos caminhos sem término, quando até o ar que se respira vem de um deserto de amor, éle, o pobre palhaço alucinado (Piedade, Senhor, não o deixes sucumbir!) exclamava: "Onde estão as rosas que o tempo não consegue destolhar!"

(Continua na pag. 10)

LOBATO NA AMERICA

(Continuação da pag. 7)

Sim. Desta vez, a decepção lhe custará uma fortuna.

Uma noite, Lobato e Dona Purezinha tinham vindo ao nosso apartamento, como faziam de vez em quando, para conversar. Eram visitas à brasileira, que Lobato aproveitava para treinar o inglês. As vezes, estava ele a meio de uma conversa como minha senhora, e de súbito parava:

— Coelho, como se diz "abafei a banca" em inglês?

— Pois, não se diz, homem! Faz-se um rodeio.

Mas, nessa noite, comemorava-se em toda a América o quinquentenário da lâmpada de incandescência. Os jornais do dia tinham feito longos históricos da maravilhosa invenção de Edison. E às 9, como parte do jubileu, o próprio Edison, já muito velhinho, ia falar num *broadcast* para todo o país.

Chegou a hora, e nós nos acercámos do rádio, para ouvirmos o campeão mundial dos inventores, que falou pouco, com voz cansada. No entanto, ouvimo-lo com muita emoção.

Terminada a fala, virou-se Lobato para mim:

— Imagine, Coelho, se o Edison tivesse vivido há dois mil anos e tivesse lá naqueles tempos inventado a lâmpada elétrica! Que de transformações não teria causado! Em primeiro lugar, na religião.

— Como Lobato?

— Pois não vê? Toda religião vem do medo e o medo é filho unigênito do escuro. A lâmpada, destrutora do escuro, eliminaria o medo, e sem medo ninguém se pegaria com os santos!

— É certo! Você tem toda a razão!

Na sua função no Consulado, Lobato não cochilava. Foi o único attaché, dos que conheci, que levou o cargo a sério. Eram cartas a fabricadas de coisas que pudessem interessar o Brasil, eram visitas a fábricas, notícias para os jornais daqui sobre coisas brasileiras, tudo. E todos os meses escrevia para o Itamaraty um grande relatório, com os resultados de suas pesquisas em assuntos comerciais.

Descobriera Lobato o fabricante de estufas desidratadas de legumes e fora visitar o laboratório, onde a firma tinha os aparelhos em demonstração.

Toceando lhe em casa, uma noite, éle nos descrevia essa visita:

— Imagine, Mrs. Katharine (éle sempre temeva o Mrs. por Dona) que ontem comi uma salada de rãiface que havia sido colhida há oito

anos! O homem tirou as folhas desidratadas de um depósito, pô-las n'água, e dentro de alguns minutos estávamos saboreando uma salada fresquinha como quê! Um gosto!

E dando voltas à sua aguda imaginação, via logo aqueles úteis aparelhos distribuídos por todo o Brasil — o Brasil progressista com que éle sonhava — com aquela nossa gente do norte, inimiga de "folha verde", para quem salada é "capim" — a receber do sul verduras desidratadas, adicionando à dieta deficiente as vitaminas que só os vegetais podem suprir. E ia mais longe!

— Isto é uma maravilha! Salada de há 8 anos! Imagine, se uma cabeça de alface dura 8 anos, durará 80, ou 800! E se de são o vegetal n'água volta à sua antiga vitalidade, quem nos diz que se for plantado não pega? Sendo assim, vê só o que temos perdido em conhecimento botânico! O trigo dos hebreus, Coelho, flores e plantas dos egípcios — já desaparecidas — poderiam ter chegado até nós, desidratadas, e voltar a frutificar!

— E, sim.

— Ah, como éste mundo anda de-vagar! E os governos, então, vêm a uma distância de 50 anos, coçando atrás do progresso!

Era assim. Vivava diante dessas novidades da América, como um sábio ou uma criança diante de um brinquedo novo.

A farinha de bananas foi outro produto comercial que o entusiasmou. Claro que essa farinha, feita de bananas verdes, já era conhecida no Brasil. Mas Lobato descobria o fabricante de umas máquinas para a farinha de banana madura! Ótimas para doces, sorvetes, refrescos, porque conservava o gosto completo. Trouxe-nos amostras — e fizemos em casa um delicioso sorvete de banana!

— Que maravilha! dizia, estalando a língua.

Lobato notou, porém, que a máquina, de alimentação automática, era de produção limitada porque o seu magazine alimentador só podia conter certa porção de bananas para o esfriamento. E conheceu então uma máquina paçoeca de outra, de baleeira centrífuga, porém de alimentação contínua.

— Com uma máquina assim, afirmava, poderíamos manufaturar toneladas de farinha de banana em marcha constante! E de parceria com um brasileiro inteligente — João Vesky — levou o desenho do maquinismo ao departamento de engenharia da Universidade de Columbia, onde, com o auxílio dos técnicos, passaram semanas treinandoo e fazendo experiências. Mas a necessidade de voltar para a "santa terrinha" pôs termo a essas demarchas.

No seu desejo de descobrir coisas novas para o Brasil, Lobato estava sempre indo de um lugar para outro, no honroso desempenho do

seu cargo. Foi assim que teve notícia de um inventor, em New Jersey, que estava aperfeiçoando uma máquina sua para quebrar certos coquilos provenientes do México. Lobato se creveu-lhe e chegou depois às falas com o homem.

— Se o senhor conseguir modificar a sua máquina, para que quebre, não éesses coquilos mexicanos, mas o nosso rijo babaço, de que há no Brasil quantidades fenomenais, terá feito a sua fortuna.

O americano abriu-se num sorriso prometedo.

— Só nos Estados do Maranhão e Piauí, prosseguiu Lobato, há verdadeiras florestas de babaço. E do Pará para dentro há territórios enormes, cobertos de casca, que produz, em média, de 800 a 2.000 côcos por pé. A amêndoa é de grande utilidade industrial, para a extração de cremes e óleos finos; e a casca, usada como combustível, substitue o melhor coque inglês. Mas, o descascamento do babaço — frisou Lobato com tristeza — é todo feito a mão, a golpes de machete sobre o gume de um machado preso pelos pés dos caboclos. Dai não poderemos aumentar a exportação desse rendoso produto... Repito, modifique a sua máquina, para quebrar babaço, e ficará milionário!

O inventor prontificou-se a modificar a máquina. Não faltava mais! Para se fazer milhões éle a modificaria dez vezes! Precisava, entretanto, de umas amostras do côco, para lhe conhecer a rigidez, o tamanho, a maturação do corte.

Lobato telegrafou imediatamente, pedindo uma sacca de babaço para ésse mistar, e logo que chegaram, éle os despachou para o inventor, que se pôs a trabalhar na coisa.

Passado algum tempo, durante o qual se trocaram muitas cartas entre Lobato e o inventor, certo dia recebeu o nosso amigo um croquis final da máquina, tal como estava sendo construída, pois o homem dava o problema "babaço como completamente resolvido.

Constava a máquina, principalmente, de um grande tambor de aço, havendo na periferia do mesmo umas seções ou facetas planas com uma série de cavidades ovaladas ou "camas" onde deviam pousar os babaços, separadamente, cada vez que o tambor fizesse uma parada na sua marcha intermitente. A alimentação era feita por gravidade, automaticamente, do depósito distribuidor, colocado no alto, no qual se deitava um saco de côcos de uma vez. A máquina estava sempre em movimento: vinha o tambor e parava um instante; o distribuidor fazia os côcos caírem em suas "camas"; vinha agora uma peça de ferro e os sujeitava em posição; e logo uma pesada mandíbula de aço, provida de puas ou garções também de aço, caía sobre os côcos — quebrando-os com grande uniformidade, para não estragar as amêndoas. Isto feito, o

tambor era acionado uma faceta para a frente, derramando as nozes para um lado e as cascas para outro. E assim prosseguia em operação constante. Em oito horas de trabalho, sendo atendida uma bateria de várias máquinas por um só homem, a produção de babaço descascado seria enorme!

Estava de fato resolvido o grande problema! A famosa "hard nut to crack" achára por fim quem a reduzisse a frangalhos! Podia-se fazer já a demonstração a público da máquina.

E um dia, reunido um grupo de brasileiros e americanos a quem Lobato interessara no assunto, lá se foram todos para New Jersey, onde o inventor os esperava.

O homem tinha a máquina pronta para demonstrá-la. Lobato e sua comitiva examinaram o engenho meticolosamente. Estava tudo em ordem, apetrechado, completo. Lá dar-se por findo, com vitória cabal, o insolúvel problema brasileiro do babaço!

— Vamos! Pode começar!

O homem despejou o saco de côcos no distribuidor da máquina, e puxando uma alavanca, pô-la em marcha. Todos os olhos se arregalaram. Viram o tambor girar, parar, e receber, como devia, sua série de côcos, cada um em seu lugar. Al veio a mandíbula destinada — prrrah! prrrah! prrrah! — gritando os babaços... E girando, girando, com tremendos choques e ruídos internos seguiu a operação... Mas quando os presentes correram à cuba receptora das amêndoas, para colher as primeiras que saíssem — começou a sair fol pedaçoz de máquina! As puas da mandíbula — em vez das nozes!

— Um fiasco danado, confessou-me depois o Lobato.

O gênio inaque, vencido pelo babaço do Maranhão, não se conformou com aquilo. Prometeu melhorar a máquina, retemperar os garfos, mas o Lobato, já triste com o avanço da revolução varguista, que a vencendo o governo, não se interessou mais pelo caso. E até hoje, segundo creio, o babaço ainda é quebrado a mão.

Pouco tempo depois Lobato estava de volta para o Brasil. Encaixotou livros, rádio e outras coisas caseiras. Sobrava-lhe o piano, que não queria levar. Ofereceu-o. "Não, thanks!" Já tinhamos um. Lobato entregou-o por fim ao preto ascensorista do apartamento, que o chamava *dôctor Lobeito*, o qual ficou saltando de contente.

Depois da partida, quando aos domingos eu saía a passear, sucedia às vezes, passando pela casa onde morara Lobato, ver o preto à porta. Rocinha-me e perguntava sempre pelo meu velho amigo.

— Nice man, *dôctor Lobeito*! — dizia num sorriso cheio de dentes.

E eu, que agora perambulava sozinho, repetia a frase — nice man!

(Nova York: abril, 1948)

Provincia Literária

ADERBAL JUREMA

PELA DIGNIDADE DA PROFISSÃO

Ainda um dia desses, numa rápida entrevista a um jornal do Rio, tivemos ocasião de lamentar a ausência de críticos literários em nossos suplementos que procuram suprir essa deficiência com as notas rodacionais sem caráter de apreciação crítica.

Numa fase como a atual das nossas letras não se justifica esse claro porquanto a crítica sempre foi, quando erdida e honesta, um elemento criador na literatura. Embora Croce, no seu livro sobre estética, chegue a afirmar que o crítico é um criador falhado, — romancista ou poeta fracassado —, não se pode prescindir desse elemento na evolução das ideias estéticas de um povo. Entre nós, a crítica exercida com a dignidade intelectual de um Alvaro Lins, um Luis Delgado, um Antônio Cândido, um Wilson Martins, para citar somente a geração que veio após Tristão de Athayde, precisa recuperar o seu lugar ao sol. Na claridade tropical da literatura provinciana podemos apontar as várias tendências que estão dando rumo aos caminhos do espírito de provincia dos nossos escritores mais jovens.

Se constatamos certo marinismo em algumas revistas dos novos, num alinhamento neoromântico da vida social brasileira, devemos penetrar-lhes as causas primeiras a fim de que possam mostrar a essa juventude literária o cerne do erro em que muitos dos jovens poetas e ensaístas estão incorrendo. Não adianta recomeçar aqui a velha e hoje prosaica polêmica entre arte pela arte e arte social. Basta somente que todos nós, velhos e novos escritores, tenhamos sempre na lembrança o conceito de José Veríssimo, de que a literatura não é um desporto e sim o exercício viril da inteligência. Viril, no seu sentido absoluto de nunca fugir da verdade, de que deve ser a flama do intelectual. Verdade de um ou de outro, mas que em sua consciência de homem é a SUA verdade.

Ao mesmo tempo que, guardando fidelidade à SUA verdade, ele procura com o seu poder de expressão transmitir ao público as suas meditações ou o drama de sua sensibilidade, não deve esquecer, também, que o trabalho intelectual exige sangue, suor e lágrimas. Somente através do sofrimento na criação e do amor à verdade que ele defende poderá o homem de letras da provincia ou da metrópole atingir uma posição de dignidade e de respeito.

O ESPÍRITO DE PROVINCIA

O que a provincia tem de mais saudável para o escritor é o aspecto anti-burocrático da produção literária. Na metrópole, o intelectual, por força das circunstâncias, vai, aos poucos se transformando em um "fazedor" de artigos, com produção em série para os suplementos e as revistas, numa autêntica burocracia do espírito que é a negação de toda a aventura, toda a audácia e criação no seu sentido mais genuinamente intelectual. Nos Estados Unidos esboça-se, hoje, uma reação contra a burocracia da inteligência tão ao gosto dos que se acotumaram aos sucessos imediatos e que passam a fabricar suas novelas e seus romances sob encomenda para tal público ou para determinados produtos cinematográficos.

Já o sr. Archibald Macleish, poeta e escritor lanqui, disse certa vez que o intelectual era uma classe à parte. Na provincia, graças a Deus, o intelectual continua a ser um homem como os outros, com atividades comuns aos seus companheiros de bonde ou de "ônibus". Daí o discurso do jovem estudioso de sociologia de Campina Grande, sr. Lopes de Andrade, por ocasião de sua posse na Academia Paraibana de Letras, ser um reflexo de todo esse saudável sentimento provinciano do homem de letras que não faz literatura de encomenda ou à hora determinada como quem assina o ponto na repartição. As ideias do sr. Lopes de Andrade são preocupações de um escritor que faz da literatura, como queria o velho crítico José Veríssimo, um exercício viril da inteligência. E não é sem grave emoção que faz na autonomia das provincias brasileiras em relação à metrópole, no que elas têm de inegotável e virgem para a literatura nacional. Por isso o seu discurso deve ser lido e meditado pelas gerações mais novas com o interesse que faz jus quem ama a literatura e os problemas sociais com um amor de adolescente e não com o velho e rabugento hábito de ser ilustrado. O seu amor é às letras, à palavra no seu dom e na sua força de exprimir o pensamento. Quando um escritor usa a palavra com amor, tudo o que escreve tem a força e o imprevisto de uma mensagem, não acontecendo o mesmo com os que escrevem somente pela necessidade de fazer um artigo.

Não se venha daí pensar que advogamos uma espécie de abarbitrio literário, porque, antes, somos pela valorização absoluta do trabalho intelectual que não pode estar sujeito a uma bu-

rocracia de "Copyright" e nem tampouco a proverbial gratuidade de serviços tão comuns na provincia. Precisamos pagar a produção intelectual por um tão alto preço que não seja preciso ao escritor se transformar em um funcionário público das letras.

OS GRUPOS

Eduardo Campos, na sua entrevista para o "Diário de Pernambuco", aludiu, de início, aos grupos literários do Recife, citando os intelectuais que se congregam nas páginas do suplemento daquele jornal, o pessoal de "Nordeste", "Região", "Resenha Literária" e do suplemento do "Jornal do Commercio". Suponho que o "conteur" cearense não teve a intenção de fazer uma catalogação rígida das várias tendências ideológicas que informam alguns agrupamentos da provincia, cujos membros supostos grupos, enquanto não me consta que nenhum deles tenha conseguido reunir as características. Para que possamos admitir a existência das mais denunciativas de um movimento deficiente do grupo literário é preciso, antes de mais nada, que os seus componentes estejam identificados por uma ideia nortea e que haja entre eles, uma completa afinidade de temperamento. Nenhum dos supostos grupos citados pelo escritor cearense apresenta essas características, antes, pelo contrário, são colaboradores os mais heterogêneos possíveis. O que impede o escritor, no Recife, para essa ou aquela publicação é a simpatia pessoal pela orientação da revista ou do suplemento, orientação aqui mais no sentido estético e sentimental do

na história de grupos literários, é, sem dúvida, o Teatro do Estudante de Pernambuco que possui um ideal comum a todos os seus componentes.

Neste velho burgo de Duarte Coelho, os grupos ainda estão por se formar, o que não acontece no Rio Grande do Norte, por exemplo, como grupo de pesquisadores filológicos de Câmara Cascudo, do qual podemos citar, de passagem, nomes como Hélio Galvão, Oswaldo Lamartine e Veríssimo de Melo.

No Paraná, Dalton Trevisan, quasi sozinho, dá fisionomia de grupo ao movimento literário de "Joaquim" e, no Rio Grande do Sul, o pessoal de "Quixote" escolheu um "slogan" — vamos fazer uma barbaridade — para fazer alguma coisa de comum entre eles.

Provável será que, no futuro, os grupos surjam entre nós, como hoje já podemos apontar, no domínio da história e da sociologia, o grupo de pesquisadores pernambucanos que obedece à orientação e ao estímulo deste sempre jovem mestre Gilberto Freyre.

Muitos são os caminhos para os grupos literários e sociais e estas considerações não nos impedem, porém, de salientarmos o esforço e a vivacidade com que os diretores dos suplementos locais estão ajudando a formação de uma consciência literária saudavelmente provinciana na terra de Nabuco.

A A.B.D.E. E AS LETRAS

A Associação Brasileira de Escritores ainda no cartaz, nas primeiras páginas dos verpetinos,



Waldemar Lopes, Aderval Jurema, Waldemar Cavalcanti, M. Diégues Júnior e Raul Lima, numa sessão do I.B.G.E. no Rio. O 1º e os 3 últimos emigram para o nordeste para a metrópole, onde continuam a ser legítimos homens de letras da provincia

que no filosófico. Se se quisesse descer a minúcias, poder-se-ia falar também das igrejinhas tão comuns nas provincias e nas portas de farmácia do interior. Igrejinhas que são verdadeiras catedrais de publicidade organizada, na metrópole. No mais, a literatura recifense continua no mesmo estado ideológico de há dez anos atrás. Comportamento gráú dez para os poetas plácidos e gráú oito para os sonetistas impendidos, sem falar nos raros críticos e ensaístas que a vida cotidiana cada vez mais os afasta da coluna do jornal ou das páginas das revistas.

Esqueceu-se o sr. Eduardo Campos de citar o Teatro do Estudante de Pernambuco como grupo, este justamente o mais homogêneo e o que oferece todas as características de movimento renovador desde as suas pronunciadas tendências lorquinhadas até o seu audacioso "slogan" de levar o teatro ao povo. Também em "Resenha Literária" o grupinho diretor está tentando, através de suas seções editoriais, fixar uma tendência esquerdista. Quanto ao primeiro grupo já podemos afirmar que ficará como um traço em negrita na história do teatro pernambucano e quanto ao segundo, ainda é cedo para prognósticos...

A velha Escola do Recife tinha, na verdade, característica de um grupo literário com ideias comuns que por muito tempo influíram nas gerações que sucederam a Tobias e a Silva Romero. O choque entre os partidários do racionalismo germânico do mestre de Escada e o romantismo castroalveano define precisamente os grupos em antagonismo nos corredores da Faculdade de Direito e nas torrinhas do Teatro Tro Santa Isabel, o que não ocorre, agora, entre os chamados grupos dos suplementos que, para se degradarem, vivem imaginando moínhos fantásticos, como o nunca assás louvado don Quixote de la Mancha.

Daí o ar de espanto de alguns escritores que não visitam, quando verificam a não existência dos propalados grupos que vivem precariamente na imaginação de certos intelectuais na intimidade. O que há de mais definido nes-

se "manchettes". Eleições que seriam normais em uma verdadeira sociedade de intelectuais na ABDE foi um Deus nos acuda. E muito pior do que as eleições, a posse da nova diretoria culminou com tabafes, insultos e tudo o mais que não ficaria bem em nenhuma sociedade do mundo, muito menos numa associação de homens de letras! E já que falamos em homens de letras, vamos dizer com franqueza que até hoje a ABDE não tem correspondido à sua finalidade. Ao invés de se preocupar, de princípio, com a situação de desamparo do intelectual brasileiro, a ABDE tem vivido de lançar protestos quando não na mais absoluta paucacera funcional.

Há uma guerra na China, uma revolução na Bolívia, um congresso político em Paris, e a Associação Brasileira de Escritores comparece logo com o seu manifesto troncoteante. Para que descer a coisas do cotidiano como o salário, os direitos autorais e outras bobagens se o mundo poderá mudar de rumo com o lançamento de um manifesto bem escrito?

Antes de ser uma sociedade profissional, a ABDE quis ser uma associação de política partidária. Os grupos se degradavam em torno de suas bandeiras ideológicas e esqueciam o principal: a situação de miséria do escritor brasileiro que tem de fazer ginásticas em outras profissões para poder viver. Agora reascendem-se as esperanças de que a ABDE retome a sua finalidade com a eleição do sr. Afonso Arinos para a presidência. Já está em tempo de ser uma sociedade de união e defesa da classe, dos que possuem o poder de expressão como única arma de luta por um lugar ao sol neste mundo desumanizado. Todo escritor, seja qual for a sua orientação político-partidária, deveria ingressar na ABDE com a consciência de intelectual e nunca com a ideia de homem de partido. Somente assim poderia servir à inteligência, ao invés de servir-se dela para propaganda de suas convicções políticas. Só assim a ABDE seria uma verdadeira sociedade de homens de letras e não um grêmio político onde todo mundo a troco de dez cruzeiros mensais recebe o pomposo título de escritor... (Nota: a confusão, agora, é geral...)

LETRAS PARAIBANAS

Em meio à movimentação dos suplementos literários da Metrópole e das provincias, a Paraíba estava como que esperando uma oportunidade para entrar de rajão. E é o que nos ocorre diante do primeiro número do "Correio da Artes", suplemento literário de "A União" que obedece à orientação do poeta Estan Régis, atual secretário desse tradicional matutino paribairio.

Numa feição de moderno, um tanto parecido com o "Letras e Artes" do Rio, o "Correio das Artes" aparece com uma força intelectual capaz de retomar a estrada das boas revistas da Paraíba, a começar pela velha e sempre lembrada "Era Nova".

A colaboração dos mais jovens escritores locais é um índice bem denunciativo de que a Paraíba não estava de todo ausente ao movimento literário nacional. O que faltava era justamente, um veículo publicitário para os novos talentos da terra de Lins do Fogo, talentos jovens e saudáveis que estavam anseando de arduo trabalho. Graças ao novo suplemento é que surgem Hamilton Pequeno comentando o romance de Mário Donato, Péricles Leal falando das Artes Plásticas em sua terra, Carlos Romero num conto cheio de poesia e muitos outros que não conseguimos identificar se são jovens escritores da terra ou de outras provincias.

Notai, no entanto, a ausência de alguns escritores mais velhos que, vez por outra, comparecem às páginas da boa revista da Academia Paraibana de Letras, podendo lembrar de óitavas nomes como Celso Maria, Seráfico Nóbrega, João Lelis e o velho e arguto ensaísta Alvaro de Carvalho.

A propósito de velhos e novos escritores tem surgido por aí agora uma porção de comentários enfusos que repetem sempre os desgastados argumentos da Semana de Arte Moderna, de São Paulo. Na verdade, a pureza das ideias estéticas sempre foram conservadas pelos escritores mais jovens. São eles, na audácia dos vinte anos, os bateadores dos caminhos das letras e das artes. Os velhos escritores nem sempre podem acompanhá-los nessa espécie de marcha batida para o futuro. Mas não se deve esquecer que esses caminhos não são novos. Nove é o conteúdo humano que eles trazem dentro de sua alma de bandeirante.

No panorama atual da literatura brasileira, os bandeirantes do sul, com "Quixote" e "Joiaquim" e os do norte com "Região" e "Clá", estão compreendendo que a luta não é de geração contra geração. Daí a esperança de que todos se unam não contra alguém ou alguma coisa e sim a favor do desenvolvimento da nossa consciência literária capaz de penetrar nos problemas danados do tempo, como diria o nunca esquecido amigo Mário de Andrade.

E "Correio das Artes", na Paraíba, pelo jeito do primeiro número, será a flama da inteligência de todas as lidades na terra que deu a Borges da Fonseca, para falar somente em um nome ligado ao movimento social mais comentado do momento: a Rebelião Praieira.

POESIA E VIDA

Na verdade não se pode exigir do poeta uma inspiração dirigida como querem certos ditadores de modas literárias. Mas, também, um tempo como o nosso, os poetas não podem viver eternamente com os pés no vazio e a imaginação nas estrelas. A sua sensibilidade tem que reagir diante do quotidiano como acontece a um Castro Alves, por exemplo. Daí o grande poema do sr. Mauro Mota na revista "CE", se não me enganar, sobre a passagem dos americanos pelo Recife e as suas consequências sentimentais.

Um poema desses, saído das mãos do poeta das Elegias, indica as grandes possibilidades que ele possui de nos dar coisas ainda mais significativas sobre a vida de sua cidade.

A poesia não pode ficar indiferente ao dia-a-dia, porque ela é, sem dúvida, a vida na sua maior vivência e ternura como a entendiam todas as grandes vozes da poesia universal desde François Villon a Walt Whitman. Muitos cantares estão aí, no ar, esperando que as antenas dos nossos jovens poetas saibam captá-los para as suas composições líricas. Dependendo somente do poeta não se fechar em torres de marfim adrede preparadas e — nas pregudas de conselho de Bilke — cantar as coisas triviais que são as más ricas de elemento poético na sua humilde franciscana. E cantá-las com vozes másculas sem se importar com o espanto e a incompreensão dos acomodaticios, des água-de-flor-de-laranja de todos os tempos. Assim pensamos porque se a poesia continuar nesse marche-marche de mansinho terminará igualzinha à literatura de salão recitada ao som da Dalila.

E preciso coragem de cantar, de cantar tão alto como as cigarras dos escultapos, embora corrações o perigo de estourar pelas costas.

Mas quem foi que disse que poeta não mar-

(Continua na pag. 18)

FALAMOS NOVOS

COMPREENSAO DO HOMEM

Se o homem valeres para a sociedade pelas virtudes de suas relações secretas toda a moral dominante ruiria em face da necessidade de se levantar um sistema histórico completamente novo e essencialmente instintivo. Não podem argumentar os filósofos da história e os sociólogos que tal atitude representaria um reflexo do existencialismo. Pense que não. Mesmo o existencialismo não constitui uma concepção integral. Era voltar ao estado primitivo e realizar a existência em que se influenciasse as injunções de cultura. O homem teria de participar da natureza como um ser bruto. Cairia o sistema configuracional da personalidade porque a personalidade seria essa mesma em essência e em forma. Estariam extintas as grandes lutas do seu espírito: o conflito entre o bem e o mal. O campo das relações espontâneas estaria delimitado numa integração profunda com as funções normais. Daí em diante a formação antropológica e histórica da cultura poderia ser equacionada às teorias freudianas. Mas isso seria absurdo....

(Jonas Ferreira Lima — Trecho de artigo — Jornal do Comercio — Recife, 5-6-49)

OS MALABARISTAS DESEPLANETA

O sujeito que mora nos serões recuados. Nos povoados distantes, que enfaticamente o povo e estatística oficial bolam o apelo de cidades, obrigados pelas necessidades administrativas e também porque eles já se contam com a avançada idade de cinquenta e seis anos de fundação e é a sede municipal, onde, geralmente, um juiz, um prefeito e um delegado de polícia se chegam mutuamente, sob uma avalanche de faxões populares, que bastam para medir o nosso atraso socio-econômico de quinhentos anos. Sabendo eles ler e escrever sacante lhe resta uma coisa a fazer, como medida de legitima defesa própria do espírito — mandar buscar pelo serviço de reembolso livros nas capitais e assinar alguns jornais e revistas, para ir acompanhando a marcha do mundo. Para ir tomando conhecimento dos malabaristas deste planeta....

(Otacilio Dantas Cartaxo — Trecho de artigo — Jornal do Comercio, Recife, 15-5-49)

REVISTAS & SUPLEMENTOS

— Continuam a sair, em todo Brasil, as revistas literárias "Sol" (Santa Catarina), "Orfeu", "Revista Branca", "Cronos" (Distrito Federal), "Quixote" (Rio Grande do Sul), "Clã" (Ceará), "Caderno da Bahia" (Bahia), "Epoca" (Sergipe), "Resenha Literária" (Rio de Janeiro), "Conto-ponto" "Presença" (Pernambuco), "Joaquim" (Paraná) e muitas outras ainda pouco conhecidas.

— Os suplementos como "Letras e Artes" (do Rio) e "Correio das Artes" (da Paraíba) vêm mantendo o seu caráter de caderno literário, sem esquecermos os suplementos locais como o do "Diário de Pernambuco", "Jornal do Comercio" e "Folha da Manhã" e os maiores do Rio, como o do "Correio da Manhã", do "Diário de Notícias" e do "Diário Carioca" e outros. A destacar também a bem orientada seção literária do sr. Tulo Hostillo Montenegro no jornal "O Mundo".

FALAMOS POETAS

DEPOIMENTO SOBRE ANTROPOFAGIA

— Chefe do movimento foi Tarsila Ovidal na frente: irreverente e agressivo, naquele eclesismo social de São Paulo. Foi elemento de choque com a Antropofagia no cartaz, com uma técnica de valorização. Tarsila em sua simplicidade cernava idéias. Queria um retorno ao Brasil na sua terra primitiva. A flecha antropofágica indicava nova direção.

— Vamos descer à nossa pré-história. Trazer alguma coisa desse fundo imenso atávico. Cartar anais totêmicos. Rememor raízes de raça com um penicimento de palcanilise. Desse encontro com as nossas coisas, num clima criador, poderemos atingir a uma nova estrutura de idéias. Solísticas com as origens. Fazer em Brasil à nossa semelhança, de encadeamentos profundos.

O homem da caverna se repete. Vamos reunir uma geração. Fazer o nosso "Contrato social". A novidade está desencantada, perdendo tempo num snobismo cultural. Secou a alma no carteseanismo. Pra que Roma? Temos misterio em casa. A terra grávida. Vozes nos acompanham de longe. Arte não precisa de explicação.

(Raul Boppo — Trecho de artigo — Correio da Manhã — Rio, 29-5-49).

bre o Araceno é certo que eu tinha percebido nele uma ponta de ironia porém que era o que você diz que é, não percebi nem ninguém percebe que não seja com a pulga atrás da orelha. Achei o artigo ruim porém isso não bastava pra descobrir que era de pandega. Não tem ninguém neste mundo que não escreva artigos ruins. Julguei que aquele dia você tinha escrito um....

NOTA DE M. B.

Refere-se a um artigo sobre Araceno Ferreira publicado em "O Jornal". Deveria sair com a assinatura de Esmeraldino Olympio. Heberto inventado por Gilberto Freyre, ao tempo em que Rodrigo M. F. de Andrade, dirige a "Revista do Brasil". Então quando um de nós queria escrever em estilo mozarleco usava o pseudônimo. No caso do meu artigo, porém, havia Chateaubriand não esteve pelos autcs e mandou por seu nome. Fiquel encalistradissimo quando me vi assinando as letras do artigo, que era São Paulo foi tomado no pé da letra por Mario e demais amigos meus sem sombra de desconfinça que fosse uma brincadeira.

(Trecho de carta de Mario de Andrade a Manuel Bandeira, com curiosa explicação deste ultimo — "A Manhã", Rio, 25-5-49).



Ilustração de ILLEU KEER do livro "O DESERTO E OS NOMEROS", de EDSON REGIS, edições Orfeu, 1949

O LIVRO DO MÊS

O ROMANCE BRASILEIRO ATUAL

— Este volume encerra a parte mais propriamente novelesca da tetralogia bíblica de Thomas Mann, completa em si mesmo, forma entretanto um todo orgânico com os dois que o precederam, "José e seus Irmãos" e "O Jovem José", e com o que se seguirá, "José o Providor". JOSE NO EGITO é sobretudo uma história de amor em que se aprofunda o drama pungente da paixão da mulher de Putifar pelo jovem hebreu. Toda a civilização do Egito do tempo dos Farós surge de fundo a esse quadro dramático.

(Trecho da aba do livro JOSE NO EGITO — Thomas Mann — Editora Globo — Porto Alegre, 1949).

ESTÓRIA DE JOÃO D'AREIA

— O escritor Julio Rodrigues de Souza, que lançou com grande êxito "Aventuras de José do Rancho", publica um novo livro "Estória de João d'Areia". É mais uma contribuição para a sua obra literária, rica de realismo e de pitoresco sabor brasileiro que já mereceu o ba-

entanto, nas histórias do sr. José Mauro um ar de reportagem de pampheto que não consegue imprimir uma atmosfera mais densa e segura aos seus personagens. Por tudo isso não é saudável o estado atual do ficcionismo brasileiro que está se limitando a reportagens ou a imitações passionais do já usado romance francês.

Deante da força de vida de um povo jovem como o nosso, o romance regional ou de costumes precisa dar seus mergulhos corajosos nas tramas das almas a fim de que possa, na verdade, refletir a nossa fisionomia de povo em formação. Não é se descrevendo somente canaviais ou garimpos que se faz romance social. É preciso ir mais longe, percrutar com intensidade e emoção política a luta dos homens contra as coisas ou contra outros homens, sem a preocupação de apresentar o bizarro como novidade, como se o bizarro por si mesmo tivesse força para romançar a vida dos personagens.

— Leia os nossos romancistas e o velho Cervantes e depois tentem fazer o inventário da nossa sociedade onde em cavalos de ferro andam muitos dons quixotes travestidos de agitadores, muitos sanchozinhos metidos em casacas de veludo. É muito mocho de vento fazendo mádo ao verso sobre leitor comum que cada dia mais se empobrece com uma sub-literatura morbida e sem alegria de viver. A.J.

FALAMOS CRITICOS

INJUSTICAS DA CRITICA

— A crítica no Brasil tem sido fecunda nesses atos de injustiça, cuja insolita reparação vem muitas vezes apenas incentivar controvérsia em torno de um ou mais autores. É possível que algum ainda se levante em defesa da posição adotada por Silvio Romero em face de Tobias e Castro Alves, e mais ortodoxo do que o historiador, considero Dias e outros superior ao Espumas flutuante. A respeito das Memórias de um sargento de milícias, o frio silêncio de uns, de outros a ignorância obstinada devem ser, contudo, atribuídos menos à incompreensão pessoal, às inevitáveis limitações do senso crítico do que ao estado de espírito da época, numa fase de formação francamente indecisa, em particular quanto ao romance, entre o modelo europeu, o nacionalismo idealista e romântico, e as crescentes solicitações do meio, as quais, esboçadas desde os tempos da Colônia, não cessavam de reclamar finalmente um posto na literatura....

(Haroldo Bruno — Trecho de artigo — Diário de Pernambuco — 20-5-49)

AO INTERESSE DA NATUREZA FISICA

(Pe. Daniel Lima — trecho de ensaio — Diário de Pernambuco — 20-5-49)

A SERVIÇO DA POESIA

— Todos nós temos acompanhado a trajetória poética do sr. Mauro Moia. Vemo-lo, hoje, como um poeta plenamente realizado. Revistas, jornais, suplementos literários lhe publicam as poesias; e, através dessas poesias já agora tão fartamente disseminadas, podemos encontrar o artista, o homem de sensibilidade, o criador do seu próprio mundo.

Dotado de uma ironia indulgente, como a de Renan, no verso é que sua piedade se revela. Tem-se até a impressão de uma fuga, de uma evasão, como se o poeta só nos seus grandes momentos humanos se sentisse realmente a serviço da poesia.

(Nilo Pereira — trecho da crítica "Folha da Manhã" — Recife, 5-6-49)

NAO FOI SARTRE...

— Seria injustiça afirmar-se que, apenas a partir do moderno-urto existencialista, passou a existência a entrar na preocupação dos filósofos. Não foi Sartre o descobridor da existência como problema filosófico. Mergulham bem profundo no tempo as raízes da árvore existencialista. Sócrates, para quem se volta, com tanta insistência, Kierkegaard, que o interpreta um tanto a seu modo, é, sem dúvida, um pensador existencialista, no sentido de ter sido um homem para o qual o verdadeiro caminho a fim de chegar-se à sabedoria era a tração da existência nas suas fontes mais puras.

O "conhece-te a ti mesmo" não é apenas um método de filosofia, mas um esforço de sabedoria, uma atitude vital que implica numa preocupação com o humano estrebado a filosofia de seu tempo. Foi um conceito a filosofia que vinha imprimindo a filosofia um rumo diferente, a "filas" substituída pela "endemoniada", o interesse do homem anteposto

UM AUTOR DIFICIL

— Ao terminar uma das suas conferências, em Paris, Ortega y Gasset fez-chave-a com esta chave que, para os franceses, não seria de ouro de todas as linguas europeias a que menos facilita a fauna de traduzir es la lengua francesa.

Esta mesma chave nos utilizamos para abrir este assunto, em torno da tradução e do estilo, de Proust.

— Inagel que Marcel Proust é um autor difícil. Não tanto como Joyce, claro. A leitura do "Ulisses" transformase, quase sempre, num inverteptado agitado. O leitor, mesmo cavalgando o melhor dicionário e recetando com todas as esporas da inteligência, pode ir no chão, ou melhor, atirar o livro no fundo da estante.

Já Proust é menos agitado. Romancoso. Ou, como queria Huxley, em "Contraponto": um onanista de assuntos.

(Glaucio Veiga — Trecho de artigo — Diário de Pernambuco — 12-6-49)

LIVROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS
LITERATURA — LIVROS ESCOLARES, TÉCNICOS E CIENTÍFICOS
Livraria da
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
RUA DA IMPERATRIZ, 43 — TELEFONE 2726
ATENDEMOS PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO
RECIFE PERNAMBUCO

RAIO DE SOL

(Continuação da pag. 8)

— Onde está a Poesia que Deus sprou em nosso ser no instante da criação? Onde? Onde? O raio de sol tinha sumido. O cenário era todo sombras, essas sombras amigas que nos repousam os olhos e escondem as nossas magoas. Em gestos caricaturais ele saúda os companheiros e vai se retirando (Tudo lhe batem palmas, palmas, elogios, o aplauso). Oh! mas quando o visse fora do cerco nos breves instantes do camarim, percebia que sua vida não passava de uma sombra a quem tivesse arrebatado o corpo, de uma força contra a própria força que o impulsiona, de um crescente desequilíbrio entre desejos e realizações. Não havia para sua própria alma, em todo o milagre da Creação, senão a imagem do esquecimento total de Deus. Que pensar a ele mesmo, desprendido a miscer no dia do dia? Ele? Oh! sim, também vacillava, e quantas vezes não se sentia tenso e trêmulo de pavor! nessas ocasiões acontecia olhar para o céu (digo acontecia porque garanto que era sem querer) e vendo as estrelas se lembrava da luz de uns certos olhos e toda e Poesia do crepusculo se concentrava nele, tomado a forma de seu ser. "Sim" — dizia para o interlocutor ausível — tu verás, serás o marinheiro ousado e não o miserável nau-

frago, tu verás!" E em frêmitos ele vibrava como o som puro e único tal como saiu das mãos de Deus no instante em que criou a música. E então... silêncio... estava ouvindo esta melodia que vem chegando? Estas notas que surgem de leste e de sul, que sobem que envolvem? É uma sinfonia, é a sinfonia das almas dos passarinhos? dos pobretos passarinhos cujos ninhos a ventania desfez, dos implumes e inocentes bicaricosos, agora libertos do próprio corpo, voando, independentes, com outras asas, e voam e cantam e são inúmeros e são felizes. É uma sinfonia que os ouvidos comuns ainda não sabem nem podem ouvir é a misteriosa sinfonia que revive coisas de Espanha como Albeniz cantou, que nos joga em jardins de templos chineses com montanhas nórdicas da branca Escandinávia, é uma sinfonia feita do sussuro do vento nos verdes canaviais de Pernambuco, de Pernambuco contado pelo encantamento dos pardalcos floridos.

Ele tem a cabeça descoberta e estende os braços como a querer ampliar os limites de suas emoções. Se tu o pudesses ver, perceberias então que há sobre a Terra o Amor que não conhece — fronteiras. Naquele instante cigarras magríssimas anunciavam com ironia a persistência do VERAO.



I

NA BRUMA UM GESTO, FLAUTA, FRIO INTENSO,
PÓRTO DA MADRUGADA CLAREANDO.
SOMBRAS EM BRANCOS MARES SE ALONGANDO,
PARA O SONO. QUE VEM, PERDÃO IMENSO.

DE TURIBULOS RASOS, FINO INCENSO
AO CORPO DA MULHER QUE ESTIVE AMANDO
VERDE LENÇOL, CAI NA NUDEZ, VELANDO
O ÚTIMO AFAGO QUE FICOU SUSPENSO.

A MARSELHESA VOU CANTAR A VIDA
E NA AUSÊNCIA DE DEUS E DO PECADO,
QUERO, NEUTRAL, PARTIR PARA A VENTURA,

MAS, DEANTE DA FACE POSSUIDA,
VONTADE DE CORRER E ESTAR DEITADO,
PLENO DE TÉDIO E CHEIO DE TERNURA.

II

PELO MESMO CAMINHO VOU PASSANDO,
PERDENDO AO LARGO A IMENSIDÃO DO MUNDO.
AI QUEM ME DERA SER UM VAGABUNDO
EM CADA CAIS O CORAÇÃO DEIXANDO.

O ESTRANHO MAR, EM FRAGEIS NAUS SIN-
[GRANDO,
ATE QUE UM DIA, QUANDO MORIBUNDO,
JOGADO EM SUAS ÁGUAS, FOSSE AO FUNDO
EM SEU LOUVOR O MEU AMOR CANTANDO.

AI DE MIM, COM UM ÚNICO ROTEIRO.
OUÇO APENAS NO MAR CONSTANTEMENTE
E NÃO POSSO FUGIR DO CATIVEIRO.

OLHANDO O CÉU, NO ALBOR DAS ALVORADAS,
TENTO EM VÃO ALCANÇAR A LUZ NASCENTE
E NÃO POSSO VOAR DE ASAS CORTADAS.

III

ESSA TARDE DUROU UMA AÇUCENA,
OS TEUS LÁBIOS PERDERAM-SE ENTREABER-
[TOS,
NAS ARESTAS DA PEDRA ENEGRECIDA
ESTENDI MEU DESEJO INCANDESCENTE.

TUAS MÃOS MODULAVAM PASSARINHOS,
OS TUS PEITOS CAMINHOS E GUITARRAS,
MAS A TARDE DUROU UMA AÇUCENA
DEIXANDO TUAS FACES PRESENTIDAS.

EU PERDI, ESSA TARDE, UMA CANTIGA,
TODO O OURO DO MAR FUGIU DA VISTA,
CONTEMPLI-TE NO TEMPO E NAS ARAGENS.

ENTRE MIM E TEU SEXO, NEVOEIRO,
MUITO LVE TEU CORPO ESMAECIA
NESSA TARDE DE FLOR E O TEU SILÊNCIO.

IV

LÚCIDO ESTOU, AO HOMEM INDORMIDO
SÓ A CANTIGA A FACE NA ALVORADA,
DENSOS PASSOS FICADOS PELA ESTRADA,
NO CAMINHO DO MAR EMPREENDIDO.

AGORA E NUNCA MAIS O ACONTECIDO,
NEM AQUELA MULHER POR MIM AMADO.
SÓ A CANTIGA A FACE NA ALVORADA,
NA MEMÓRIA O QUE FOI ESTÁ PERDIDO.

LÚCIDO DESCEREI DA QUEDA AO MEDO,
LÁ NO MASTRO A BANDEIRA ENVELHECIDA,
LEVO NA BOCA A NOITE ANIQUILADA.

OUTROS SE AGITEM, PERMANEÇO QUEDO,
SOB O SIGNO OCULTO DA PARTIDA,
SÓ A CANTIGA A FACE NA ALVORADA.

V

NOS ARES FORMAS DE LONGINQUO PÓRTO
E A PRECÁRIA PRESENÇA DO AFOGADO
SERPENTEANDO PELO CHÃO MOLHADO
CONSTANTES DE AGONIA E DESCONFORTO.

DO PONTEIRO A UMA FLOR PASSO ABSORTO,
PUNHAIS PERFURAM GRITOS NO TELHADO,
NA MOLDURA O RETRATO INACABADO
ESPERA A FUGA DE UM AMIGO MORTO.

OS ÚLTIMOS PASSANTES SÃO AS ALMAS
DOS MARINHEIROS, QUE EM ANCIÉDADE,
PROCURAM NA VIELA A RUA IMPURA.

QUE IMPORTAM, NA MEMÓRIA, NOITES CALMAS,
SE O MAR ESTÁ PRESENTE NA CIDADE
E SE EU JÁ ESTOU PERDIDO EM SINGAPURA.

VI

EM TEUS OLHOS DE PAUSA, TEMPO E ESPERA
AS IMAGENS E AS SOMBRAS REFLETIDAS,
DENSO É O CÉU, DENSA A MANHÃ E HÁ FORMAS
SUBMARINAS PELA RUA ANTIGA.

PELO RIO E NAS PONTES SONOLENTAS
VAGO CINZENTO E ENTRE OS MEUS CABELOS,
CANTA LIGEIRO UM VENTO FRIO E FINO,
QUE VAI PASSAR NAS TORRES DAS IGREJAS.

ROÇAR, DE LEVE, PELOS VELHOS SINOS
E VOLTAR PARA O MAR DE ONDE PROVEIU,
LEVANDO ESTA CANÇÃO CANTADA A ESMO.

NESSA MANHÃ DE TÉDIO E BRUMA, QUERO
QUEDAR-ME AQUI, JUNTO AO TEU CORPO, MUDO
E SER IMAGEM NOS TEUS OLHOS TERNOS.

Sonetos de Carlos Morgeira



GASOLINA
 LAVAGENS
 LUBRIFICAÇÃO
 SERVIÇO
 VULCANIZAÇÃO
 ASSISTÊNCIA

Aberto a qualquer hora do dia ou da noite !

Aqui deixamos a nossa lembrança a todos os automobilistas: já estamos em pleno serviço !
 Sim — e bem aparelhados para assegurar-lhes sempre o melhor serviço.

POSTO

STUDEBAKER

Armando de Souza Leão

AV. HERCULANO BANDEIRA, 65 (No local do antigo Leblon)

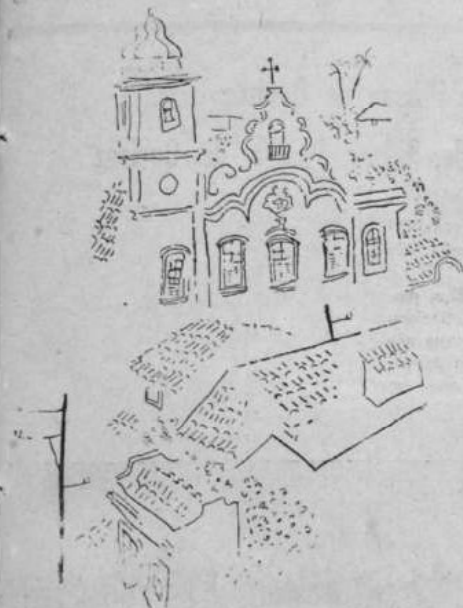
PINA — RECIFE

No melhor ponto da Praia do Pina para servir tôda a cidade do Recife!



Esta garantia também para você !

Artes Plásticas



Igreja de Santa Cruz (Recife) desenho de CARLOS THIBE

DIÁRIO DE VIAGEM

EXPOSIÇÕES

SERGIO MILLIET

Desde a exposição "Brazil Sulda" no Museu de Arte Moderna de Nova York, pode-se afirmar que a arquitetura é o nosso melhor instrumento de propaganda cultural. Ainda há pouco em Paris a exposição organizada pelo Ministério de Educação alcançou brilhante êxito e uma crítica elogiosa em todos os jornais. As realizações de Oscar Niemeyer, Jorge Machado Moreira, Eduardo Reidy, Carlos Frederico Ferreira e outros entusiasmaram a crítica francesa. Em "Arte", o sr. Gille Delafon assinala originalidade das nossas concepções e seu justo funcionalismo. E fecha seu comentário com uma referência especial aos jardins de Burle Marx, "espan-tosos jardins (étonnants) de um gosto e de uma sobriedade admiráveis nos seus contornos "três étudés".

Nossa pintura é menos bem compreendida. Portinari foi julgado com uma severidade excessiva e alguma injustiça. Apegar-se os críticos de Paris às semelhanças de estilo (Picasso principalmente) e esqueceram a contribuição brasileira, o enriquecimento humano trazido ao formalismo moderno. Fala-se ainda de Di Cavalcanti, ausente há tanto tempo, e de Tarsila que deixou boa recordação. Mas Cícero Dias tem seus fans e como trabalha com vontade, e não se mostra envaidecido com seu êxito, irá longe sem dúvida. Veremos o que fará Segall em janeiro próximo, já reservado para a sua exposição no Museu da avenida Presidente Wilson.

O grande sucesso artístico da temporada é a exposição que, sob o título de "Primeiros mestres da arte abstrata", apresenta a Galeria Maeght na rua de Messine e que abrange a produção de alguns pintores modernos de 1910 a 1949. Divide-se em duas partes a serem apresentadas uma depois da outra, a pri-

meira (fora em exposição) englobando as "pesquisas preliminares" e a segunda as telas declaradamente abstracionistas.

Como se sabe, é das pesquisas do cubismo, do orfismo, do simultaneísmo e até das elucubrações dadaístas que nasceu a concepção abstrata das artes plásticas. A pintura pela pintura e como pintura foi somente que vingou na terra fértil dos primeiros trabalhos de Braque, Pissarro, Delaunay, Léger, Picabia. São trinta anos depois entretanto se começa a perceber com clareza a ligação entre as mencionadas escolas e as soluções ortodoxas atuais. E as exposições didáticas, tanto de telas como de idéias, agora é que se iniciam em larga escala, oficialmente por assim dizer. O público não teve até hoje uma noção precisa da evolução da pintura moderna, muito embora o esforço, nesse sentido, do Museu de Arte Moderna de Nova York mereça ser realçado. Ora, esse esclarecimento do público talvez constitua o fim principal da presente exposição, patrocinada pelo Museu de Grenoble, o Museu de Louvre, o Ministério da Educação Nacional e Belas Artes, etc., e organizada com a colaboração de inúmeros colecionadores franceses e estrangeiros.

Para o amante de pintura moderna e para o crítico, vale o conjunto sobretudo pela oportunidade que lhes dá de verem obras há muito fora do mercado, telas de Pissarro ou Braque da fase cinquenta, tão raramente visíveis e das quais não existem reproduções coloridas. Aliás esta primeira exposição é dominada pelas qualidades plásticas do velho Braque e pela elegância irrequieta de Pissarro. Os dois maiores pintores do século XX (ao



lado de Rouault e possivelmente Morandi) redescobriram a pintura, tirando o máximo partido das lições de Cézanne, e de tal modo a entenderem em sua essência que pouco diferem um do outro nesse período heróico, sendo difícil identificar-lhes os quadros sem atender para as assinaturas. Só mediante uma lenta e cuidadosa análise pode-se distinguir, pela matéria talvez e pelas gradações dos cinzas, a sensualidade equilibrada de Braque da agressividade brilhante de Picasso.

Ao lado dos dois grandes há que mencionar Delaunay (Robert e Sonia), cujas pesquisas são sem dúvida o que então (1911-1914) se fazia de mais depurado e o ponto de partida de mais de um abstracionista conhecido. Entre outras obras desses pintores figura a ilustração "Prose dans le Transibérien" de Blaise Cendrars (Sônia Delaunay), que se encontra também entre as raridades da Biblioteca Municipal, e alguns estudos para a famosa "Torre Eiffel" (Robert Delaunay), cujo exemplar mais conhecido pertence à pintora brasileira Tarsila do Amaral. Mencionam-se igualmente os primeiros Kandinsky, muito românticos mas já sugerindo o caminho seguido mais tarde, os primeiros Mondrian, suaves e em nada precursores de sua "esometria" posterior, as realizações ainda um pouco elementares de Magnelli, os tormentosos Picabia.

Alguns desses pintores, como Braque e Picasso não se fixaram no abstracionismo, antes evoluíram para um figurativismo fantástico; outros não foram além do cubismo. Quanto aos escultores, à exceção de Brancusi e Laurens, não há o que apontar à admiração do público. Veremos na segunda exposição se alguma coisa de valor se apresenta. E louve-se o catálogo excelente, e verdadeiramente "Mise au point" do abstracionismo, apesar de excessivamente literário.

X X X

Em outra galeria (Rua de la



Cais — Xilogravura de LADJANE

Boffle o "jovem" Giacchia (50 anos) reúne um conjunto por demais decorativo de suas últimas telas. Giacchia evolui no momento para um neo-abstracionismo, discreto no desenho e usando no colorido, mas muito preso ainda aos motivos e à linguagem de Picasso. Nem sempre a composição é inteiramente feliz; salvando entretanto um gesto seguro no jogo dos vermelhos, pretos e amarelos, tons predominantes em suas telas.

X X X

Na "Orangerie" exposição de pastéis franceses em especial do século XVIII, com belíssimos retratos de La Tour e Perroux, ambos de primeira grandeza e disputando numa rivalidade positiva o título de primeiro pastelistas da Europa. A técnica do pastel transforma-se por completo no século XIX e pode-se então admirar o movimento nervoso de Degas ou a harmonia de valores de Manet. Quanto aos contemporâneos, não há como negar a decadência. A não ser a sensibilidade mística de Chagall e uma

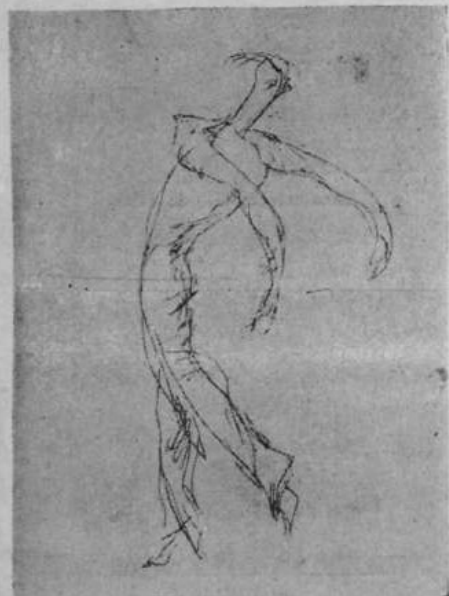
ou outra solução feliz de Matisse, nada de grande.

No "Petit Palais" duas exposições notáveis. A gravura contemporânea de um lado, e de outro as obras primas dos mestres franceses (com a colaboração do Louvre). Como muito bem diz Vallery-Radot no prefácio do catálogo da mostra internacional de gravuras, ela resulta "de uma imensa necessidade" de retomada de contactos. Treze países participam da exposição. Como de costume o Brasil brilha pela ausência. De um modo geral a qualidade é boa sem ser transcendente, mas há exceções, entre as quais Adja Yunkers, norteamericana, que expõe uma xilogravura em cores, de grande sensibilidade. Georges Braque com duas litografias coloridas (8 e 7 cores) no seu estilo habitual, sensuais e sólidas, e Carlos Gonzales, expressionista uruguaio que sacrifica um pouco a técnica ao assunto mas interessa pela sua força e sua decisão. E não se esqueça Morandi, o mestre italiano, que consegue manter na

água forte o mesmo espírito de seus óleos.

Quanto à exposição de obras primas dos mestres franceses, não podia ser mais completa com um número relativamente reduzido de telas. Mas os trabalhos foram muito bem relacionados e o conjunto abrange desde os primitivos até os post-impressionistas. Apesar dos ótimos Cezanne e de um maravilhoso Pissarro, é ainda entre os primitivos e no século deztoito que encontramos as mais belas obras. Fouquet, Clouet, Watteau, Perroux e sobretudo Chardin (uma natureza morta que Morandi viu por certo dominar a exposição. Mas a deliciosa paisagem de David (que esteve em São Paulo com "Cem anos de pintura francesa") salva do esquecimento o período 1780-1830. Delacroix menos "pintado" do que se imagina comumente. Ve Géricault com uma força e uma consciência pictórica que só em Corot e Courbet desabrocham novamente.

"O Estado de São Paulo" — 8-6-49



Desenho de EROS GONÇALVES



Rainha de Maracá — Aquarela de ELEZER XAVIER que vai expor no Rio de Janeiro, no mês de julho corrente

Usina Santa Terezinha S. A.

Diretor-presidente: José Pessoa de Queiroz — Vice-presidente: Fernando Pessoa de Queiroz

Diretor-técnico: dr. José Adolfo Pessoa de Queiroz e diretor-secretário: dr. Edgar Pessoa de Queiroz

A Usina Santa Terezinha S. A., está localizada no município de Água Preta, Estado de Pernambuco, estendendo as suas propriedades agrícolas pelo Estado de Alagoas, margeando o fértilíssimo vale do rio Jaquipe.

E, sem favor, uma das mais modernas usinas de açúcar do Brasil e, embora, uma das mais jovens, apresenta uma sadia orientação no que se relaciona com a assistência ao trabalhador rural. Mais eloquente do que as palavras são as fotografias que colhemos por ocasião de nossa visita a esse moderno parque agro-industrial que o dinamismo construtor de José Pessoa de Queiroz criou na zona da mata pernambucana e que estampamos nesta página.



Casas do operários.



Conjunto da usina e destilaria, vendo-se ao fundo plantações nos morros.



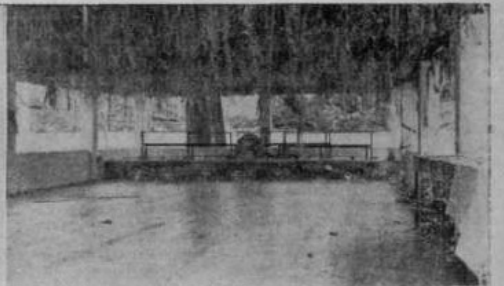
Depósito de álcool.



Alunos do Grupo escolar da usina.



Campo de esporte do operariado



Dancing para o operariado



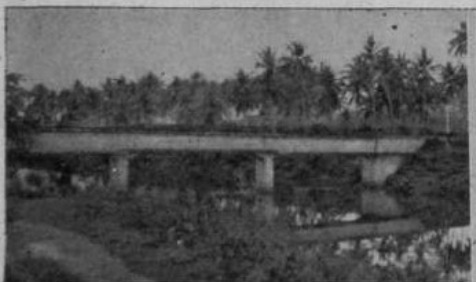
Grupo escolar e residências de funcionários.



Construção de um posto médico, em um conjunto de 12 iguais em diversos engenhos.



Matadouro modelo da usina.



Ponte construída sôbre o rio Una, na estrada de ferro da usina.



Tunel próprio da estrada de ferro da usina.



Campo de aviação.

Teatro

Hermilo Borba Filho



Máscara trágica — EROS GONÇALVES

Notas Sobre a Crítica Dramática

1 — Ao iniciarmos estas notas é preciso que se esclareça que a palavra crítica é usada aqui para o bom ou o mau julgamento, e não sob o ponto de vista dos que se iniciam usando as colunas dos jornais para emitir as suas opiniões ou dos já consagrados pelos anos e pelo estudo. Porque na verdade, aqueles que usam o espaço destinado nos diários à apreciação de uma peça, entregam mais o espetáculo em si do que o próprio drama e têm maior interesse em escrever bem do que com justiça, sem o tempo suficiente para estudarem o assunto, sem ao menos conhecerem o original representado, como acontece muitas vezes. Daí a necessidade de certos conjuntos artisticamente honestos enviarem cópias das suas peças aos críticos especializados, a fim de que eles as estudem e não escrevam às cegas. Isto pode parecer um absurdo, à primeira vista, mas o que se deseja num espetáculo é a compreensão total, não somente dos atores, mas do público e daqueles que têm, por dever do ofício, de orientar esse mesmo público.

O espectador ideal de uma representação dramática seria aquele que tivesse no mais alto grau um sério espírito crítico, a ponto de receber a mensagem exata pela boca dos atores, pelo seu movimento em cena, pelas cores, pelo cenário e das luzes, tudo adquirido através de um estudo acurado do texto e de uma provável realização em imagem espiritual. Para chegarmos a tal ponto de criticismo tornaria-se necessário que a arte dramática fosse colocada em seu devido lugar, constando como matéria regular dos cursos secundários e que os vários ramos que a compõem — História, Literatura, Teoria — tivessem de ser explicadas em aulas, dando ao aluno esse senso crítico que desejamos para o público não mero

espectador, mas integrante do espetáculo, uma das partes da religião cênica, tornando efetivas aquelas palavras de Pierre-Aimé Touchard: "L'apelle tesion dionysiaque cet état où le spectateur se sent lié au destin des personnages si intimement qu'il perd conscience que ce destin n'est pas le sien".

2 — Na verdade a alegria plena na apreciação de uma arte não se deve apenas a um estado de graça, porém requer um longo cultivo de conhecimentos a respeito dessa arte. E aqui chegamos ao ponto de assermos qual será a verdadeira tarefa de um crítico. Clayton Hamilton, em seu livro "The theory of the theatre", diz: "When a bad play is proceed, it would be better to review it in some such terms as these:— "Last evening a play called Crime, by John Smith, was produced at Brown's Theatre, with Mary Jones in the leading role. The audience seemed to like (or seemed not to). There is nothing in it that requires critical consideration". Assim vamos por um caminho errático, porque antes de tudo o crítico deve atuar em paz consigo mesmo e agitado da maneira indicada pelo teórico americano ele está fugindo à sua função.

Alta Reynolds Thompson soluçona o problema da crítica dramática pondo-nos diante de três perguntas que agiram como teses sobre a capacidade do profissional ou do intelectual que deseja cooperar com a arte teatral, essas perguntas não sendo mais do que aquelas que, em outro sentido, já teria feito Goethe. Elas: "Que pretendeu o autor fazer? Foi ele bem sucedido fazendo isto? Está ele errado fazendo isto?" A primeira dessas perguntas exige do crítico uma identidade absoluta com a obra e o pensamento do autor, tarefa das mais difíceis quando nos lembramos que, às vezes, os intérpretores descobrem intenções que nunca passaram pela mente dos autores, mesmo porque estes últimos são muito reservados no que diz respeito ao significado das suas obras, a não ser o caso de um Bernard Shaw, por exemplo, cujos prefácios longos superam as próprias peças pela qualidade e pela quantidade de páginas. A própria peça ainda é a melhor fonte para descobrirmos as intenções do autor.

A segunda e terceira perguntas envolvem uma questão que escapa ao domínio do próprio autor e que se projeta sobre a reação do público e caímos, então, no domínio do individual, pois não podemos garantir que o nosso ponto de vista é o da maioria e nos tempos que correm, o que verificamos é que o maior número de pessoas é quem decide o éxito comercial de uma peça, sem levar em conta os seus méritos intrínsecos.

3 — A opinião alheia não é o único obstáculo que o crítico deve afastar para julgar uma peça, mas também a "mise-en-scene" que não é o trabalho de um dramaturgo, apesar de ser muito importante. No entanto estamos falando do drama em si e os elementos a ele estranhos não devem entrar em linha de conta. Por isso torna-se tão difícil julgar uma peça que não conhecemos de letra, pois que ela "vestida" no palco com o cenário, as roupas, as luzes, o movimento toma um aspecto que, por vezes, torna-se diferente da intenção do autor, principalmente com o presumido direito do regisseur ou diretor do espetáculo de interpretar a seu modo o drama que lhe confiam. Mas isto já é outra história.

4 — A mais importante qualidade moral que se exige de um crítico é a facilidade do desinteresse. Ele deve sempre contar a verdade tal qual a vê, pela simples razão de que é assim que ele vê a verdade e não se debar influenciar por opiniões posteriores. Mas é muito difícil ser desinteressado. Certos críticos, por exemplo, têm hábito de julgar certas peças de



Cena da peça "Edipo-Rei", de Sófocles representada pelo Teatro do Estudante de Pernambuco

Sejas tu bendito e por tanta dedicação o céu seja para contigo mais benigno do que foi para comigo. Onde estão, filhas minhas? Vinde a estas mãos firmas das vossas a quem deveis, ó filhas, a cegueira do vosso pai, que, sem nada ver nem saber gerou os filhos no mesmo ventre de onde nasceu. Choro, minhas filhas, já que não me é dado olhar vossos rostos, ao contemplar a triste vida que os homens não de preparar-vos. A que reuniões poderéis comparecer, a que festas poderéis assistir, sem voltar chorando para casa? E quando estiverdes na idade do casamento, qual será o vosso noivo? Ninguém, minhas filhas, ninguém. Irremediavelmente órfãs e abandonadas, tereis de arrastar uma vida sem esperança. Mas ó filho de Menecleo, Creon, ouve-me! Já que serás o seu único pai, perdoas tu a permissão que vivam em pobreza, já que são tuas sobrinhas e não consintas que andem mendigas e solitárias pelo mundo. Tem piedade, vovozas, não já, vovozas ainda e sem outro apoio senão o teu. Dá-me tua mão e promete isto, homem generoso. E a vós, minhas filhas, muita

coisa teria a dizer, se já tivesse a compreensão dos homens. Porém sejam estas vossas preces, ó minhas filhas: que o céu vos conceda viver na moderação e gozar de sorte mais feliz do que a do pai que vos deu a ser".

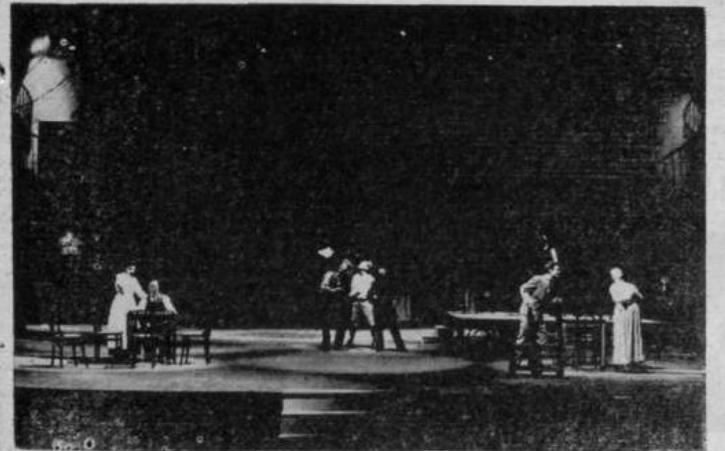
A fotografia acima ilustra o texto da lamentação de Édipo, na tragédia de Sófocles, "Edipo-Rei", escrita 4340 anos antes de Cristo e agora lançada pela primeira vez no Brasil pelo Teatro do Estudante de Pernambuco, com um sucesso artístico dos mais significativos que o Recife já viu. A tradução é devida a Hermilo Borba Filho e Eros Gonçalves, sendo os versos do Cório adaptados pelo poeta José Laurênio de Melo.

"Edipo-Rei" marcou o início da nova fase do Teatro do Estudante de Pernambuco ao se propor representar no Santa Isabel e com entradas pagas, sentindo-se desobrigado da luta que manteve durante três anos, desamparado e levando o teatro ao povo com um repertório onde figuram os nomes de Seneca, Tchekov, Garcia Lorca, Ibsen e o pernambucano Ariano Suassuna.

A tragédia grega foi louvada por toda a imprensa do Recife, que enxergou na encenação um largo passo dado em favor da cultura dramática de uma cidade de que se falava ao lado das mais importantes no Brasil pelo movimento renovador teatral. Dirigida por Hermilo Bor-

ba Filho, contou com a colaboração do pintor e cenógrafo Eros Gonçalves, que se encarregou do cenário, trajes e máscaras do Cório, ao passo que Salustiano Gomes Lins tirou conta dos efeitos de luz.

"Edipo-Rei" foi apresentada no público sob os auspícios da Diretoria de Documentação e Cultura e da Fábrica Fratelli Vita, com a seguinte distribuição: EDIPO — GENIVALDO WANDERLEY; SACERDOTE — LUIS ESPINDOLA; SUPPLICANTES — MARIA TEREZA LEAL, DULCE DE HOLANDA CAVALCANTI, FRANCISCO SEPULVEDA, LUIS ALBERTO GONÇALVES PEREIRA MOACIR L'AMOUR, ERNANI CERDEIRA; CREON — MARCO AURELIO BORBA; CORIFEU — CLENY WANDERLEY; CÓRIO — WALMYR MARANHÃO RUBEM GUIMARAES, HUMBERTO FALCÃO, JOSE AJURCABA, MAURO LAURERIA, ABRAHÃO GELFOND, LUPERCIO GOMES, TIERESIAS — GASTÃO DE HOLANDA; O MENINO — GILBERTO BORBA; JOCASTA — ANA CAREN; PRIMEIRO MENSAGEIRO — MILTON FERREIRO; PASTOR — EPICTACTO GADELHA; SEGUNDO MENSAGEIRO — JOSE GUIMARAES SOBRINHO; ANTIGONA — DJANIRA SEPULVEDA; ISMENIA — DULCE SEPULVEDA; SERVAS — ALAIDE PORTUGAL e MARIA TEREZA LEAL.



Esta é uma das cenas da peça de Thornton Wilder, "Nossa cidade" ("Our town"), que marcou o início das atividades do Teatro de Amadores de Pernambuco durante o corrente ano, desta vez dirigida pelo ensaiador polonês Ziembinski. Não resta dúvida que a peça americana provocou um dos maiores debates teatrais de que já se tem notícia no Recife, pelo revolucionarismo de sua técnica, toda ela baseada no jogo de luz e sombras, isto no que diz respeito à carpintaria propriamente dita, porque quanto ao texto, o drama de Wilder é de uma simplicidade de tom e de atmosfera capazes de provocar um estado poético raro e quase conseguido no palco. O elenco dos "Amadores" portou-se da maneira a mais impecável, dirigido por esse grande homem de teatro que é Ziembinski, responsável, sem nenhuma dúvida, por alguns dos mais belos espetáculos já vistos no Brasil. Dono de uma sólida cultura dramática, conhecedor profundo de todos os segredos da arte dramática, Ziembinski confirmou, como ator e diretor da peça, o renome de que goza.

Como principais figuras de "Nossa cidade", apareceram: Diná Rosa Borges de Oliveira, Adelmar de Oliveira, Valdemar de Oliveira, Alfredo de Oliveira, Reinaldo de Oliveira, Alderico Costa, Vicentina Freitas do Amaral, Oscar Cunha Barreto, Norma Correia Lima, Sebastião de Azevedo, Mário Barros, Antônio Brito Miguel, além de outros em pequenos papéis ou como comparsas.



acórdo com aquilo que eles chamam "os novos valores", em lugar de julgarem, apenas, as suas qualidades como obra de arte. O desinteresse crítico se contrapõe à influência dos responsáveis pelas peças representadas ou editadas, cujo lema é: "O que o público deseja". Se o público sempre desejasse o melhor não haveria trabalho para os críticos. Mas infelizmente assim não sucede.

5 — O crítico necessita de uma coisa das mais importantes: o conhecimento do mundo. Ele precisa estar em contacto com o verdadeiro mundo e não buscar o seu aprendizado apenas nos livros ou no silêncio do seu quarto de estudo, pois a vida pode fazer-lhe compreender os motivos pelos quais deve simpatizar com a luta dos personagens de uma peça. Deve aplicar o seu contacto de vida à arte, tendo sempre em vista que "toda a arte é uma deformação". Deve fugir do exame superficial e dirigir-se ao coração da obra, meditando-lhe a pulsão, tornando-a viva nas mãos e tratá-la com uma forte dose de compreensão, a mais absoluta possível, na certeza de que examina um organismo e uma coisa digna do maior respeito. Pode ser que o autor possua um estilo dramático seguro, mas que os seus caracteres sejam bem desenhados; que a fatura da peça contenha hesitações, mas que o conteúdo tenha atingido, por vezes, alturas significativas. O trabalho do crítico é muito complexo e difícil. Não lhe basta, apenas, o conhecimento técnico, o teórico, a intimidade com as obras e a vida dos atores. É preciso, antes de mais nada, que ele também possua pelo menos o instinto poético para julgar semelhantes e que seja isento do mal da inveja, podendo colocar a obra dramática no seu justo lugar, sem desejar impor modificações. A obra deve ser julgada como é. O crítico deve ser o defensor e promotor da cultura, satisfeito com a tarefa que é a de levar ao conhecimento público as qualidades artísticas daquilo que estuda. E surgem as três dificuldades fundamentais para os estudiosos do drama: o ponto de vista dos artistas de que a peça seria um trabalho de "arte pura"; o ponto de vista do homem de negócios de que a peça seria uma simples distração capaz de produzir dinheiro e o ponto de vista do moralista de que a peça deve trazer em si uma lição capaz de interessá-lo.

6 — Podemos mencionar poucas épocas do

GALERIA DUSE

Só a encontrei em os últimos dias. Mas já a havia visto representar Ibsen e d'Annunzio, "Casa de bonecas" e a "Giocanda" e a "Filha de Jairo, no teatro de l'Ouvre, de Lugné-Poe. Uma dura estatura que durante muito tempo não passava de uma estátua, quando esta-

(Continua na pag. 16)



ELEONORA DUSE

(Continua na pag. 16)

Vida teatral na Grã-Bretanha

J. C. Trewin
(Especial para "Nordeste")

Uma nova peça de J. B. Priestley é sempre interessante. Nenhum dos teatros britânicos atuais é mais verídico ou diz mais coisas que valem ser ouvidas no teatro. Sua última peça, "The Linden Tree", foi considerada por muitos críticos como sua melhor produção, e desde então, novas representações de "Eden End" aumentaram-lhe o prestígio. No dia da estréia de "Home Is Tomorrow", o público estava preso de grande expectativa. Ficou, porém, desmentido, concordando que, como outras vezes, Priestley tinha muitas idéias sobre o tema, mas lamentando que desta vez o autor perdesse seu domínio do gênero.

Priestley apresenta na peça, um organismo que denomina "Unuto", abreviatura de "United Nations Underdeveloped Territories Organization". A finalidade da UNUTO é desenvolver regiões atrasadas como a ilha de Corabana, no sul das Antilhas, onde se passa a ação. Corabana tem sido apenas um ponto no mapa, mas a Unuto espera levar ali a educação mais conveniente para adultos. O administrador britânico, Sir Edward Fortrose — desempenhado magistralmente por Leslie Banks — é um liberal convencido. Mas tem de resolver muitos problemas, o mais grave dos quais é o líder revolucionário local, homem extremamente violento chamado Vezabar, que acaba de regressar a Corabana, no início da peça. A ação não progride muito, que já Sir Edward percebe que os grandes interesses internacionais têm os olhos fitos em determinadas jazidas minerais em Corabana, e que o trabalho da Unuto possivelmente será obstado. Aliás, Sir Edward tem preocupações domésticas, além das políticas. Sua esposa, que odeia Corabana



Cena de "A conversação do capitão Brassbound", de Shaw

e em nada se interessa pelos ideais da Unuto, menciona abandonar o marido em troca de um moço deplorado da Califórnia. Priestley desenvolve na peça uma questão geral — é a Unuto útil ou não para Corabana? — e uma outra, relativamente secundária, a vida privada do administrador. E entra as duas com grande habilidade. A peça atinge o auge dramático quando Vezabar, o revolucionário, mata Sir Edward e acredita ter dessa maneira destruído a Unuto em Corabana. No entanto, outro administrador chega de Washington: um funcionário finlandês disposto a tudo enfrentar. A obra tem de ir adiante. A peça, com seu enredo promissor e o diálogo preche de ideais, parece apresentar o Priestley dos melhores dias. No entanto, não é. Em primeiro lugar, o teatrólogo que criou tantos personagens com calor e

humanidade, fracassou na tarefa de dar vida a alguns destes. Falam, mas não passam de fantoches. Não acreditamos que continuem a viver quando saem do palco. Referimo-nos especialmente a um médico tcheco, um erudito chinês e um francês errante. Todos têm muito que dizer, mas algumas das cenas não passam de verbosidade barulhenta. Boa parte do diálogo, coisa também estranha em Priestley, parece destinada mais a ser lida do que ouvida. Ainda a peça carece do senso do humor próprio do autor. Pode ele, sem dúvida, avivar qualquer discussão, mas nesta peça é decididamente monótono. "Home Is Tomorrow" parece ter matéria para um bom romance e seria interessante vê-la nessa forma. No palco certamente provocará discussões, se bem que haja de desapontado a muitos o pouco tempo que ficou no cartaz.

As outras grandes representações deste período consistiram em peças de Congreve, Ibsen, Bridie e Bernard Shaw. O elenco do Old Vic escolheu "The Way of the World" de Congreve, comédia da última fase do período da Restauração — foi escrita em 1700 — e cujo espírito depende do brilho e do esmero dos diálogos. Apesar da complicação do enredo, a comédia vive pela vitalidade do diálogo. No New Theatre, Dame Edith Evans representa admiravelmente o espírito da Restauração, especialmente no papel da decadente, mas ainda vigorosa Lady Wishfort. Dame Edith tem ligações especiais com "The Way of the World". Há 24 anos, na mais famosa representação moderna da peça, apareceu no papel da volúvel Millamant, que tem algumas das qualidades mais finas dos personagens de Congreve. Aquela atuação, repetida em representações posteriores, transformou-se em padrão. Era um tanto estranho vermos há pouco Dame Edith Evans no papel de Lady Wishfort e uma atriz mais jovem e

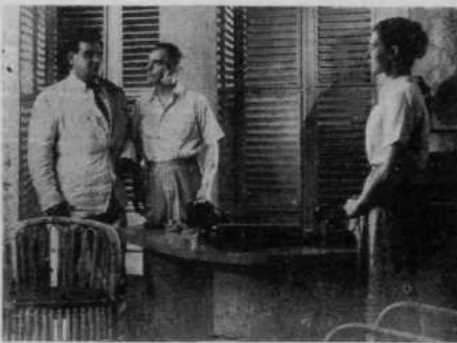


Cena de "The Way of the World", de William Congreve

não à altura do papel — encarregado Millamant.

A representação do teatro de Shaw coube à peça "Captain Brassbound's Conversion", uma das comédias menos conhecidas, mas que alguns críticos muito

desejavam ver. O descesso com que foi tratada é inexplicável. A ação é muito mais rápida do que na maioria das peças "shawianas" do gênero. Tem enredo não muito convincente, mas de complexidade estranha em Shaw, e, ainda Lady Cicely Waynflete, uma das personagens mais representáveis do dramaturgo. Lady Cicely é o tipo de mulher encantadora, sempre popular no palco. Mas poucos autores encontram coisas tão interessantes para ela dizer, como é o caso de Shaw nesta engraçadíssima comédia. A ação passa-se em Marracos. Lady Cicely é aprisionada por um alegre e inoponente bando de saltadores. Os espectadores deleitaram-se com o trabalho de Flora Robson. Antiguamente, a presença desta exímia atriz caracterizava de drama qualquer peça. Mas agora, na pessoa de Lady Cicely, desempenhou com a máxima habilidade um papel principal de uma comédia típica. Foi esta uma surpresa para muitos, mas não para os que lhe recordam a atuação na peça de O. Wilde "The Importance of Being Earnest" há um ano, no Old Vic.



Cena de "Home Is Tomorrow", de J. B. Priestley.

Notas Sobre a Crítica Dramática

(Continuação da pag. 15)

drama onde o ideal de arte para era a primícia maior e para recuarmos até o início do teatro devemos assinalar a era dos gregos. Passando para Roma, o teatro sob esse ponto de vista perdeu as características, para voltar a um estado semelhante na Idade-Média quando o teatro se desviou para os ideais religiosos, porém. De lá para cá os fins pouco contaram na concepção do drama, até que surgiu a noção moderna do espetáculo já no século dezoito e com ela vieram os interesses comerciais, trazendo uma série de fatores que desviaram o drama de suas finalidades essenciais, com a exploração do "show", entradas pagas, atores remunerados, uma maior necessidade de apresentar encenações que se valorizassem para que continuasse imutável a lei da oferta e da procura. Claro que os de primeira linha se conservaram fiéis aos ideais mais altos do teatro. No entanto, o próprio mecanismo das associações que se propõem a apresentar os dramas desses idealistas têm de lançar mão de comerciais aliados ao bom teatro. O que dizer, então, desses mesmos interesses comerciais aliados ao mau teatro? Procura-se revestir o espetáculo de um dourado que não afugente o público, antes o chame, como necessidade financeira para a sobrevivência da arte. Calmos, dessa forma, na compreensão exata do sentido utilitário da arte, encarado sob o ponto de vista do ganha-pão. Impossível limitar-se o artista dramático a uma essência pura da arte dramática, mesmo quando pense estar agindo honestamente. Lope de Vega foi o mais prodigioso produtor de peças. Calcula-se que escreveu entre 1.800 a 2.400 e ele mesmo declarava que escrevia de acordo com os desejos da multidão, que lhe satisfazia financeiramente a tarefa. Molière agiu da mesma maneira e assim agiu Shakespeare que pouco valor dava às suas peças como arte. A profissão de dramaturgo é uma profissão tão honesta quanto qualquer outra, mas isso implica numa transformação da arte em dinheiro necessária primeira no homem.

7 — "Other arts may succeed though the admiration of scattered individuals. A play must win a crowd at once. If it goes over their heads it will fail financially. If it lowers itself to their bad tastes it will fail artistically. Hence to be both successful and artistic it must win audiences without yielding to their bad tastes. This is a hard thing to do, and only a dramatist who has business is likely to succeed in doing it". (Thompson: "The anatomy of drama").

8 — No mesmo mal do "dinheiro para viver" cai o crítico profissional. A luta pela sobrevivência é cada vez maior e na pressa da coluna diária no barulho da redação, nas mil interferências, o homem que se volta para a arte dramática e procura examiná-la, parece, às vezes, desorientado. E está mesmo. Vários interesses entram em choque e a tendência humana para não desgarar, a necessidade de guardar as conveniências,

vão tornando desonesto o homem que acreditava na arte. É necessário que o crítico se revista de uma forte armadura de integridade artística e que afaste a bondade do coração. Nisto consiste o ideal de bem servir à cultura do seu povo, sem alardes porém com energia, sem gritos mas sem voz ciciada. É mais do que necessário que o crítico sinta-se um condutor de opiniões e que aja na sua profissão — ah! não poder, de vez, afastar o dinheiro com a suficiente vocação e ilustração, não descendo a daltches que envergonhariam um açougueiro. O mais importante em tudo é que não tenha medo de falar e que possa ter forças para lutar contra a opinião do mesmo público a quem procura servir. Que tenha mais forças ainda para não frequentar os bastidores de uma casa de espetáculos, não se comprometendo com as mulheres de pernas bonitas e os homens da fala branda, para quem o teatro é ainda um quadro de parede onde se exibem cores e fazendas e luz e atitudes plásticas. É preciso que ele não se sente à mesa dos bares com os empresários das companhias teatrais e que afaste as entradas de farvor. É da maior utilidade que o crítico não se comprometa com favores dados ou recebidos. É preciso que ele seja um CRÍTICO. A arte dramática exige sacrifício e trma conta de vida. Para sempre.

GALERIA

(Continuação da pag. 15)

va no palco. Um rosto pálido, quase quadrado, sob os cabelos negros, rasgado por dois olhos mais negros ainda. Uma voz áspera. E, de repente, no momento patético, e estática, palpável e viva. Os olhos se abriam, anuviavam. A voz adquiria tonalidade diversas, despedaçava o espaço e os corações. E então, a evocação se tornava indescritível. Como se a Venus de Milo se animasse de repente.

Foi em casa do pianista Giorgio Levi, em Veneza, onde acabou de ouvir tocar Scialatti, que o encontrei.

— O italiano me havia dito: — Ela tem momentos de avatia. Sofre constantemente da mesma dor, a recordação do poeta para quem encomendou um trem especial, com criados de luvas brancas, quando ele veio morrer... Será que essa recordação ainda a persegue?

Vi entrar no estúdio uma mulher muito simples, com um vestido de seda preta cujas pregas caíam até aos pés, gordos e poquenos. — Os cabelos negros tinham, sobre a testa, uma faixa amarela preta.

Percebi que eu observava essa mecha de cabelos: — Flama já congelada de um coração prestes a extinguir-se, disse ela, flama que se parece com a que costumam pintar sobre as urnas...

A fim de fazê-la sorrir, Giorgia contou-me a história da pequena atriz que pretendia ser uma segunda Duse, mas que as companhias haviam anulado de "La Treze..."

Nenhuma reação. — Querida não se deixe dominar assim, pediu Levi. Você acaba ficando feia. — Fela?... Sou feia quando é preciso...

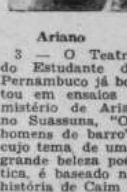
A Duse endireitou-se; com um gesto brusco dos lindos dedos, libertou dos cabelos a fronto-luminosa; os olhos se tornaram maiores:

1 — Em continuação à sua temporada de 1949, sob a direção de Zieminski, o Teatro de Amadores de Pernambuco está montando a comédia de Bernard Shaw, "Pais e filhos", numa tradução de Guilherme Figueiredo.



Shaw

2 — Consta que o Teatro Universitário, também dirigido pelo ator polonês Zieminski, cogita de lançar, em primeira no Brasil, a peça de Jean-Paul Sartre, o criador do existencialismo, "Les mains sales".



Ariano

3 — O Teatro do Estudante de Pernambuco já botou em ensaios o mistério de Ariano Suassuna, "Os homens de barro", cujo tema de uma grande beleza poética, é baseado na história de Cain e Abel.



Barréto

4 — O Teatro dos Bancários, sob a orientação de Alderico Costa, ensaiou, no momento, uma peça brasileira da autoria do sr. Raimundo de Magalhães Júnior.

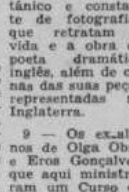
5 — Fala-se na vinda de várias companhias profissionais sionais de teatro O.S., que tanto para ocuparem o ruído causou há a Santa Isabel, entre nos passados quatro, assim a que de Iracema de Alencar e representada pela Mário Salaberry. Polícia.

7 — O ator Barreto Júnior inaugurará, dentro de uma mês, o seu Teatro de Emergência Almar, construção patrocinada pelo sr. Ademair Costa Carvalho, com um repertório de peças ligeiras.



R. M. Júnior

10 — Retornou as suas atividades o Teatro Operário, iniciativa do Sr.



W. Oliveira

8 — Inaugurou o Sindicato dos Empregados no Comércio, sob o patrocínio do Teatro do Estudante de Pernambuco e da Diretoria de Documentação e Cultura, a Exposição Shakespeare, gentilmente cedida pelo Conselho Britânico e constantes de fotografias que retratam a vida e a obra do poeta dramático inglês, além de cenas nas suas peças representadas na Inglaterra.

9 — Os ex-alunos de Olga Oby e Eros Gonçalves, que aqui ministraram um Curso de Teatro de Figuras, estão promovendo um movimento, juntamente com o Teatro do Estudante de Pernambuco e a Diretoria de Documentação e Cultura, no sentido de fundarem uma associação que ampare e incentive o Teatro de Bonecos.

— E bela quando quero!... disse ela, nessa alta, nessa atitude. Por um instante, pareceu eliminar todo o atelir. Em seguida, recuou em sua melancolia. Depois do concerto, levou-a até seu palácio, esse Palazzo Durio, onde mais tarde morou Héjane e que d'Annunzio descreveu: "curvada como uma cortês decrépita, sob o peso de suas jóias, "tão inclinado era sobre a água e so-

NOTÍCIAS RAPIDAS

ANTOLOGIA

"Mas o teatro não é em si nem um bem nem um mal. Ele é o reflexo, o espelho, a expressão sensível de um fato psicológico pouco discutido, tão irredutivelmente hostil a qualquer sinal de moralidade quanto o são o instinto da conservação ou as leis da associação das idéias".

"É este sentimento da embriaguez, visto pela própria pessoa — e não de fora — que deve recriar o teatro, sentimento psicologicamente idêntico ao da exaltação religiosa ou pastoreal que tem sua origem na consciência de um ato nu, depurado".

"O que faz a atmosfera trágica não é a peça, é o espectador; o que conta não são os personagens em si, os seus atos, mas as suas relações com o espectador".

"No dia em que for como pobreza e certa obediência asseguraram mais liberdade real, independência e mais força do que pode dar o dinheiro ou a posição social, a condição ideal do personagem trágico tornará-se a pobreza — não por de uma catástrofe do que a riqueza, mas somente porque o espectador estaria mais inclinada a identificar-se com o pobre do que com a rica, "A gota dá o rico".

"A ação é o movimento orgânico pela qual uma situação — na tragédia — ou um caráter — na comédia — nasce, se desenvolve e chega ao fim. A intriga é a intrusão dos acontecimentos no meio dos quais esta ação se desenrola".

"Porque o teatro tem verosimilhança".

(PIERRE-AIMÉ TOUCHARD — "DIONYSOS").

brecarregado de espigas, carraças, armas e toda espécie. Na grófolo, conduzida por dois remadores negros, a Duse não pronunciou uma palavra, e não ser para me agradecer. "Até à vista". — Ou adeus, meus senhores da (Michel Georges-Michel — GENS THEATRE).

Música

Gastão de Holanda

O Bom Gôsto Musical

Uma coisa é saber o que significa uma escala por tons inteiros, uma escala atonal, uma escala frequente e outra coisa é sentir a beleza dessa ou daquela escala dentro de um trecho musical. Entre estas duas situações — a de conhecer teoricamente uma partitura e a de gostar de uma partitura porque ela agrada aos ouvidos — vai um mundo de considerações. Em geral, o professor de piano, aquele sujeito acostumado a repetir diante do seu instrumento por milhares de vezes as mesmas lições, caelejado em corpo e espírito pelos do-re-mi, jamais aceitará que um leigo descubra mediocridade na obra de um Liszt. Na sua opinião, todo aquele que ignora tempos e compassos não está apto para julgar uma sonata do abbe François Liszt.

É a educação musical aqui que não passa, para a professora de conservatório, da repetição sistemática de trechos musicais, impressos em pautas.

Não há dúvida que é preciso ensinar-se a teoria. Transmitir-se a outros o segredo da técnica, o capricho da intuição. Essa parte teórica é mais do que certa: é necessária. Mas se torna incompleta se vem só, se aparece sua diante dos nossos olhos, como um problema algébrico. Ela é cultivada por uma minoria que se especializa na profissão de transmitir a outros uma mensagem, formada por um esqueleto fundido em convenções, regras, normas e artefatos, do qual surge uma obra de arte que chegará ao alcance de todos, impregnada por alguma coisa de eterno e de agradável. Esse aglomerado de notas, deve ser executado e interpretado. Executado enquanto transmite com fidelidade o texto musical. É interpretado quando, quem o executa, procura fazê-

lo com personalidade, sem deturpar a natureza da mensagem. Porque, como disse Mário de Andrade, "o que se ataca no intérprete é o lado Virtuoso, o lado malabarístico, que desvaloriza a obra de arte, faz esquecer o gênio criador e deseduca o público." E acrescenta: "O mal não seria enorme se o intérprete fosse apenas o intérprete. Isto é, se limitasse a um papel subalterno e virtuosístico, de revulador, de explicador da obra de arte."

Essa revelação da obra de arte exige dignidade, ou melhor, honestidade. Não se admite que o intermediário entre o autor e o público se perca em falsas conjecturas. Como não é de bom agüirio que o profissional — no importante capítulo da educação do povo — exerça sobre este má influência por causa do seu gôsto na escolha do seu repertório.

Ficamos, nesta altura, entre estes três princípios: o do conhecimento técnico da obra musical, o da honestidade na interpretação da mesma e em último o do bom gôsto na escolha do que se vai difundir.

É sobre esse último ponto que procuramos desenvolver esta ligeira crônica. Público e intérpretes travam, frequentemente, relações das mais estranhas. Relações espantosas onde se encontra como elo principal ora o bom gôsto, ora (hélas!) o péssimo gôsto. A nosso ver — sem que vá nessa afirmação a fatalidade de um oráculo — o bom gôsto supera o conhecimento técnico ou teórico quando queremos tratar de educação musical. Infelizmente, nos recitais que se realizam no Recife assistimos com a maior e mais acuradora das tristezas imprevistas de Schubert que se sucedem às sonatas de Beethoven. Uma tuberculosa e desgastada valsa de Chopin arrancar mais aplausos do público do que uma Chaconne

de Haendel ou uma tocata de Bach! E, quando o concertista anuncia como extra a consequência de uma Polonaise Gigante o suspiro do gozo na platéia assemelha-se aos estertores de Fúrias helênicas.

Não sabemos se isso faz parte do métier como uma detestável concessão ao público, ou se se trata de um abandono do bom gôsto. Essa mistura é péssima. Só interessa, naturalmente, aos estudantes de conservatório, que precisam conhecer tudo, que estão obrigados a passar todos os gêneros, a se identificar com o espírito de todas as escolas. Mas no momento da mensagem, na ocasião da escolha a coisa muda de aspecto. Exige-se — desde que os intermediários estejam suficientemente aptos para difundir a boa música — exige-se deles o bom gôsto. Pianistas, cantores, regentes de orquestra, violinistas, não têm o direito de difundir a música ruim eximindo-se de uma explicação necessária. Seria o ideal se dissessem na ocasião:

— Toco isso especialmente para aqueles que não têm bom gôsto.

Isso impediria que o público tomasse consciência daquilo que não presta, que é feito somente para impressionar os ouvidos, e, aos poucos, fosse educando a sensibilidade a ponto de perceber que uma valsa melancólica de Tchaikovski não pode ser ouvida depois de um Prokofieff. Educar o público a ponto de este poder gritar "não queremos isso!" da mesma forma que se berra "bravo!" ou "bis!" é tão necessário quanto ler o D. Quijote de la Mancha...

Pode-se falar de bom gôsto musical como se fala de bom gôsto literário. Tudo indica o apuro de uma sensibilidade. A mistura do bom e do mau, em arte, é o mesmo que, em religião, servir a Deus e ao



Aeschbacher



Isaac Stern

RECITAIS

Destas vezes o tempo não nos permite fazer uma apreciação mais detalhada sobre os últimos recitais realizados no Recife. Entretanto, podemos destacar os dois concertos do pianista suíço Adrian Aeschbacher, contratado pela Sociedade de Cultura Musical.

Do primeiro concerto salientamos a Chaconne em sol maior, de Haendel e a Sonata op. 31, n.º 2, de Beethoven. Nos outros números do programa, predominou o mau gôsto de que tanto falamos acima: Schubert com os seus pílidos Improvisos e Mussorgski com os seus soporíferos Quadros de uma exposição.

Da segunda vez, os sócios da Cultura foram mais beneficiados pelos deuses. As quatro sonatas de Beethoven que ouvimos, formaram um programa à altura das platéas mais exigentes. E executadas por um artista de grande valor que tem a perfeita compreensão da obra do mestre de Bonn. As sonatas op. 2, n.º 3 e op. 26 têm uma textura de estudo, estudo transcendental onde se aproveitam menos o temperamento arrebatado de Beethoven do que a meditação, e o equilíbrio e a técnica. Na primeira, o espírito de pesquisa e a disciplina predominam sobre a liberdade do gênio criador. Aeschbacher — o grande discípulo de Artur Schnabel — sente isso tão bem quanto a almofariz de que estão impregnadas as outras duas sonatas, o op. 81 ("Les Adieux") e o op. 57 ("Appassionata"). Ai já estamos diante de um Beethoven que se deixa levar pela violência das paixões e marcar pelo estigma do sofrimento. Não se trata propriamente de música impressionista porque Beethoven sempre esteve acima de todos os ismos. Mas com estas sonatas o mestre se encontra equidistante de dois pontos de sua imensa obra: do que estudava as suas composições com a intuição do gênio, e do que, através do amadurecimento, lhe induziu a escrever as sonatas tecnicamente

mais perfeitas de toda a história da música.

Como um Borovskii especializou-se em Bach sentimos que é este o caminho de Aeschbacher em relação a Beethoven. O opus 57 tão mediocremente compreendido por um Sandor no recital anterior da Cultura (apesar de ser um ótimo intérprete de Bach), o diálogo entre um homem e a eternidade. Por outro lado o jovem pianista suíço soube afastar daquela sonata o aspecto da "peça de resistência" do que outros artistas não souberam libertar-se. A vertiginosidade da sonata op. 57, deve ser limpa e arrebatadora sem ser, entretanto, estroplada. O que quer dizer que é essencial o equilíbrio entre os tempos que traduzem a fragilidade do homem e o destino que se abate sobre ele em forma de acordes esmagadoras.

Romain Roland publicou em Les grandes époques estéticas um formidável estudo sobre esta obra de Beethoven. Em crônicas posteriores mostraremos a necessidade de divulgação de trabalhos dessa natureza.

Nas 176a. e 177a. festas de arte da Sociedade de Cultura Musical de Pernambuco ouvimos o violinista Isaac Stern. Grande cartaz no estrangeiro, cachet altíssimo, acompanhador próprio. Salva-se quando toca Prokofieff, Cesar Frank, Brahms, ou Mozart. Mas depois contra sua inteligência quando inclui no repertório uma Sinfonia Espanhola, de Lalo. Ou então, quando dá como extra "aquilo" que nos recusamos a ouvir, não por uma atitude de orgulho mas por um religioso respeito aos mestres que tomavam parte no programa. Porque o ilustre Isaac Stern não compra um violino melhor?

diabo. Apesar um mau virtuoso: sublime utilidade da arte. Aplaudir qualquer sapatado ou qualquer moto perpetuo: "sublime subtilité du Diabolo"...

Sem querer entrar em sutilezas como a Je Violet Paget quando procura distinguir o "escutar" do "ouvir", podemos afirmar que, em geral, as pessoas de sensibilidade dirigem a sua atenção para todos os detalhes da obra exe-

cutada. E nisso vai, de um só vez, um esforço que é ao mesmo tempo de detitação e de análise. Não podemos estabelecer fronteiras entre o "escutar" (forma de entender os detalhes técnicos) e o "ouvir" (maneira de aceitar a música sem preocupação de análise).

Para a pessoa de bom gôsto e de sensibilidade esses dois vocabúlos se confundem na mensagem artística que recebem. E o certo é que,

com o hábito de procurar para si uma alegria, podemos, muito bem, prescindir da teoria e aceitar a música tal qual se aceita um poema. O detalhe técnico virá depois, apenas para completar a formação e aprofundá-la. O hábito de ouvir, ouvir bem e sob uma orientação inteligente é que desenvolve o bom gôsto e, simultaneamente, destrói a falsa emoção que despertam as composições bombásticas. — GASTÃO DE HOLANDA.

Usina Monte Alegre S. A.

Açúcar e Alcool

Escritório

Rua João Suassuna, N. 9

TELEGRAMAS

MONTALEGRE

JOÃO PESSOA - PARAHIBA - BRASIL

CAIXA DE CRÉDITO MOBILIÁRIO DE PERNAMBUCO

(Criada Pelo Decreto Estadual N.º 161, de 20 de Agosto de 1938)

End. Teleg. — "CREDOMIL"

TELEFONE, 9401, — CAIXA POSTAL, 649 AVENIDA RIO BRANCO, 23 — Recife - Pernambuco

DEPÓSITOS GARANTIDOS PELO ESTADO

Paga as melhores taxas de juros a seus depositantes

- C/C. de Movimento (retiradas livres) 4% a. a.
- C/C. Populares (limete de Cr\$ 30.000,00, com cheques) 6% a. a.
- C/C. com Aviso Prévio (avisos de 10, 20, 20, dias para retiradas até 30, 60 e 100% sobre o saldo da conta) 6% a. a.

DEPÓSITOS A PRAZO FIXO

- De 6 meses 6½% a. a.
- De 12 meses 7% a. a.

DUARTE COELHO

(Continuação da 2a. pag.)

tos naturais... (e) entre as plantações abandonadas entraria a cana de açúcar, encontrada por Fernão Magalhães em 1519" (op.cit.).

Ora, parece certo que em Igarapé houve, desde os primeiros anos, não uma feitoria, mas "uma sucursal delas", da frase de Oliveira Lima. Pelo menos os companheiros de Dias de Solis, ao fazerem escala em Santo Agostinho, encontram uma feitoria em 1516, seguindo-se outras fundadas por Cristóvão Jaques, em 1419 ou 1522 e 1528.

Em derredor destes núcleos primitivos seria razoável, dentro da tese de Capristano, se houvesse iniciado a cultura da cana, vindo as mudas diretamente da Ilha da Madeira.

Como quer que seja — e o debate tem um sentido meramente bisantino, viesse da Madeira ou de São Vicente, fosse trazida por Pero Capicão, apontado como um dos seus pioneiros, o certo é que a cana de açúcar encontrada no massapé pernambucano — cretáceo em decomposição, — terreno esplêndido para morder e vencer e documentos referidos por Varnhagen falam em que, já em 1526, se pagavam, em Lisboa, direitos sobre açúcares exportados de Pernambuco.

Posto à margem quaisquer debates teóricos, o que vale acentuar é que Duarte Coelho, ao tomar conta da capitania, tratou de incrementar a lavoura canavieira, tendo como primeira preocupação mandar "se fazerem enjinhos daqueres que de Ilha trouxe contratados", abrindo mão dos seus direitos, animado, apenas, do propósito de "a hobra yr avante como desejo".

As dificuldades, porém, se amontoavam de todas as bandas.

A corte lusitana se acostumara a olhar o Brasil da esguelha, não tendo, para o mundo cabralino, a migalha das atenções com que tratava o império descoberto por Vasco da Gama, fato, aliás, naturalíssimo e perfeitamente explicável.

O que ditou o imperialismo europeu, a partir do século XV, não foram motivos exclusivos de fé — o plano de ser "não menos certíssima esperança de aumento da pequena cristandade", como nos Lusíadas. Queriam-se riquezas. Trocas, Escambo, "Quem não quer comércio, busca guerra", é o que se lê num dos versos de Camões. Certíssimo. Porque o imperialismo fôra mesmo isto: guerra e comércio, em cuja função "os barões assinalados", dilatando a fé e o império, andavam talando "as terras viciosas da África e Asia".

Ora, a terra de Santa Cruz não oferecia nada que se comparasse com a miragem da Índia. Pau-Brasil, canas-fistulas, águas, macacos, índios nus, vibrante — o alimento predileto de Cunhambebe — eis o quadro pouco sedutor dos primeiros reveladores do Brasil — Caminha e Vesúpcio à frente. Um "mau negócio", diria Calógeras. Uma carta de pau arancada em trunfa de ouro, concluiu a agudamente Gilberto Freire.

O certo é que ninguém levou a sério o Brasil, que passou a ser o enfeitado da Metrópole, o que, aliás, não escaparia a Duarte Coelho, quando assim se dirigia a el-Rei D. João III: "Nam tenha V. A. em tam pouco esta terras do Brasil, em especial Nova Lusitanea, como mostra ter em pouco, pois nam vyas tenho espirito (escrito)".

Qualquer plano de conquista e colonização da terra ameríndia teria de surgir, no principio, como fruto da iniciativa particular. Portugal, pequeno e pobre, não tinha meios para cuidar da colônia americana. A população total do reino, em 1527, pelos cálculos de Capistrano andava por 1.122.112 almas como atender, simultaneamente, à colonização de tantas terras, espelhadas por três continentes, sem falar na metrópole?

Nos primeiros anos, portanto, o que se vê são esforços isolados; feitorias quase intermitentes e não menos intermitentes as frotes de patrulhamento dos mares para evitar que os franceses se firmassem nas costas, traficando com pau-brasil.

E não há como deixar de passar em face do que o português conseguiu realizar, graças àquelas qualidades mestras que lhe aponta Gilberto Freire, a mobilidade, e miscibilidade e a aclimatibilidade. — razões do triunfo esplêndido do pequeno reino que tanto se agigantou na tarefa de "novos mundos ao mundo ir mostrando".

Não havia, porém, meios de conter o atrevimento dos corsários e filibusteiros da França, aos quais as caravelas portuguesas infligiam pesados danos mas, regressando a Lisboa, deixavam mares livres às suas excursões e investidas. Tão grave era a ameaça da "mair" desavergonhados que, por algum tempo, houve dúvida sobre se o Brasil terminaria sendo lusitano ou gaulês.

Porisso é que D. João III adota o sistema de capitania, do modo que se garantisse a descoberta de Cabral por meio da ação individual dos vassallos.

O fracasso da experiência não constituiu razão para que se imagine haja sido desacertada a orientação da coroa portuguesa, orientação, aliás, que se impôs até como um inevitável.

Homem de largas posses e quinobando com uma das melhores porções da colônia, Duarte Coelho esteve a pique de esquecer, tamanhos eram os encargos da tarefa que lhe foi afeta.

Em uma das cartas ao soberano não se tem em si que não devesse o quadro amargo de suas necessidades, agravadas pelas condições especialíssimas que teve de enfrentar na missão

colonizadora. E acentuava: "para cousas de tamanha importância há meter muito grandes gastos e eu estou muito gastado e yndividado... nem acho no reyno quem me empreste o d' tanto dinheiro a caxombos".

Mas não se tratava apenas do dinheiro imprescindível para atender às exigências da colonização. Surgiam problemas diversos, complicações, desajustamentos, dificuldades nascidas dentro da própria capitania, entraves provocados pela falta de sincronização das capitãncias entre si, lutas com o indígena, o perigo, mais espagado, do francês filibusteiro, desentendimentos entre os próprios colonizadores.

O que dependia de sua autoridade, Duarte Coelho concertava sem tardança, mas surgiam questões diante das quais se sentia impotente, só a autoridade real podendo endireitá-las.

O caso do pau-brasil, por exemplo.

As providências adotadas para o desenvolvimento da lavoura canavieira iam dando certo. "Temos grande soma de canas prantadas... e cedo acabaremos hum engenho muito grande e perfeito e amdo ordenando de começar outros", informava êle para Lisboa. Mas a exploração do pau brasil estava desorganizando os canaviais e para obviar a êstes inconvenientes é que o donatário insiste em pedir a ajuda de el-Rei.

Não dispo de elementos para o cultivo das terras, famoso era aos senhores de engenho racorrer ao índio, sabidamente com horror à agricultura, a que nunca se afizera, pois acostumado à gaudia, em meio à natureza de horizontes largos, sempre se inclinara pela vida livre da caça, da pesca, das guerras continuas.

Doidos por qualquer objeto de ferro, principalmente armas, "quando estavam os yndecos famyntos e desejosos de ferramentas, pollo que lhe davamos nos vynhão a fazer as levadas e todollas outras obras grossas e nos vynhão a vender os mantimentos de que temos asaz necessidade", registra o donatário. Mas os que "husavam fazer brasil", desejando aumentar a exploração rápida, das florestas, entravam em concorrência aberta com os senhores de engenho, e distribuindo, à larga, ferramentas e apetrechos de caça e pesca, além de contas da Bahia e carapuças de pena e roupas de cores, que homem qua (cá) não pode alcançar pera

seu vestir", ludiam o selvícola, afastando-o das atividades do campo, e além disso, vendo-se fartos e sem precisar do amparo dos agricultores, os índios "fazem-se royns do que são e alvoroçam-se e levantam-se" contra os fazendeiros. "que, não sendo poderosos pera resistir", reclamavam a ajuda de Duarte Coelho.

Já "gastado e yndividado" com os trabalhos normais da capitania, em-lhe inaturlver mais êste esforço para defender os moradores contra possíveis ataques dos selvícolas, aparecendo, naturalíssima, sua indignação aflitiva: "Quem terá tanto dinheiro pera polvora e pylorros e artharria e armas e outras cousas necessarias"?

A fim de fazer face à desorganização dos trabalhos agrícolas e à intranquilidade dos moradores da capitania, só enxerga uma solução prática: "que a vynte legoas de todas estas minhas povoações, d'Olinda vynte legoas pera o sul... e de santa Cruz vynte legoas pera o norte... se não faça brasil dyaquy a dez ou doze anos pelos menos".

Quando os governos modernos se atiram, às mais das vezes desasadamente, a planos de disciplinamento da produção, fixando-lhes quotas, estabelecendo-lhes áreas, executando-lhe o contingente compulsório para evitar crises e coordenar as atividades, repetem o que já reclamava, há quatrocentos anos, o velho Duarte Coelho, que aparece, assim como um dos pioneiros da "economia dirigida", cujo maior mal talvez consista, não em ser dirigida, mas em que é pessimamente dirigida...

A Corôa portuguesa fechava os olhos às advertências do donatário, a exploração do pau brasil continuando à matroca, sem controle, sem método. E se uma orientação administrativa se aquilata, também, pelos resultados práticos, o velho fidalgo haveria de sorrir triamente ao ver que, não se lhe seguindo as sugestões, em pouco tempo a atividade dos desbravadores, "que não foi uma exploração mas uma destruição", findou esgotando, por inteiro, todas as reservas da madeira de tinta.

Se os "fazedores de brasil" — e êle se queixa em especial de certos "armadores de Itamaracá — lhe acruçavam a vida, muito

mais trabalho e conseiras lhe advinhava da natureza da gente que a Metrópole enviava para o Brasil.

Numa das cartas a el-Rei, define-se Duarte Coelho como "áspero no reprehender e moderado no castigar". Talvez não tenha sido assim, porque aspérimo parece ter sido êle no afan de manter a ordem, de impôr disciplina, de fazer valer sua autoridade na colônia, não suportando nem sofrendo os demandos e "ryballaryas", tão comuns noutros pontos, principalmente em Itamaracá, onde campeava o clima do farwest. Rígido em demasia foi o donatário com os "doudos e mal ensynados", a quem sua féria agastada não perdoou, nem cessa de zurzir continuamente, a começar pela degeneração que a Metrópole golvava em aluviões sobre a colônia.

(Conclue no próximo número)



PROVINCIA LITERARIA

(Continuação da pag. 9)

... A sua poesia, sim, será eterna, se de fato trouxer a mensagem de fraternidade e beleza para os nossos irmãos agoniados com os problemas danados do tempo que passa.

Porisso não se deve confundir a verdadeira poesia com essa outra coisa que está por aí inundando as redações dos jornais e atrapalhando o senso crítico dos responsáveis pelos suplementos literários. Na verdade, os diretores e suplementos não só do Recife, como de outras capitais do país, estão sendo afogados num mar de originais de pseudo-poesia que lhes chega diariamente pelo correio, por mão própria e pelas mãos dos amigos. O pior, nessa super-produção de poemas, sonetos e baladas, é que não se aproveita cinco por cento nem do verso livre e nem tampouco do metrificado. Todo-mundo (vírgula) perpetra e seu sonetinho, o seu poeminho e quer vê-lo publicado de qualquer maneira, nem que seja na página dos anúncios de aluguer de casas.

Já um dia dêses, através do "Jornal do Commercio", nós advertíamos à jovem geração da necessidade de não se perder em êtoper poemas que não são sentidos unicamente pelo prazer de dizer que está fazendo versos. E citávamos o prudente e útil conselho de Rilke a respeito da criação poética. No entanto, poucos, muito poucos, foram os que fizeram o seu exame de consciência: — se escreviam por uma necessidade imperiosa de criar ou se aliohavam as palavras somente pelo prazer de se candidatarem ao título de poeta. De qualquer maneira não é possível que continuemos a transigir com êstes teimosos que num concurso do DASP não chegariam nem a escriturários. Infelizmente, não se pode fazer exames e nem concursos para o dar o título de poeta aos que vivem investindo diariamente contra a redação dos jornais e ameaçando todos nós de um naufrágio nesse mar de águas turvas onde a poesia jamais brilha.

Porisso mesmo a poesia está humilhada e poetas, como Mateos de Lima, não têm coragem de publicar mais nada, porque do jeito que a coisa anda nós terminaremos afogados nesse mar espúrio, como as pobres vítimas das enchentes na terra das Alagoas.

UM CONGRESSO DE POESIA EM CAMPINA GRANDE

Numa hora em que os editores e autores estão de olhos esbugalhados diante da crise do livro brasileiro, a atitude dos intelectuais campinenses, promovendo um Congresso de Poesia é extremamente significativa. Da metrópole sertaneja chegou-nos o apêlo dos seus mais jovens poetas para que o Congresso, a ser realizado em fins de maio, possa reunir a maioria dos poetas do nordeste.

Nenhuma cidade do norte do Brasil está, prezando tanto de um certame dessa natureza como a fabulosa e lanquizada Campina Grande, com os seus negociantes de ouro branco, os seus garimpeiros audaciosos, os seus mercadores de automóveis e geladeiras, seus itinerantes de todos os rãcantos do país numa confusão de todos os diabos e num progresso de todos os dias. Campina Grande é cidade de fama, muito conhecida em Nova York e Londres, Liverpool e Manchester, como o império mais acintosamente progressista do "hinterland" brasileiro, uma espécie de São Francisco da Califórnia na fase áurea. No tempo em que o algodão era exportado para a Alemanha de antes desta última guerra, corria mundo a anedota do sertanejo eufórico e gastador, acendendo seus "havanás nas pontas das cédulas de quinhentos mil réis."

Numa cidade dessas, preocupada com a especulação da bolsa de Wall Street e esquecida de Wall Whitman, eis que surge de repente uma revista — Ponto e Vírgula que é, pelo título, uma trínica advertência à civilização pragmática de seu povo, e em ela a ideia de um Congresso de Poesia. Caminhemos pois, de mãos dadas com os jovens poetas do sertão paraibano para fazer futuro conclave. Certame que irá trazer um pouco de serenidade de lago àquele turbilhão amazônico de competições comerciais. E só assim cumprirmos o nosso destino de não deixar que a Poesia seja abafada neste mundo peritudo das moedas trepidantes. Que a poesia em potencial, dos algozeiros da Borborema, dos fidalgos dos rios onde brilha o diamante de Funchal e o verde do agave que está vencendo o algodão, desabroche em maio como uma flor de muitas faces no seu imenso e universal lirismo.

(Nota: O Congresso foi adiado. Por que?)

UMA GRANDE VIDA E UMA GRANDE OBRA

O CRIADOR DA INDÚSTRIA DO CRISTAL DE QUE SE ORGULHA O BRASIL — UM OPERÁRIO ENTRE OS SEUS OPERÁRIOS



Industrial José Vita

foi alvo José Vita, destaca-se a missa mandada celebrar pelos seus operários que, por fim lhe ofereceram uma rica corbelle de flores naturais, reunidos em meio ao pavilhão industrial, falando no momento o mais antigo empregado.

Agradecendo, comovido, José Vita disse do quanto admirava o esforço dos seus anônimos cooperadores; sempre no mesmo intuito de dotar o Brasil de uma indústria que o engrandece. Terminando disse s. a. que não se considerava sino que entre os seus operários, um operário também.

Noticiando a passagem do aniversário de José Vita assim se expressou o Diário de Notícias da Bahia:

"Poucos têm a felicidade de ver coronados os seus esforços e sentir que os frutos de seu trabalho são motivo de satisfação, de alegria, mesmo de orgulho, e que, por isso, merecem o reconhecimento público e sobretudo, daqueles que foram e são dedicados colaboradores da tarefa traçada. Entre êstes, está sem dúvida, o com. sr. José Vita, que, ao completar oitenta anos de idade, é, certamente, o homem de trabalho, de só e céu azul de sua segunda pátria que ama com legítimas ternuras filiais, expressarem-se, através da sincera e tocante homenagem de amizade e gratidão que lhe prestaram os seus imediatos auxiliares e humildes operários e de numerosas felicitações de que foi alvo pelo transcurso da sua data natalícia no dia de ontem, os mais sinceros sentimentos — do orgulho que a Bahia possui pela obra prima que são os cristais da sua fabricação; da admiração que a sua tenacidade, a sua exemplar conduta e a sua inquebrantável energia de infatigável trabalhador inspiram; de gratidão pelos benefícios e amparo que sempre dispensou a todos os seus operários dedicados; e de amizade por que prima em fazer de cada companheiro de trabalho um amigo sincero".

Entre as manifestações de que

uma administração modelar. A José Vita estava, porém, reservada a missão de dotar o Brasil de uma indústria que é o nosso orgulho: a indústria do cristal.

A história do cristal da Bahia é a própria história gloriosa de José Vita, dêsse cavilheiro fidalgo, inteligente e trabalhador, cuja cabeça se embranqueceu na luta de muitos anos por descobrir o segredo da confecção do melhor cristal do mundo.

Tendo iniciado muito jovem ainda as suas atividades no grande Estado do sul, cedo constituiu uma importante indústria a que não faltava a característica de

A MAIS MODERNA INDÚSTRIA DO NORTE DO BRASIL

A COMPANHIA PRODUTOS PILAR S. A., além de manter um cadastro médico completo de todos os seus operários, ainda mantém um restaurante para os mesmos — A história de uma grande indústria de massas



O velho prédio da fábrica que evoca as lutas e cansaças dos Turtons...

A maior e mais sólida indústria de massas alimentícias do norte do Brasil está localizada em Pernambuco. Trata-se de tradicional consórcio industrial que tem uma história das mais importantes para o nosso cadastro histórico-econômico. Nasceu de um simples artesanato, por assim dizer, hoje exporta e abastece a cidade e o interior, mandando ainda, a outros Estados, mercadorias que há 74 anos davam apenas para a distribuição por alguns poucos bairros residenciais do Recife.

Passemos, pois agora, ao histórico da Companhia Produtos Pilar S. A., que hoje têm à frente o sr. Walter Turton uma das mais impressionantes figuras da indústria pernambucana.

FUNDAÇÃO DA GRANDE INDÚSTRIA

Data do ano de 1875 a

fundação da atual Companhia Produtos Pilar S. A., pelo comerciante português Luiz da Fonseca Oliveira. Passam os anos e a indústria progride, lenta mas seguramente. Carecia, então, de uma nova força a impeli-la para campos mais vastos. E essa força chega, precisamente em 1892, quando se associa à firma, o sr. Joseph Leonardo Turton, passando a firma a ser denominada Luiz Fonseca de Oliveira & Cia.

Explora-se, por esse ano já mais ou menos remoto, apenas a indústria de biscoitos. Tudo vai de vento em popa e a indústria progride a olhos vistos, apesar dos métodos comerciais da época limitarem a expansão de uma indústria que acabava de consolidar-se...

NOVOS MÉTODOS COMERCIAIS

Continuam a passar os anos e, finalmente, em fins

de 1928 e início de 1929 urge uma alteração num dos daquela então já grande indústria: o serviço de entregas dos produtos. E o sr. Joseph Leonardo Turton inaugura o primeiro automóvel para entrega, pelos estabelecimentos comerciais do Recife, das mercadorias de sua fabricação.

Mas não vai parar aí o surto de desenvolvimento, porque no ano seguinte é lançado um novo produto no mercado: o macarrão. E, logo em seguida, são instaladas máquinas para outras massas alimentícias.

Em 1936 resolve o seu proprietário transformar a firma numa sociedade anônima, pois necessidades de ainda maior expansão exigem tal medida. Essa transformação vai dar à pequena incipiente indústria de

há alguns anos o título atual de Companhia Produtos Pilar S. A.

ELEITA A PRIMEIRA DIRETORIA

E', então, eleita a primeira diretoria, ficando o sr. Joseph Leonardo Turton com a direção comercial. o sr. Joseph Turton, como diretor industrial e o sr. Walter Turton como diretor-comercial.

Atualmente é a seguinte a diretoria da Companhia Produtos Pilar S. A.: diretora-presidente, srna. Joana Consera Turton e diretor-gerente, sr. Walter Turton.

UMA MULTIDÃO DE OPERÁRIOS

Quatrocentos operários regulares povoam, atualmente, as numerosas sec-

ções dessa grande indústria pernambucana, e ao invés do único e primeiro carro de entrega inaugurado em 1929, 22 caminhonetes higiênicas, aparelhadas especialmente para o serviço, constituem a frota de entrega da Companhia, atualmente.

Acompanhando o progresso da nossa legislação social, a Companhia Produtos Pilar S. A. mantém, ainda, o mais perfeito cadastro de sanidade dos seus operários e auxiliares, mantendo para tanto médicos e ambulatório para exames regulares daqueles que servem aos seus interesses.

Ainda acompanhando as necessidades atuais, mantém a Companhia um restaurante onde são servidos quatro pratos pelo preço de 60 centavos, possibilitando, assim, ao seu operário, uma alimentação higiênica e completa, em prédio fron-

teiro à fábrica, de modo a afastar, por esse meio, a perda de repouso que seria infalível se tivesse o trabalhador de locomover-se até sua residência para a refeição.

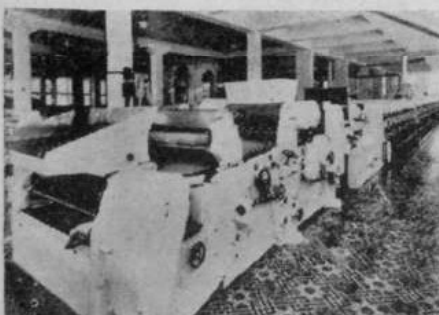
A MAIS MODERNA INDÚSTRIA DO NORTE

Trabalhando com máquinas automáticas, em sua maioria, a Companhia Produtos Pilar S. A. está enquadrada entre as mais modernas indústrias brasileiras, podendo mesmo dizer-se que é a mais moderna do norte do Brasil.

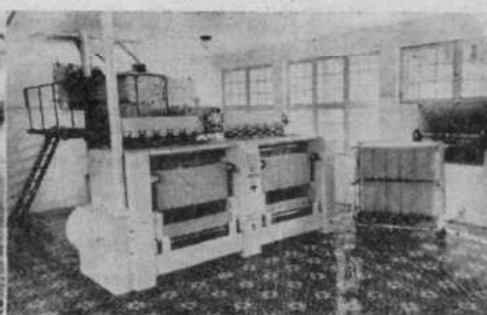
Tendo possibilidades de maior produção, tem a mesma limitada pela falta de matéria prima, que se vem verificando desde que se tirou a Pernambuco a prioridade de importação da farinha de trigo dos países que oferecem o produto por preço mais acessível.



... o novo edifício da Companhia Produtos Pilar S. A., símbolo da vitória do trabalho e da inteligência



Conjunto automático para fabricação de biscoitos tipo Cream-Crack



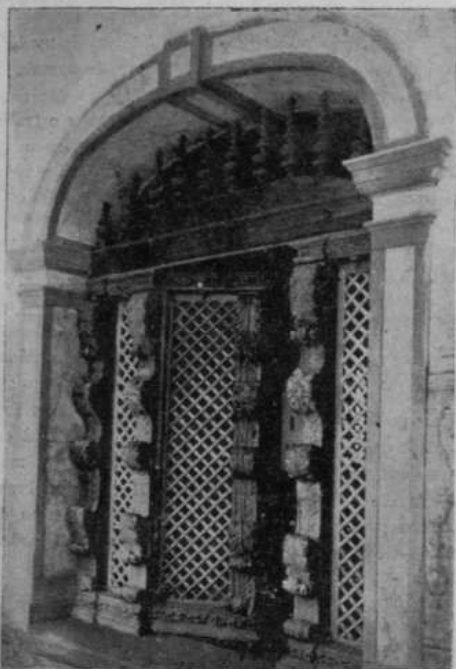
Conjunto automático para fabricação de massas alimentícias — Único na América do Sul!



Conjunto automático para fabricação de biscoitos

SALVADOR DA BAHIA

Tilde Canti



(Fig. I) Porta de jacarandá da capela — Convento do Carmo

Terras de todos os Santos...
Nosso Senhor do Bom Fim...
Uma infinidade de igrejas; baianas cheias de "balangandãs" e seus tabuleiros cheias de quitutes... acarajé, vatapá, caruru... Cidade baixa, cidade alta, casas coloniais, elevador de cimento armado; ladeiras suportadas por arcos onde se in-crustam casas que lembram moradias "trogloditas"...

Nesta cidade dos contrastes, onde as ruínas enlaidreadas dos tempos coloniais cruzam com avenidas asfaltadas, sente-se ainda o traço forte de nossos ancestrais portugueses. Salvador da Bahia lembra um pouco Lisboa. Ali nasceu o Brasil colonial tipicamente português e mulato...

Nesta Bahia tradicional, onde em cada esquina lemos páginas de nossa história e em cada canto, onde ha um templo, temos a imagem do esplendor e da força da arte colonial, sentimos bem o caldeamento de nossa gente. Pois ao lado do ar-tífice português trabalhavam os escravos índios e pretos.

Procuremos relembrar um pouco dessa história e dêase esplendor, descrevendo alguns templos, aqueles que são verdadeiros monumentos artísticos e históricos.

O primitivo Colégio dos Jesuítas, construído em 1579, teve



(Fig. II) Sacristia — Convento do Carmo

um papel preponderante no desenvolvimento da cultura brasileira. Ali o padre Antônio Vieira viveu seus últimos dias, morrendo em 18.VII.1697. Em 1558, quando Cardim andou pela Bahia, não esteve: — "Os padres têm aqui collegio novo quasi acabado: é uma quadra formosa com boa capella, livraria, e alguns trinta cubiculos, os mais delles têm as janellas para o mar. O edificio é todo de pedra e cal de ostra, que é tão boa como a de pedra de Portugal. Os cubiculos são grandes, os portaes de pedra, as portas d'angelim, forradas de cedro;... A igreja é capaz, bem cheia de ricos ornamentos de damasco branco e roxo, veludo verde e carmesim, todos com tela d'ouro;... paineis da vida de Christo e todos os Apóstolos. Todos os três altares têm doceis, com suas cortinas de tafetá carmesim;..." (1). Supomos que essa tenha sido a primeira construção religiosa importante na Bahia.

A actual Catedral Basílica é a reconstrução da primitiva igreja do colégio da Companhia de Jesus. Preambe-se que essa reconstrução tenha começado entre 1674 e 1694, na época das grandes reconstruções na Bahia, depois da guerra com os holandeses. Já em 1696, ha o testemunho de Froger, que esteve na Bahia com a esquadra franceza, comandada pelo "monsieur" De Genes; tendo elle ficado muito impressionado com "os grandes mosteiros, ricos e numerosos, sobretudo o dos Jesuítas, que abrigava 193 religiosos e em cuja igreja havia a mais rica, artistica e monumental das sacristias" (2). Entretanto consta que só em 1744 tenha sido terminada a construção da Catedral, que só tomou esse nome depois da expulsão dos jesuítas em 1760. Diz Pedro Calmon que a igreja da Companhia foi feita "segundo o desenho de S. Vicente de Fora em Lisboa e da igreja dos jesuítas de Santarem" e também que: "Ao magestoso templo corresponde uma sacristia em estilo e beleza comparável ás melhores obras do século, adornada além disto de retábulos "qu'ils n'ont dit être des meilleurs Maitres d'Italie", no conceito d'um viajante de 1702" (3). Sua fachada é toda revestida de pedra d'Alvatura vindas logo no principio do Século XVIII, de Portugal. Pois o navegador francês Frezier, em 1714, comenta: — "Na igreja dos Jesuítas, revestida de mármore trazido da Europa, destacava-se a sacristia muito bela, tanto pela elegancia da obra dos arcazes e mobiliário em geral, feitos de madeira preciosa com embutidos de marfim..." (4). Seu interior é muito interessante pela variedade de estilos encontrados em seus altares. O teto de madeira esculpida em branco e ouro, no estilo corrente do Século XVIII no Brasil. Entretanto os altares variam desde este estilo, com anjos coloridos, em barroco pesado, até o estilo florentino com mármore de cor. O altar-mór é todo de talha dourada; tendo dos lados painéis pintados sobre madeira, com ricas molduras esculpidas e douradas. Em várias peças de mármore que integram sua construção interna, há esculturas, como nas colunas e alcares das portas. O teto sob o côro tem uma pintura floral no gênero da pintura bizantina. Tendo sofrido várias reformas, imaginamos que essa variedade de estilos nos altares seja decorrente disto. Pois na época colonial, não se costumava usar os mármore coloridos italianos, formando desenhos geométricos por incrustação; nêsse estilo ainda corrente, hoje em dia, em Florença e Pisa. No Brasil do Século XVIII havia em abundância o jacarandá e o ouro, que eram, de preferência, usados pelos artistas que trabalhavam nos templos coloniais.

Dois anos depois de começado o colégio dos jesuítas, chegaram na Bahia em 1581, os beneditinos, que se instalaram na ermida de S. Sebastião então existente. Logo em seguida começaram a construir seu mosteiro que, durante a guerra com os holandeses, foi teatro de acontecimentos históricos. Comemorando esses acontecimentos há uma placa que diz: — "Aos 9 de Maio de 1624 entraram os Holandeses por esta porta. Aos 30 de Março de 1625 este mosteiro foi transformado em quartel General do Sul, onde aos 2 de Abril de 1625 os Holandeses num ataque imprevisto mataram grande parte da guarnição que foi sepultada no seu claustro". Presume-se que seu mosteiro tenha sido reconstruído em 1670 e anos seguintes, tendo como arquiteto Maccario de S. João que faleceu em 1676. A igreja de S. Bento, porém, ao contrário das do Rio e Olinda, não tem nenhum interesse artistico marcante. Construída no S. XIX, pois foi terminada em 1877, tem apenas um ou outro vestigio da riqueza architectônica dos tempos coloniais. Sente-se nela a decadência da arte religiosa no Brasil.

Um dos maiores conventos de fins do S. XVI, antes de completadas as construções dos conventos e mosteiros dos franciscanos e beneditinos, foi o Convento do Carmo, cujos irmãos chegaram em 1586. A sacristia deste convento é uma das mais decoradas da Bahia. Em estilo barroco, tem no teto pinturas religiosas, emolduradas em rosáceas douradas; alternando com as pinturas há pinjentes esculpidas. Toda parede é recoberta de entalhes e pinturas. Havendo nos vãos das janellas estátuas de figuras da igreja. A pia também barroca é em mármore. (Fig. III). Os móveis acompanham o estilo manuelino das portas. "A sua bela igreja foi principiada em 1602. Igualmente o mais afastado do centro urbano, desempenhará importante papel militar nas guerras holandesas. Pôde servir de quartel general a D. Fradique de Toledo em 1625" — (5).

Com o primeiro surto de construções religiosas no Brasil os franciscanos construíram uma pequena capela, no local da actual portaria do convento, onde existe um modesto altar.

Em 1587 lançaram a pedra fundamental de seu primeiro convento na Bahia que, então, de proporções modestas, foi destruído com a invasão holandesa. Sua reconstrução presume-se que seja anterior a 1633 (pelo menos o início da reconstrução). Entretanto em 1696 ainda se falava nessa reconstrução; pois



(Fig. II) Detalhe de Igreja de S. Francisco

contribuiu para mesma o Governador Geral do Estado "Marquez das Minas", D. Antônio de Sousa Telles de Menezes (governador entre 1685/7). Essa reconstrução obedeceu ao estilo tipicamente franciscano onde a harmonia das arcadas clássicas que circundam o pátio do claustro, deixa escoar a luz do céu azul sobre os azulejos portugueses que contam histórias religiosas. (Fig. IV). Portas de jacarandá, onde a talha sofreu influencia manuelina, barroca e moçárabe, fecham, aos olhos profanos, as reliquias artísticas do velho convento (Fig. I). Na sala do Capítul, além da barra de azulejo, que é uma das características na construção franciscana, e das esculturas douradas do altar, o teto tem pinturas religiosas enquadradas em molduras octogonais e estreladas com frios e entalhes dourados sobre fundo branco; estando recobertas de motivos barrocos as ricas molduras dos vários quadros da sala.

(Continua na 2a. pag.)



(Fig. IV) Claustro do convento de São Francisco